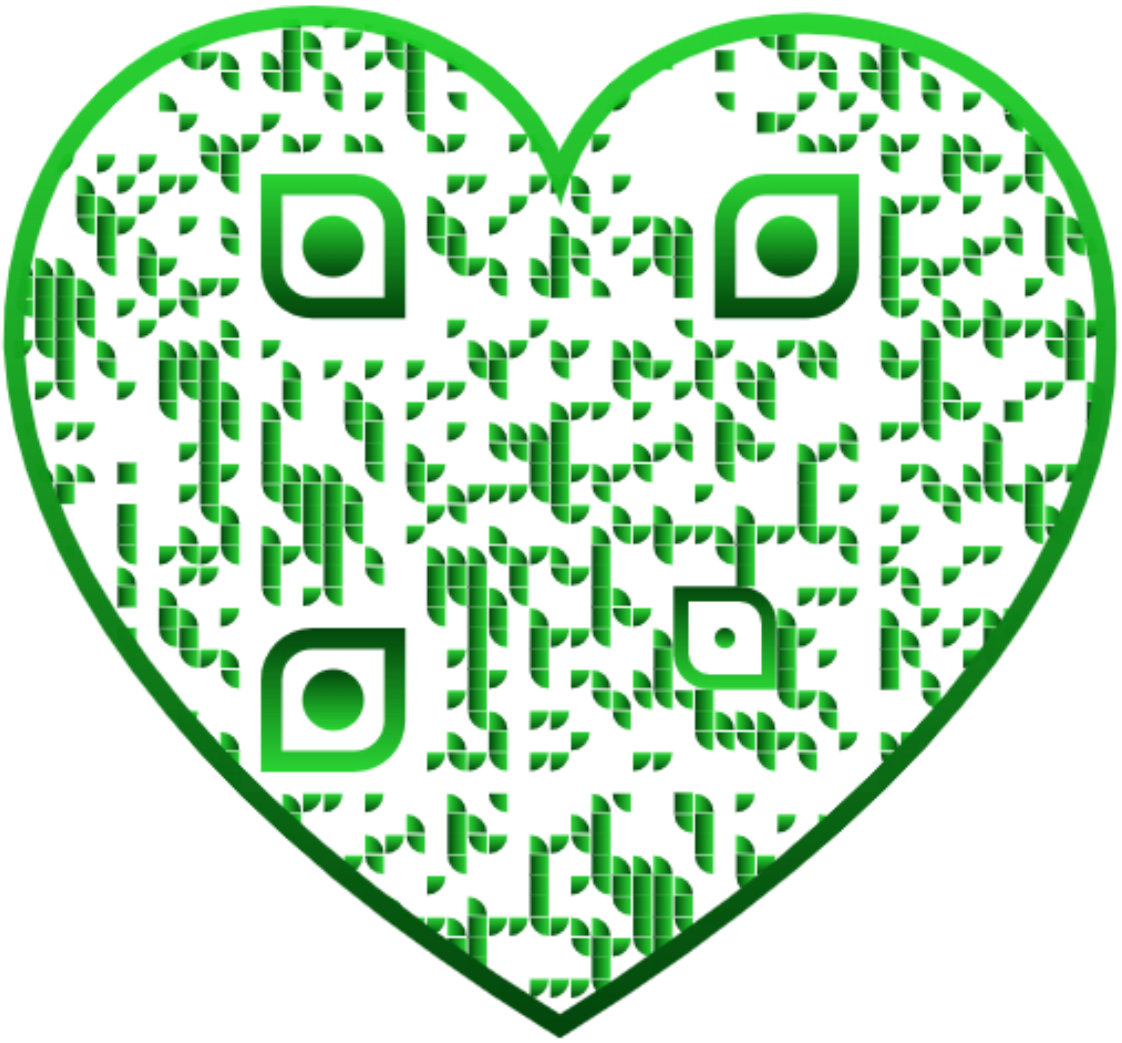
LOUD!

MENSAL
ANO XX
N.º 225
12/2019
€3.50
[CONT.]

AIRBOURNE COUNTERPARTS AVATARIUM
BLOOD INCANTATION STRIGOI LEPROUS SIMBIOSE



COUNTERPARTS

NOTHING LEFT TO LOVE

OUT NOW

GRAND SLAM

HIT THE GROUND

THE NEW ALBUM
AVAILABLE NOW!

Marshall RECORDS

IRON MAIDEN

SPECIAL GUESTS

WITHIN TEMPTATION

AIRBOURNE

LEGACY OF THE BEAST TOUR

ESTÁDIO NACIONAL
23 JULHO, 2020

WWW.TICKETLINE.PT | WWW.BLUETICKET.PT

TROOPER PREMIUM BRITISH BEER

Prime Artists · RTP · ANTENA 3 · »TICKETLINE · BLUE TICKET · fnac

WWW.IRONMAIDEN.COM

PLAY THE GAME!
DOWNLOAD NOW
IRONMAIDEN.COM/PLAY

M/G

EDITORIAL
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

CLASSI-CISMOS

Não é certamente um eufemismo dizer que, embora o anúncio e eventual edição do «Fear Inoculum», dos Tool, tenha sido o acontecimento deste ano para uma enorme multidão, houve mais um disco, muito desejado, a aquecer ânimos e a elevar expectativas em 2019. Isto porque aqui temos, *at long last*, o tão aguardado álbum orquestral dos alemães Blind Guardian. Com origem no período anterior ao lançamento do icónico «Nightfall In Middle-Earth», anunciado como uma possível banda-sonora para a trilogia de filmes «O Senhor Dos Anéis», o projecto foi ignorado por Peter Jackson e pela sua equipa de produtores. A ideia acabou por ficar para segundo, ou até terceiro, plano, face ao desejo dos próprios músicos de se concentrarem na outra tarefa que tinham em mãos terminarem o próximo capítulo da sua própria saga. Pois bem, isto tudo aconteceu há cerca de dezanove anos. Alguém por aí mencionou um período de longa gestação?

Há que admitir uma coisa, no entanto; o grupo germânico foi tão transparente quanto possível em relação ao evoluir do projecto e, apesar de alguns *deadlines* anunciados de que nunca mais se ouviu falar, era do domínio público que tanto o vocalista Hansi Kürsch como o guitarrista André Olbrich, o núcleo criativo da banda, estava a dar seguimento à empreitada entre ciclos de álbuns e digressões. Não nos atrevemos a sugerir que isto foi tudo planeado, mas não deixa de ser curioso que, se houve algo que as últimas décadas nos ensinaram, foi que este disco orquestral era uma inevitabilidade, apenas sem data de lançamento à vista. Ao longo do tempo, os Blind Guardian afirmaram-se como os mais visíveis e celebrados defensores da fusão do metal progressivo com a música sinfónica e, agora, aqui estamos, face a uma ópera orquestral de uma hora, em que se despem de todo o rock e metal, para suportarem a sua visão puramente sinfónica.

Se este conceito ainda vos faz confusão, provavelmente está na hora de perceberem que a união do heavy metal e da música clássica é uma das conexões mais lógicas na música moderna goste-se ou não dos resultados, o virtuosismo e o extremismo emocional que unem os dois géneros são, sem dúvida, inegáveis. Além de partilharem um enorme amor pelo teatro (pensem no Wagner, no Paganini, no Ozzy, no Alice Cooper ou nos Kiss), estes dois estilos de música têm muito mais em comum do que se possa pensar à partida e até os ouvintes tendem a ter traços comportamentais semelhantes, sendo introvertidos e criativos. Isso explica porque é que gerações e gerações de *headbangers* se voltaram para a música "séria" para modelarem todos os solos acrobáticos de guitarra, as progressões harmónicas propulsivas, os extremos dinâmicos e todo o tipo de virtuosismo.

Ainda não acreditam? Então fica aqui mais uma achega. Uma citação de Lars Ulrich, que é o baterista de uma das bandas de metal mais famosas do mundo, em conversa recente com a Rolling Stone, acerca da reunião dos Metallica com a Orquestra Sinfónica de São Francisco para o «S&M2»: "*No nosso caso, o Cliff foi, definitivamente, a porta de entrada para muitas coisas clássicas,*" disse o músico. "*Quando ele começou a falar sobre música clássica em 83, 84, eu e James ou, pelo menos, eu, não quero estar a falar pelo James talvez não estivéssemos prontos para ouvir muitas dessas coisas mas, lentamente, com toda a sua persistência, conseguiu pôr a música clássica no nosso radar. Agora, vejo uma intersecção entre algumas das coisas mais sombrias, dissonantes e menores que fizemos.*" No caso dos Blind Guardian, a ligação sempre foi ainda mais forte e, apesar de, às tantas, termos ficado todos a pensar que o «Legacy Of The Dark Lands» ia ser o canto do cisne dos músicos, septuagenários, a despedirem-se dos seus fãs com um majestoso *requiem*, o resultado final está muito longe disso.

LOUD!

N.º 225/ DEZEMBRO 2019

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

NOTICIAS
[noticias@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Cátia Nóbrega, Emanuel Ferreira, Fernando Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque, Sónia Ferreira
Capa: Gyula Havancsák

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

#225

NOTÍCIAS 06

MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO 08

ASTROSAUR 09

GRAND SLAM 10

FIRE FROM THE GODS 11

ASSINATURAS 12

AIRBOURNE 14

WOLVES LIKE US 16

THE DEVIL WEARS PRADA 18

LOUD! DJ
ARTIGO 21 20

ESPECIAL LUSOFONIA
WILDNORTHE 22

ESPECIAL LUSOFONIA
WELLS VALLEY 24

ESPECIAL LUSOFONIA
SIMBIOSE 26

AVATARIUM 28

BLIND GUARDIAN 30

COUNTERPARTS 36

LEPROUS 38

STRIGOI 40

BLOOD INCANTATION 42

DISCOS 44

TESOURINHO PERTINENTE
PILEDRIVER 53

LIVE & LOUD! 54

AGENDA 58

14
AIRBOURNE

40
STRIGOI

30
BLIND GUARDIAN

NOTÍCIAS

NOTICIAS@LOUDMAGAZINE.NET

INHUMAN

Como forma de celebrar os 25 anos sob a edição do primeiro álbum dos GENOCIDE, a Larvae Records, em parceria com a Nightfear, anunciou a reedição do disco em diversos formatos. À cabeça temos uma edição em *boxset*, super-luxuosa que inclui o álbum em **vinil de 12"** (com respingos vermelhos/pretos), **CD-duplo**, **cassete com fita de prata**, ***t-shirt***, **remendo bordado**, **palheta de guitarra**, **adesivo de logótipo** e um **certificado de autenticidade numerado à mão e assinado pela banda**. As outras edições, um pouco menos ambiciosas, passam pelo vinil e CD-duplo, com este contendo não só o disco de estreia, mas também **temas incluídos em diversas colectâneas da altura, as maquetas e um par de faixas ao vivo**. Após o anúncio das pré-vendas, as 50 cópias iniciais da caixa esgotaram e como, nas palavras da editora esta "***é uma edição de fãs para fãs***", face aos inúmeros pedidos, foi decidido, entre as editoras e a banda, avançar com mais 50 cópias, para assim se conseguir responder aos inúmeros pedidos que surgiram mal foi feito o anúncio da edição.

Os GROG vão participar numa compilação de homenagem aos Napalm Death. O projecto está a ser posto em prática pela independente The Hills Are Dead Records e **a edição está planeada já para o mês de Dezembro**. O "tributo", que é apresentado como "***uma celebração de uma peça de arte única***" vai contar com um total de 28 temas e grupos participantes, sendo que **o quarteto liderado por Pedro Pedra vai contribuir com a sua própria versão do tema «Deceiver»**, incluído no icónico disco de estreia **«Scum»**, um dos títulos mais emblemáticos do grind e alvo da homenagem desta edição. O vocalista do grupo nacional explicou-nos que "***crescer musicalmente com uma banda como os Napalm Death foi um desafio em muitos momentos***, *mas que hoje se revela totalmente ultrapassado com esta homenagem. O grindcore deles deixou marcas profundas que hoje vestimos com muita honra!*"

Está aí à porta a vigésima edição do festival BUTCHERY AT CHRISTMAS TIME, a realizar-se entre os dias 13 e 14 de Dezembro próximo, no Centro Cívico Vila do Carvalho, na Covilhã. **Os cabeças-de-cartaz serão os veteranos do death metal AVULSED**, aos quais se juntam nove nomes divididos pelos dias de sexta-feira e Sábado. Na sexta-feira, 13 de Dezembro, actuam a partir das 21:30, os **CAPELA MORTUÁRIA**, os madrilenos **FOSTIONER** e os nacionais **SIMBIOSE**. No dia 14 de Dezembro, o cartaz é composto pelos **DIVINE RUIN**, **HOMICÍDIO**, **GRINDEAD**, **ALCOHOLOCAUST**, **THERIOMORPHIC**, **SERRABULHO** e os já referidos **AVULSED**, sendo que os concertos têm início às 16:30.

Os algarvios INHUMAN, nome emblemático do movimento underground dos 90s, altura em que gravaram os muitíssimo aplaudidos **«Strange Desire» e «Foreshadow»**, em 1996 e 1998, respectivamente, **vão finalmente gravar o seu terceiro registo de longa-duração.** O colectivo prepara-se para entrar em estúdio já no mês de Janeiro de 2020, após um longo período de inactividade, interrompido apenas este ano, já após a reedição do segundo álbum através da Chaosphere Recordings. **A banda já compôs dez temas** tendo em vista o futuro registo de estúdio e os trabalhos de pré-produção já se iniciaram, sendo que **o álbum será produzido por Daniel Cardoso**.

Sediado em Portugal, **MISFIT TRAUMA QUEEN é a aventura a solo do baterista e produtor David Taylor.** A música do multi-instrumentista combina, segundo o próprio, "*elementos da electrónica hardcore e assertivas baterias e secções rítmicas, formulando imaginários que relembram antigos mitos, como se os instrumentais de Death Grips fossem produzidos por Gesaffelstein.*" Depois da edição do EP de estreia, **«External»**, já na recta final de 2018, **o primeiro longa-duração deste novo projecto do músico com ligações aos Bad Pig, intitulado «Violent Blue», tem data de lançamento agendada para o próximo dia 16 de Dezembro**.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
HAVE A NICE LIFE – Sea Of Worry
NEGATIVA – 03
THE DEATHTRIP – Demon Solar Totem
THE GUN CLUB – Fire Of Love
WOLVES LIKE US – Brittle Bones

JOSÉ CARLOS SANTOS
MIDNIGHT – Rebirth By Blasphemy
STRIGOI – Abandon All Hope
EYE FLYS – Context
MERZOTNA POTVORA – Suča Maty
SNORLAX – II

PEDRO ROQUE
HAVE A NICE LIFE – Sea Of Worry
KRINGA – Feast Upon The Gleam
SEREIAS – O País A Arder
NIGHTMARE – Thirsty And Wander
ZORN – Hardcore Zorn

RICARDO S. AMORIM
REFUSED – War Music
MAYHEM – Daemon
FUGAZI – 13 Songs
CAM COLE – I See
JOSÉ MÁRIO BRANCO – Ser Solidário

MARTA LOURO
KRINGA – Feast Upon The Gleam
SWANS – leaving meaning.
VULTURE – Ghastly Waves & Battered Graves
HOLOCAUST – The Nightcomers
ACID – Acid

LUÍS PIRES
BLOOD INCANTATION – Hidden History Of The Human Race
BORKNAGAR – True North
CLIPPING. – There Existed An Addiction To Blood
PRIMITIVE MAN – Scorn
SLANT – Vain Attempt

★★★ OS TOPS DO ★★★

JCS

MELHORES CANÇÕES DOS

Blind Guardian

01. Run For The Night
02. Majesty
03. Nightfall
04. Lost In The Twilight Hall
05. Valhalla
06. And Then There Was Silence
07. Mirror Mirror
08. The Bard's Song – In The Forest
09. Lord Of The Rings
10. Battlefield

CHAOSPHERE RECORDINGS
PROUDLY PRESENTS

P.B.O.
"FOGUETEIRO AZEITÃO"

CHAOSV032

500 COPIES
LTD. EDT. MULTI-COLORED SPLATTER 7" VINYL

An insane project from João Gordo (Ratos de Porão) with Jonhie (Simbiose), Pedro Rolão (31) and the invited guest Ivo Martins (Grog)!!! Includes a special b side remix by João Queirós and Luis Lamelas [F.E.V.E.R.]!

WELLS VALLEY
"RECONCILE THE ANTINOMY"

CHAOSV033

LTD. EDT. 12" VINYL LP
150 COPIES BLACK VINYL + 150 HALF CLEAR / HALF BLACK VINYL

The new opus and third release for this blackened avant-garde metal power trio. Six heavy and intense hymns opening new dimensions with their distinctive sound. A new step towards an endless cosmos!

DRAKKAR
"MOSTRENGO"

CHAOSCP030

300 COPIES
LTD. EDT. CD

Probably the most long awaited heavy/power metal record, since the early nineties, in Portugal. With three demo-tapes recorded 25 years ago building a solid name, numerous line-up changes lead to a long hiatus. This is persistence materialized!

Glam-O-Rama
•ROCK SHOP•
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE
RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

WOLVES LIKE US
BRITTLE BONES
OUT NOW

„Five years after Black Soul Choir and the uniqueness of Norway's Wolves Like Us is still remarkably unparalleled."
- Metal Hammer (UK)

„Rock music at its purest."
- Discovered Magazine

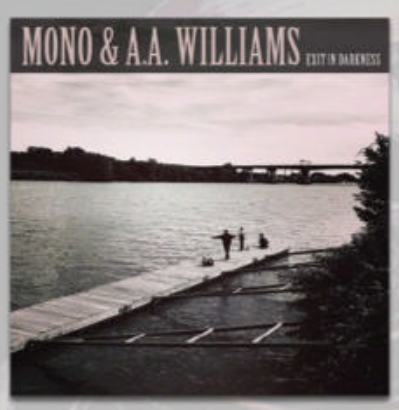
„Wolves Like Us have crafted an album of rare depth, that strikes just the right balance between musical and emotinal maturity and raw energy skills."
- Astral Noize

ASTROSAUR
OBSCUROSCOPE
OUT NOW

„...a record that has every intention of blowing your mind completely."
- Metal Injection

"The instrumental Norwegian trio just may be the next great post-metal band."
- MetalSucks

"Astrosaur are pushing their unique combination of sludge, prog, post-metal, and a hint of jazz into uncharted aural territory."
- Invisible Oranges



MONO & A.A. WILLIAMS
EXIT IN DARKNESS
10"LP | CD • OUT DECEMBER 13, 2019

ENVY
THE FALLEN CRIMSON
2XLP | CD • OUT FEBRUARY 7, 2020

HYPNO5E
A DISTANT (DARK) SOURCE
2XLP | CD • OUT NOVEMBER 22, 2019

PELAGIC RECORDS

FIND THESE AND MORE FINE RELEASES AT PELAGIC-RECORDS.COM

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

ARTE DE FURTAR E A CORRUPÇÃO DO BACALHAU

DAVID SOARES

Rubricada pela guerra com Castela pela autonomia pátria e por uma friíssima conjuntura climática devastadora para o agriculto, a segunda metade do século XVII foi em Portugal período de contraste entre treva e luz, pontilhado por migrações para os espaços ultramarinos; em principal, os dos Brasis. Foi um tempo em que a aristocracia da dita "corte na aldeia" se reurbanizou, enquanto novíssimas casas senhoriais se levantavam por todo o reino. São anos de conspirações urdidas para derruir a recém-instaurada dinastia de Bragança; como a que foi maquinada por D. Sebastião de Matos e Noronha, arcebispo de Braga, e pelo sobrinho Rui de Matos de Noronha, o primeiro – e último… – conde de Armamar. Este foi o mapa mental que acolchoou o nascimento de um dos mais espantosos livros da modernidade portuguesa – e o melhor livro seiscentista português que não foi escrito pelo Padre António Vieira; protagonista activo do seu tempo que durante anos foi considerado o autor deste texto notável.

A «Arte de Furtar, Espelho de Enganos, Theatro de Verdades, Mostrador de Horas Minguadas, Gazúa Geral dos Reinos de Portugal» (para dar o título completo) foi dado à estampa em 1743 por um tipógrafo do sítio do Loreto (actual Praça Luís de Camões, em Lisboa), impresso com data e local fictícios de 1652 e Amesterdão (de facto, o manuscrito terá sido escrito em 1652 e terão circulado cópias). No frontispício apresenta-se Vieira como autor: falecido há quase cinquenta anos, a sua reputação era de heterodoxo, logo afigura-se plausível que o escolheram para credibilizar o conteúdo corrosivo do livro. Hoje não há dúvida quanto à autoria: a do padre jesuíta Manuel da Costa, nascido na fronteiriça aldeia alentejana da Granja e residente em diversas localidades meridionais e insulares que servem de cenário aos episódios verídicos que relata na sua Arte. "Arte" em oposição a "Tratado": este comporta um desígnio erudito, filosófico, enciclopédico, enquanto que aquela exprime uma intenção prática, oficinal, mecânica; é, pois, finura irónica que se intitule Arte, no sentido de persuadir o aprendiz de algoz que nestas páginas aprenderá as artimanhas, quando ocorre o contrário – é uma severa crítica à corrupção de todo um país.

Um episódio expressivo das centenas de casos narrados por Costa encontra-se, quase no início, no capítulo VII: um "homem de negocio" recebeu do Norte um "navio de bacalháo meyo corrupto" (na acepção de meio-podre) e ficou a pensar como haveria de recuperar o "gasto de tal droga"; para tal, falou com um "Provedor das fronteiras", deu-lhe dois mil cruzados "para luvas" (ou seja, subornou-o), de molde a que este vendesse o bacalhau ao exército em guerra com Castela, pois sabia-se que "a fome dos Soldados" era uma desgraça reiterada. O corrompido conselheiro assim procedeu: na reunião do conselho real perorou a D. João IV que não só o bacalhau "he muito bom mantimento para campanha", como já diligenciara, "porque nada me escapa", reservar a um bom negociante "uma partida grossa muito barata"; nesse instante, manda chamá-lo. Este finge preocupar-se com o "provimento do povo" a quem o bacalhau se destinava, mas "o serviço de sua Magestade ha de hir diante" – assim, vende por vinte mil cruzados o bacalhau meio-podre. Sem delonga arrebanham-se almocreves para desde a Aldeia Galega (actual Montijo) levá-lo de mula até Elvas. Sem provisões, os infelizes almocreves na viagem vão-se alimentando do bacalhau estragado e pondo de molho aquilo que resta para que pelo peso não se dê pela falta: "eles o molhão, para que não falte no pezo". Quando é finalmente armazenado no destino, já o bacalhau, golpeado pelo calor e demolhado várias vezes, está totalmente putrefacto: "recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados não o aceitão, nem os caens o comem".

Este quadro seiscentista de Josefa de Óbidos, contemporâneo de a "Arte de Furtar, assinala a primeira vez que o bacalhau salgado aparece representado na arte portuguesa.

E é com este canto de meter nojo aos cães que vos convido à descoberta de a «Arte de Furtar», cujas fidedignas lições ladroais permanecem tão actuais.

ASTROSAUR

Noruegueses com formação clássica, e colaborações com Ihsahn e os Leprous, fundem rock instrumental, black metal e jazz num híbrido capaz de picar miolos.

Convenhamos, os ASTROSAUR podiam ser outra banda qualquer. Um trio de músicos muito talentosos e criativos, apostados em anular as linhas que dividem a música extrema. Verdade seja dita, todos, ou quase todos, os países têm uma proposta destas. Só que, no caso destes noruegueses, há uma série de detalhes que, mesmo que a música fosse só passável, o que não é o caso, já bastariam para se tentar perceber melhor as motivações do grupo. Não que seja uma coisa assim tão bizarra, mas a banda é formada por três jovens, o guitarrista Eirik Kråkenes, o baixo Steinar e o baterista Jonathan Eikum, que suaram as estopinhas para estudarem, efectivamente, aquilo que fazem. "*Eu toco em bandas e dou aulas de guitarra, por isso passo o tempo todo a tocar,*" diz-nos o guitarrista e líder do projecto, Eirik, em jeito de introdução. "*Sempre tivemos muita música na minha casa e foi o meu irmão mais velho que me mostrou as primeiras bandas de metal – ouvi pela primeira vez os Iron Maiden quando era muito novo. Percebi logo que queria tocar, mas acabei por pegar na guitarra pela primeira vez apenas aos onze anos. Nessa altura estabeleci que a música ia ser uma prioridade da minha vida e submergi-me nela a tempo inteiro durante cinco anos, nos quais tirei uma licenciatura e fiz mestrado.*" Pois é, em vez de se ter conhecido no fórum para músicos lá da cidade, num espectáculo ou num qualquer bar entre duas ou três cervejas, o trio cruzou-se no Conservatório de Música de Kristiansand, onde todos estavam a estudar os respectivos instrumentos. Foi, portanto, num ambiente maioritariamente conservador que começaram a dar os primeiros passos. "*Durante esses anos, fartei-me de tocar com outros músicos, os meus dias eram passados assim, a fazer e a tocar música,*" recorda Eirik. "*Os Astrosaur surgiram como uma banda instrumental, depois de uma série de experiências que acabaram por não ir a lado nenhum. Já tínhamos tocado em projectos com vocalistas, mas... Basicamente, queríamos ter um escape, onde pudéssemos pôr todas as ideias que tínhamos sem constrangimentos de qualquer espécie. Liberdade, portanto.*"

«Obscuroscope» é o mais recente resultado deste constante processo de libertação. Um disco um pouco mais pesado e enérgico que a estreia «Fade In // Space Out», que acaba por soar um pouco mais brilhante em termos gerais também. Os temas, esses, têm mais riffs memoráveis e mantêm espaço suficiente para os ambientes férteis à improvisação, que já tinham caracterizado o registo anterior. Coincidência ou não, a verdade é que uma grande parte do material foi concebido *on tour*, muito por culpa dos rigorosos esquemas de trabalho de músicos que estão envolvidos em projectos e participações musicais extra-Astrosaur. "*Todos temos uma série de outros projectos,*" explica. "*Eu já fiz digressões com o Ihsahn e com os Leprous, mas os outros dois também estão sempre a tocar com pessoal diferente. Tentamos estar sempre ocupados.*" Resultado, a banda teve apenas seis dias para experimentar e finalizar as ideias que trazia das digressões, o que, segundo o músico, "*trouxe um elemento de espontaneidade para a sessão de gravação.*" E o que nos traz também a uma derradeira questão. Com a academia e o heavy metal a serem ainda vistos por muita gente como géneros em lados opostos do que é a música, como é que lidam com o facto de terem um pé em cada um destes campos? "*De certa forma é como se estivéssemos a quebrar algumas regras,*" responde o simpático Eirik Kråkenes. "*E, para podermos quebrar as regras, tivemos de as aprender primeiro. Geralmente, as pessoas criam expectativas quando ouvem dizer que alguém estudou num conservatório, mas a verdade é que ninguém tem de seguir sempre as regras quando se fala de música. Aliás, no momento da criação, acho que a única coisa que devia ser obrigatória era seguirmos a nossa inspiração. É isso que fazemos com os Astrosaur e, para ser sincero, não estamos aqui para corresponder às expectativas de mais ninguém além de nós próprios.*" [J.M.R.]

> *"No momento da criação, acho que a única coisa que deve ser obrigatória é seguirmos a nossa inspiração."*

GRAND SLAM

Um novo nome no hard rock, com 35 anos de existência. Estranho? Certamente.

Os GRAND SLAM foram a última banda que Phil Lynott criou, antes da sua morte em Janeiro de 1986. O guitarrista da época, Lawrence Archer, resolveu regressar agora com o grupo, e estreia-se com «Hit The Ground». A nova versão dos Grand Slam é constituída por Mark Stanway, Mike Dyer, David Boyce e Benji Reid. Todos eles escolhidos por Lawrence Archer, conhecido inicialmente pelo trabalho com os Stampede, nome da NWOBHM, e mais tarde pela participação nos UFO. O guitarrista explica-nos que sempre teve em mente gravar os temas da forma que deviam ter sido gravados, para poderem ser escutados da forma correcta, justificando assim este regresso. "*Este foi o momento da minha carreira em que tive tempo e dinheiro para investir no projecto*," explica. "*No passado existiram gravações de menor qualidade, algumas feitas ao vivo, outras de* bootlegs." Apesar de usar o termo "projecto", o músico sublinha a seguir que "*os Grand Slam não são um projecto, mas uma banda.*" Segue-se então "*uma digressão por Inglaterra, que começa com uma data em Londres, na altura do lançamento do disco. Depois disso, seguem-se sete datas, e estamos já a tratar de novos concertos e festivais para 2020, incluindo uma digressão pelo continente. Também já estamos a preparar um segundo álbum.*" A fagulha que terá feito isto tudo (re)começar deu-se há cerca de dois anos, quando Lawrence Archer ia participar como guitarrista num formato de 3G, necessitando de reunir um grupo "*para tocar alguns temas de Gary Moore, UFO e Thin Lizzy, além de Grand Slam,*" revela. "*No final percebi que tinha corrido muito bem, e que aquele era o momento e a formação certa para recuperar os Grand Slam.*"

Já a verdadeira origem do grupo, prende-se com Phil Lynott, que após ter terminado com os Thin Lizzy, "*agendou uns concertos a solo para a Suécia e levou o John Sykes e o Brian Downey com ele,*" recorda Lawrence. "*Chamou a isso The Three Musketeers, mas era essencialmente o disco a solo do Phil e um par de temas dos Lizzy.*" Após essas datas, John Sykes ingressou nos Whitesnake, altura em que Phil liga a Lawrence. "*Perguntou-me se estava interessado em formar um grupo, escrever novos temas e começar algo novo, porque ele queria tocar guitarra comigo,*" afirma. "*O Brian Downey ainda participou do grupo nos primeiros meses, mas devido ao Phil continuar com o consumo de drogas, e estar rodeado de pessoas, tanto na sua* road crew *como fora dela, que apenas o arrastavam para isso, resolveu não continuar.*" O projecto tinha tudo para continuar, chegando mesmo a ser editado o *single* «Nineteen», poucas semanas antes da abrupta morte de Phil Lynott, que o músico revela ter sido "*uma fase muito difícil.*" Diz ele: "*Eu e o Phil éramos muito próximos na altura, ele era o herói de todos nós. Nos últimos meses da sua vida estive sempre na sua companhia, e sei que ele fez um esforço para se livrar das drogas e ter um outro tipo de vida, mas muitos dos que o rodeavam tornavam isso difícil.*" Nunca chegou a existir um disco completo, apenas alguns temas, como «Military Man», «Sisters Of Mercy» ou a tal «Nineteen», os quais Lawrence recupera agora, para serem "*gravados e escutados como mereciam.*" **[E.F.]**

Este foi o momento da minha carreira em que tive tempo e dinheiro para investir no projecto.

FOTO: STEPHEN JENSEN

FIRE FROM THE GODS

Norte-americanos idealistas e sonhadores marcam uma década de existência com o seu terceiro álbum.

Formados em 2010, os norte-americanos FIRE FROM THE GODS marcam 2019 com a edição do seu terceiro longa-duração, «American Sun», um disco que, de acordo com o vocalista AJ Channer, "*deve ser entendido como a realização de um futuro mais risonho, um futuro no qual a paz, a harmonia e a união não sejam compradas e pesadas a sangue e morte. O título deve ser entendido como uma analogia ao sonho americano, interpretado não como um objectivo ao qual apenas um grupo de pessoas pode ambicionar chegar, mas sim como algo para o qual devemos caminhar enquanto Humanidade, acessível a todos, um mundo no qual seja possível encontrar a unidade através das nossas diferenças*." Suportado em princípios tão nobres e vincados, as influências na base de «American Sun» foram, de acordo com o nosso interlocutor, "*as nossas experiências de vida, os altos e baixos, a alegria e a tristeza, o desejo de amar e o ser amado, a necessidade de pensarmos num futuro melhor e a necessidade de encontrarmos pontos de união. Tudo isto e muito mais faz parte da nossa vida, da sociedade louca na qual vivemos e, obviamente, inspira-nos a escrever novo material*." E na hora de escrever novo material, a ansiedade continua a marcar presença face à perspectiva de superação do que está para trás? AJ confirma-o, afirmando que "*o sucesso inesperado de «Excuse Me»* [N.R.: canção editada em 2016] *colocou-nos a fasquia num patamar que nos obriga a fazer mais e melhor a cada novo disco, embora a ideia não passe por fazer outra canção como essa, mas sim manter um nível qualitativo e uma consistência do disco como um todo e não suportados em singles ou sucessos pontuais*." Banda talhada para palcos, é aí que a intensidade da sua música alcança a sua máxima plenitude, tal como nos explica o vocalista: "*Quando escrevemos e gravamos as canções em estúdio já procuramos colocar-lhes tanta intensidade e emoção quanto possível, mas é ao vivo que as condições se reúnem para expressarmos toda a energia e paixão que queremos transmitir através da música.*"

"A minha mente é uma arma e tenciono usá-la."

Boa parte dessa paixão é transmitida através das letras, sempre carregadas de uma mensagem forte e efectiva enquanto agitadoras de consciências. "*Eu costumo dizer que a minha mente é uma arma e tenciono usá-la,*" refere AJ quanto à importância e ao poder das letras associadas à música da sua banda. "*Há quem procure mudar o mundo de alguma forma através das redes sociais, outros juntando-se a um partido político, outros alistando-se no exército, eu procuro dar o meu contributo através da mensagem que tento passar através da música, enquanto gatilho para a mudança*," explica o vocalista. Pese embora o novo registo ter marcado boa parte da conversa, quisemos satisfazer uma curiosidade e perceber de onde vem a designação Fire From The Gods. AJ explica-nos que "*o nome já existia quando me juntei à banda, em 2015, e, segundo me explicaram, resulta de um filme dos anos 80 chamado «The Wizard» Para mim é um nome que remete para a figura de Prometeu, que roubou o fogo aos deuses e entregou-o aos homens, sendo essa acção encarada como o início da civilização, de acordo com a mitologia grega*." Em digressão pelos Estados Unidos, quisemos saber para quando uma visita da banda ao velho continente. AJ explicou-nos que "*é muito difícil uma banda como a nossa aguentar-se na Europa, ao ponto de justificar uma digressão. Queremos muito fazê-lo, mas não temos nada planeado, pelo que, para já, a nossa mensagem continuará a fazer-se passar através dos discos e dos seguidores que vamos reunindo por todo o mundo*." Até porque, de acordo com o vocalista, "*é essa a nossa missão e o nosso propósito enquanto banda e enquanto indivíduos.* [R.A.]

ASSINA A LOUD!

POR APENAS 25€!

Para celebrar os vinte anos de publicação da LOUD!, temos esta mega-promoção para oferecer até final de 2019! Todos os novos assinantes poderão usufruir deste preço especial para uma assinatura de um ano (doze edições) da LOUD!, basta apenas efectuar a transferência dos 25€ e enviar o respectivo comprovativo para assinaturas@loudmagazine.net a partir das 12:00 do dia 4 de Dezembro.

Mas não é tudo! Obténs também uma entrada grátis para o concerto dos Ghost, com a chancela Prime Artists.

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

LOUD! 20

ASSINATURA ANUAL EM PAPEL

25€

(DESCONTO DE 60%!)

TERMINA NO DIA 31 DE DEZEMBRO DE 2019

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de B.I., morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

⋆ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 04/12, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

Piranha
Loja de Música
24 ANOS

CARIMBO

WWW.PIRANHACD.COM
CENTRO COMERCIAL PARQUE ITÁLIA,
LOJA 73 - PRACETA ENGº ADELINO
AMARO DA COSTA, Nº 752 - 1º ANDAR
4050-012 PORTO
TLF: 226091004 EMAIL: piranhacd@gmail.com

A LOUD! E A Piranha Loja de Música TÊM O PRAZER DE TE OFERECER UM DESCONTO DE 5€ NUMA COMPRA DE VALOR SUPERIOR OU IGUAL A 25€.

BASTA VISITAR A LOJA COM A REVISTA OU COMPRAR LÁ A MESMA.
A REVISTA SERÁ CARIMBADA NO ESPAÇO INDICADO PARA O EFEITO.

OFERTA VÁLIDA ATÉ AO FINAL DO ANO DE 2019. UMA OFERTA POR REVISTA.
EXCLUI BILHETES PARA CONCERTOS E MERCHANDISE.
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS OFERTAS OU PROMOÇÕES.

HELL XIS AGENCY APRESENTA

CONCERTO COMEMORATIVO DOS 20 ANOS DO ÁLBUM

O CAVALO MATA!

30 & UM

BANDA CONVIDADA

CENTOPEIA

14 DEZEMBRO SÁBADO 21H00

- RCA CLUB • LISBOA -

LOUD! MOSHER HAMMER PORTUGAL WWW.HELLXIS.COM

HELLXIS AGENCY APRESENTA

NO WARNING

PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

CONVIDADOS ESPECIAIS

31 JANEIRO 2020

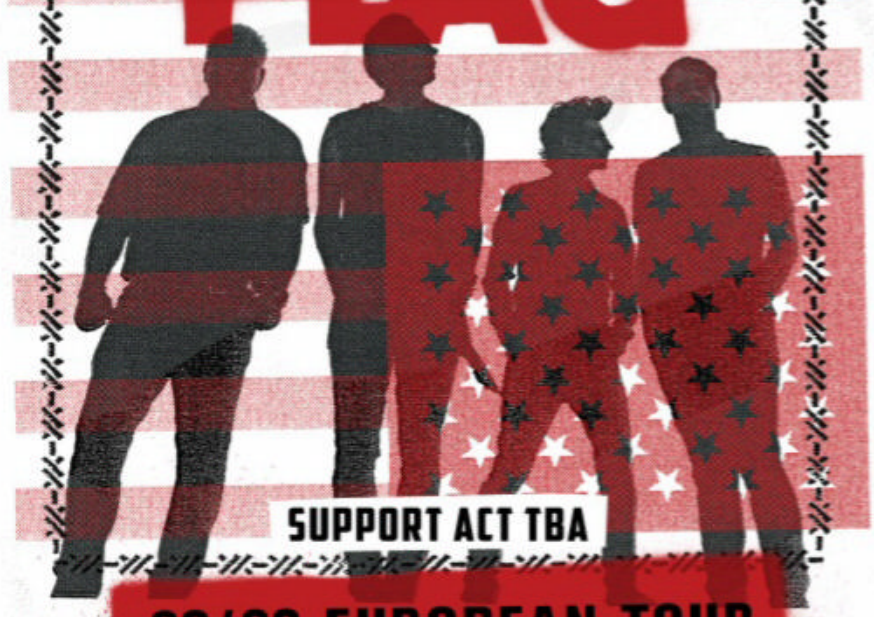
POPULAR ALVALADE

ENTRADAS À VENDA EM UNKIND.PT , CLOCKWORK STORE E GLAMORAMA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER HAMMER SB STRONGER BOOKINGS WWW.HELLXIS.COM

HELL XIS AGENCY APRESENTA

ANTI-FLAG



SUPPORT ACT TBA

20/20 EUROPEAN TOUR

8 JANEIRO 2020

RCA CLUB • LISBOA

BILHETES À VENDA NA CLOCKWORK STORE, GLAM O RAMA E UNKIND.PT

UTA CLOCKWORK LOUD! MOSHER HAMMER WWW.HELLXIS.COM

HELL XIS AGENCY APRESENTA

40TH ANNIVERSARY TOUR 2020

THE TOY DOLLS

+ BANDA CONVIDADA

20 MARÇO • SEXTA - HARD CLUB - PORTO

21 MARÇO • SÁBADO - LISBOA AO VIVO - LISBOA

INÍCIO - 21H00

CLOCKWORK LOUD! MOSHER HAMMER WWW.HELLXIS.COM

AIRBOURNE

Oriundos de Warrnambool, uma pequena cidade na costa sudoeste de Victoria, Austrália; ao longo dos últimos dezasseis anos, os AIRBOURNE têm conquistado corações com os seus concertos explosivos e uma sequência de álbuns que muitas comparações têm suscitado à sua maior fonte de inspiração, os AC/DC. Pesem as óbvias semelhanças, são ambos australianos e contam com irmãos na formação, o quarteto formado por Joel O'Keeffe, Matthew Harrison, Justin Street e Ryan O'Keeffe incorpora de uma forma muito credível o espírito do rock'n'roll *blue collar*, em canções feitas de riffs memoráveis e letras cheias de bravado. Aproveitando o lançamento do recente «Boneshaker», pedimos a um dos irmãos, Ryan, o baterista, para nos fazer uma visita guiada pela discografia de uma das bandas de rock mais excitantes do momento.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES TRAVIS SHINN

DISCO A DISCO

«RUNNIN' WILD»
Lançamento: 23 de Junho 2007
Editora: EMI/Capitol/Roadrunner
Produtor: Bob Marlette
Duração: 36:40

Esse foi o nosso primeiro lançamento para a Roadrunner e, por essa altura, as coisas estavam a tornar-se mais sérias. Chegámos ao estúdio com a ideia de fazer uma versão mais fresca do «Ready To Rock», o nosso EP de estreia, que só tinha sido vendido nos concertos, mas a editora, vá-se lá saber porquê, não nos deixou usar nenhum desse material que estava para trás. Nós queríamos pegar nos melhores temas do EP, juntar-lhes alguns dos que tínhamos escrito entretanto e construir o álbum assim, mas disseram-nos que não podíamos fazer isso. O resultado foi ter-

mos ficado fechados num complexo de garagens durante quase quatro meses, a escrever tema atrás de tema, até eles ficarem satisfeitos e darem o OK para irmos gravar. Estávamos lá a trabalhar e, de duas em duas semanas, aparecia alguém da editora, a quem mostrávamos as maquetas que tínhamos feito e, basicamente, disseram-nos que só saíamos quando tivéssemos canções que eles conseguissem vender. Foi um baptismo de fogo. No entanto, também nos obrigou a fazer as melhores canções que conseguimos naquela altura. E foi um período difícil mas, agora, não trocaria essa experiência por nada.

«NO GUTS, NO GLORY»

Lançamento: 8 de Março 2010
Editora: EMI/Roadrunner
Produtor: Johnny K
Duração: 46:53

Passámos os primeiros anos da banda a trabalhar totalmente sozinhos, a ética era DIY, e, com o «Runnin' Wild», percebemos que tínhamos de abrir mão de alguma liberdade, por isso esse primeiro disco foi o início de uma curva de aprendizagem. Quando gravámos o «No Guts, No Glory» já tínhamos aprendido uma série de coisas que não sabíamos antes. Comecei nesta banda com quinze anos e, quando tinha vinte, acreditava que havia um pote de ouro no final do arco-íris, por isso estás a ver... [risos] *Nós éramos muito novos quando começámos, mas aprendemos muitas coisas, e muitas coisas diferentes, o que também é importante. A importância de um produtor, a importância das letras, foram tudo coisas que fomos apanhando pelo caminho. Nesse sentido, o «No Guts, No Glory» foi, por assim dizer, um parto menos complicado. No entanto, também percebemos logo que ainda tínhamos muito que crescer. Os dois primeiros álbuns são, essencialmente, o som dos Airbourne a tentarem encontrar o pé, por entre os altos e baixos naturais do processo de aprendizagem de finalmente fazer um disco da forma certa.*

«BLACK DOG BARKING»

Lançamento: 21 de Maio 2013
Editora: Roadrunner
Produtor: Brian Howes
Duração: 34:54

Para mim, esse é o disco em que saímos a disparar com todos os cilindros. Acho que, pela primeira vez, conseguimos finalmente juntar no mesmo álbum tudo aquilo que tínhamos feito de melhor. Pegámos em todas as partes boas e construímos novas canções, com uma visão mais focada e, talvez, um pouco arrogante também. Sentíamos-nos como aquele cão preto a ladrar, queríamos marcar o território. De certa forma, estávamos cientes que podíamos fazer melhor, que podíamos fazer mais, porque estávamos finalmente a portar-nos como uma máquina muito bem oleada. Acho que, depois de andarmos na estrada a tocar os temas do «No Guts, No Glory», percebemos que, afinal, não tínhamos feito um disco tão especial como pensávamos, por isso focámos-nos nessa ideia e queríamos que o «Black Dog Barking» fosse, de uma vez por todas, um álbum especial. As pessoas ainda diziam que o «Runnin' Wild» era o nosso melhor álbum, nós começávamos a perceber que era verdade e, de certa forma, tivemos de salvar a nossa honra. Foi feito na transição de editoras, nessa época a Warner estava a engolir a Roadrunner, por isso não sabíamos bem como ia ser o futuro... Tínhamos de fazer temas que nos permitissem continuar a fazer o que amamos, que é tocar rock'n'roll.

«BREAKING OUTTA HELL»

Lançamento: 23 de Setembro 2016
Editora: Spinefarm
Produtor: Bob Marlette
Duração: 39:56

Nós tentamos que os negócios não se metam muito no nosso caminho porque sabemos que, independentemente do que aconteça, os Airbourne vão sempre andar em frente, mas a mudança para a Spinefarm fez-nos bem. Para começar, voltámos à Austrália para gravar o álbum, que era algo que não fazíamos há muito tempo e voltámos mais uma vez a chamar o Bob Marlette, com quem tínhamos trabalhado no «Runnin' Wild». Essas opções foram cruciais, porque nos sentimos muito inspirados... Por um lado, estávamos muito confortáveis, porque tínhamos a nossa antiga equipa de volta, mas por outro, foi mesmo uma lufada de ar fresco, porque estávamos de volta ao nosso país. Fazer esse disco na Austrália foi muito refrescante, porque nunca o tínhamos feito ali num estúdio profissional, com um orçamento porreiro. É triste; o estúdio em que gravámos já não existe, e era um dos melhores estúdios do país.

«BONESHAKER»

Lançamento: 25 de Outubro 2019
Editora: Spinefarm
Produtor: Dave Cobb
Duração: 30:36

O novo álbum foi mais uma lufada de ar fresco, porque fomos para Nashville, trabalhámos num estúdio histórico, com um ambiente que nos inspirou muito, e entregámos-nos nas mãos de um produtor que, pela primeira vez no nosso percurso, não estava preocupado com demos. *Em geral, o ambiente foi muito descontraído e divertimo-nos imenso. Todo o processo foi intuitivo, as ideias foram surgindo e, basicamente, cada tema foi feito de raiz no dia em que foi gravado. Depois fazíamos* overdubs *aqui e ali, mas a base foi toda feita no momento. Nós tínhamos algumas ideias quando entrámos em estúdio, mas não havia um único tema pronto... E foi bom estar ali, com um produtor; ele a puxar por nós e nós a deixarmos a criatividade fluir. O Dave é fantástico, falámos com ele durante uns vinte minutos e isso bastou para percebemos logo com quem queríamos trabalhar desta vez. Houve casos em que estávamos a tocar, a tentar aprender um tema, e ele aparecia a dizer que o* take *estava feito. Uma grande parte do disco somos nós a aprender as canções!*

WOLVES LIKE US

ALCATEIA REUNIDA

Depois de dois excelentes discos na primeira metade desta década que agora finda, os WOLVES LIKE US, compostos por membros dos saudosos JR Ewing e também dos Amulet, Infidels Forever e Silver, desapareceram para um hiato indefinido e já os tínhamos dado como perdidos. Reaparecem agora, com um álbum novo chamado «Brittle Bones», e com a fúria roqueira intacta. Conversámos com a banda quase toda, ou seja, o baixista Toy Kjeldaas, o vocalista/guitarrista Larsh Kristensen e o baterista Jonas Thire.

JOSÉ CARLOS SANTOS JULIE MARIE NAGELSTAD

É bom ter-vos de volta! Como é que se deu esta reactivação da banda? Foi fácil voltar a estas lides, uma vez tomada essa decisão?
Toy: Obrigado! [risos] Para nós é um sentimento magnífico também. A verdade é que não houve exactamente um *break* de cinco anos, como a maior parte das pessoas poderá pensar. Certamente que estivemos menos activos do que anteriormente, e houve mesmo alguns períodos de inactividade total, mas nunca nos sentámos e dissemos explicitamente "hey, *vamos fazer uma pausa na banda!*" Foi só uma questão de a "vida real" nos ter apanhado, e tivemos que nos adaptar. Todos temos empregos sérios, filhos e famílias para além da banda, e essas famílias cresceram significativamente desde que o «Black Soul Choir» saiu em 2014. Mas até demos alguns concertos em festivais e até fizemos pequenas *tours* pela Noruega durante os anos em que a maior parte das pessoas pensava que estávamos em pausa. [risos] E também demorámos imenso tempo a desenvolver estes novos temas, diga-se.

Jonas: Durante os primeiros anos da banda, falámos muito sobre o futuro e sobre as motivações que tínhamos para manter a banda activa. Os Wolves Like Us sempre foram, desde o início, um *hobby* semi-profissional para todos nós. Nunca chegámos sequer perto de fazer disto uma ocupação a tempo inteiro, o que se tornou ainda mais reforçado depois de termos tido filhos. A vida adulta é um *band-killer* muito sério, e precisávamos de algum tempo *off* para discutir as coisas. Falámos muito, mesmo muito. Se calhar demais! [risos] Se devíamos continuar, que tipo de *vibe* queríamos no álbum novo, quem é que tinha as melhores ideias, se eram boas o suficiente, isso tudo.

Quando é que começaram então a trabalhar neste novo álbum, especificamente?
Toy: As primeiras ideias surgiram já em 2015, e trabalhámos muito em *demos* desta vez. Portanto as canções até já têm alguns anos, mas não terminámos de as estruturar por completo antes de marcarmos o estúdio para a gravação. Duas ou três delas foram finalizadas meras semanas antes de entrarmos em estúdio.
Jonas: Pois, e nesses anos a seguir ao «Black Soul Choir» eu estava a viver em Stavanger, na costa Oeste da Noruega, e então o processo de escrita foi bastante mais lento que o normal nesses tempos, consistindo essencialmente de atirarmos ideias uns aos outros por e-mail, que não é propriamente a forma mais eficiente ou criativa de criar música. Faltava-me a *vibe* que se tem quando estamos todos juntos na sala de ensaios, que é para mim a melhor forma de escrever música numa banda. Mas mesmo assim construímos alguns esqueletos de temas durante essa altura, comigo a ouvir riffs do pessoal que estava em Oslo e a gravar bateria sozinho e enviar-lhes de volta. Fizemos algumas *demos* bem esquisitas nessa altura. [risos] Mas canções como «Stay Cold» ou «Property Of Dortmund» vêm dessas sessões.

Tinham ideia do tipo de álbum que queriam fazer?
Jonas: Todos concordámos que devia ser algo mais cru e mais directo do que o álbum anterior. Todos temos orgulho nesse disco ainda, mas se calhar foi um pouco ambicioso demais, e queríamos trazer de volta a energia punk do primeiro álbum. Acho que o conseguimos, e ao mesmo tempo também adicionámos alguns elementos que não tínhamos explorado antes.

Em relação às letras, há algum tema que as una, alguma mensagem principal que queiram passar?
Larsh: Eu não escrevo propriamente de forma temática, escrevo mais em *stream of consciousness*. As letras têm que me soar verdadeiras, de certa forma, tenho que escrever sobre algo próximo e pessoal e continuar a sentir-me ligado a elas mesmo depois de as cantar em palco centenas de vezes. Para além disso, sou norueguês, e o Inglês não é o meu idioma principal, por isso preciso de aprimorar e reescrever bastante para chegar a algo com que esteja confortável, para ter o significado exacto do que quero dizer e a gramática correcta também. [risos] E confesso que não acredito muito em grandes explicações das letras, porque as escrevo propositadamente para que sejam abertas a interpretação. O que quer que os ouvintes achem que é o significado certo, passa a ser o significado certo para eles, e não quero interferir nessa relação.

Um convidado de luxo que já é hábito nos vossos discos é o Gared O'Donnell, dos Planes Mistaken For Stars. Têm uma relação de amizade com ele, já?
Toy: Sim, o pessoal dos Planes é nosso amigo há vários anos. O Gared e a mulher até já nos vieram visitar aqui à Noruega algumas vezes, e nós já os visitámos nos Estados Unidos. Eles gostam muito das suas férias norueguesas. [risos] Vieram cá no Verão passado, bebemos algumas cervejas a mais, e ele acabou no estúdio a gravar vozes para um par de temas. Não foi nada planeado, mas sabíamos que era capaz de aplicar a magia dele assim que ouviu os temas e disse que queria participar, e acabou por ficar bestial.

São portanto o parceiro ideal para a digressão europeia que aí vem.
Toy: Sim, ir para a estrada com os Planes é algo de que falamos há muito tempo, e temos muita honra em abrir para eles naquela que é a primeira digressão europeia que fazem em mais de… quê, treze anos? São uma banda incrível ao vivo e têm sido uma inspiração enorme ao longo dos anos. E de certeza que o Gared se vai juntar a nós em palco quando lhe apetecer. Fizemos uma *tour* pela Noruega há uns anos e ele estava connosco, e acabou a cantar todas as noites!

E apesar de continuar a ser o tal *hobby* semi-profissional, vês os Wolves Like Us a continuarem em actividade daqui em diante?
Toy: Estamos muito entusiasmados com o *feedback* que o álbum está a receber, e prometemos que vai haver ainda mais actividade no próximo ano! Ainda não está nada confirmado para além da *tour* com os Planes Mistaken For Stars, mas estamos ansiosos por tocar os temas novos para o maior número de pessoas possível. E outro álbum? Falamos daqui a cinco anos! [risos]

"A vida adulta é um band-killer *muito sério." – Jonas Thire*

THE DEVIL WEARS PRADA

ULTRAPASSAR FRONTEIRAS

Os norte-americanos THE DEVIL WEARS PRADA estão de regresso com o seu sétimo registo de estúdio, «The Act». Falámos com o vocalista Mike Hranica sobre esta novidade, mas também para saber o que mudou nestes catorze anos de carreira numa das bandas de referência da cena metalcore.

JORGE BOTAS ANTHONY BARLICH

Agora que já estão na estrada a promover o novo disco de originais, «The Act», como estão a correr os concertos?
Está tudo a correr muito bem. Nesta altura já estamos quase a terminar a digressão, mas os concertos têm sido maravilhosos.

E como tem sido o *feedback* aos novos temas?
A reacção tem sido bastante positiva. Tentamos não sobrecarregar o alinhamento com novos temas, mas temos tocado quatro canções do álbum nesta digressão e a maioria das pessoas quer mais... É uma sensação satisfatória e estamos gratos por isso. No início do próximo ano e nas próximas digressões temos mais datas onde vamos incluir mais canções do novo disco e esperemos que também tenham uma boa receptividade.

Vês este novo trabalho como o início de uma nova era dos The Devil Wears Prada?
Penso que sim... Apesar de não estarmos ainda a pensar no que vamos fazer a seguir, porque queremos tocar mais ao vivo com este disco do que fizemos com alguns anteriores, acho que, em termos de composição, este é mesmo o ponto onde estamos actualmente.

Como correu o processo de composição?
O processo tem mudado, progredido e evoluído. Normalmente juntamo-nos a certa altura, porque não vivemos todos na mesma cidade. Desta vez, passámos o tempo a enviar músicas uns aos outros, mas a maioria dos temas foi da responsabilidade do Jon [Jonathan Gering, teclados] e do Kyle [Sipress, guitarra].

Quando é que perceberam que este ia ser um disco particularmente diferente? Foi algo intencional e planeado da vossa parte ou foi um processo mais natural?
Apercebemo-nos logo no início, quando o Jon e o Kyle iam trocando *demos*. Perceberam que estávamos a seguir um caminho que já tínhamos percorrido. Por isso, por de-

sígnio e de forma intencional, começámos a escrever algo completamente diferente. Decidimos olhar para a composição e para a música com outro objectivo em mente.

Vocês são uma banda sem receio de experimentar coisas diferentes e de explorar diferentes vertentes musicais...
É esse o objectivo, sim. Nós achamos que há muita complacência na música rock nos dias de hoje. Vemos o hip-hop e a música pop a explorar fronteiras musicais semana após semana, enquanto a música rock e metal parece estar presa na mesma posição. Para nós, é uma forma de mostrar aquilo que somos capazes de ser, e o que a música rock devia ser, mostrando outro tipo de influências.

Porque achas que a música rock e metal está estagnada?
Não sei bem... Acho que existe uma componente conservadora inerente na música rock. As pessoas gostam da música daquela forma, não querem que ela mude e querem que continue no mesmo formato sem que seja questionada. Acho que é uma mentalidade que existe mais no rock do que noutros géneros. Ao mesmo tempo, não é desculpa para não vermos o que alguém pode fazer enquanto artista, expandir e fazer com que quem ouve a música saia dessas fronteiras. Acho que é nesse ponto que estamos enquanto consumidores de música e é isso que queremos introduzir nos nossos lançamentos, poder empurrar limites e não lançar algo que será facilmente reconhecível ou previsível.

Ainda há algum estigma na comunidade metal por se gostar de outros géneros. Continua a ser muito difícil dizer que gostas de metal, mas também de música pop, por exemplo...
É um pouco isso. É um estigma que não tem muita razão de existir, pelo menos na minha perspectiva. Concordo contigo, existe uma série de regras que não te permite gostar doutros géneros musicais e que existe sem razão aparente ou significado. Sempre foi desta maneira, e parece que tem de ser sempre assim. Acho que é uma forma um pouco idiota de olhar para a arte.

"Vemos o hip-hop e a música pop a explorar fronteiras musicais semana após semana, enquanto a música rock e metal parece estar presa na mesma posição."

Como vês a carreira dos The Devil Wears Prada até ao momento?
Estamos há catorze anos nesta vida e tem havido muitas mudanças. Progressão, talvez não muita, no género musical em que estamos inseridos. Não sei... Acho que nós ficámos um pouco irritados, amargos e cansados em relação a certos componentes da nossa cena. Continua a não ser desculpa para não testarmos certos limites e progredirmos. Acho que continua a existir inspiração para criar coisas novas, e acho que é essa a motivação por detrás de «The Act». Há muitas mudanças estruturais na indústria, mas nós continuamos aqui e acreditamos naquilo que fazemos. Vamos ver como as coisas correm com este álbum, mas isto é algo maior do que nós. Temos essa mentalidade e vamos ver como as coisas correm daqui para a frente.

Quando a cena metalcore explodiu há largos anos já, parece que havia uma amizade e ligação entre muitas das bandas. Esse tipo de camaradagem ainda existe ou foi algo que mudou também?
Não tenho bem a certeza... Acho que existe alguma ligação entre grupos a nível de amizade. Somos muito amigos de algumas bandas com quem nos relacionamos de uma forma mais profunda e com quem mantemos uma ligação muito próxima. Mas, ao mesmo tempo, não somos a banda mais social do mundo. Tentamos levar uma vida o mais normal possível... No dia a dia gostamos de ler, de aprender, e mesmo em relação aos nossos relacionamentos, somos o menos estrelas de rock possível. Acho que a relação entre grupos mudou um pouco.

Desde o início que se assumiram como uma banda cristã... Alguma vez sentiste que isso era visto como algo negativo?
Sim, e acho que isso ainda se sente. Apesar de não nos considerarmos como uma banda cristã nos dias de hoje, mesmo sendo eu cristão assumido. É um outro estigma que parece irritar algumas pessoas automaticamente. Nós não participamos nesse tipo de coisas, e queremos que as pessoas ouçam o «The Act» sem nenhuma obrigação religiosa. Já houve muitas mudanças na formação e pessoas que entraram não tinham nenhuma afiliação religiosa... Sempre nos questionaram sobre a nossa fé e aquilo que eu posso dizer é que irrita outras pessoas mais do que propriamente da comunidade rock e metal, que parece ser mais aberta nesse aspecto em relação a nós do que a comunidade cristã é que acreditem, é bem crítica connosco. Não sei bem... É difícil para mim estar envolvido numa banda cristã, principalmente com o clima político que estamos a viver. Aquilo que se passa nos Estados Unidos, todo o clima político que se vive e outras situações... Seria mais importante que falassem no imediato sobre isso, do que sobre a nossa fé.

ARTIGO 21

Vale a pena ler o Artigo 21 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, tantas vezes esquecido em supostas aplicações desses mesmo direitos. E depois, vale a pena também ouvir os ARTIGO 21, banda lisboeta formada em 2012 que pratica um punk rock melódico mas também agressivo q.b., cantado em português, com uma forte mensagem social – não foi por acaso que escolheram o nome da banda, certamente – e cheio daqueles refrães que não saem mais da cabeça e que estão preparadíssimos para serem entoados em uníssono por plateias animadas onde quer que o quarteto actue. Com o álbum «Ilusão», já deixaram a sua marca em 2019, mas achámos que podiam terminar o ano com mais um acontecimento importante, que é terem sobrevivido ao desafio do LOUD! DJ, com o guitarrista Daniel Hipólito e o vocalista Tiago Cardoso a desenvencilharem-se muito bem dos obstáculos musicais que lhes fomos propondo.

AGNOSTIC FRONT

«Spray Painted Walls»

Do álbum «Get Loud!» [2019]

Primeiro tema e primeiro *single* (e um título que saudamos!) do álbum novo dos Agnostic Front, que na altura desta sessão estavam a poucos dias de nos visitar. Uma instituição do hardcore e, esperamos, uma inspiração também para o punk musculado dos Artigo 21.

***Daniel*:** Isto faz-me lembrar Raised Fist.
Os suecos, não é? Boa referência, nada óbvia. Não é, mas gostámos.
***Daniel*:** Deixa ver se a voz denuncia a cena.
***Cardoso*:** Também estou à espera disso. [entra a voz] Agnostic Front? **Certíssimo!**
***Daniel*:** E sem batota!
***Cardoso*:** Eh pá, a voz…
***Daniel*:** É do novo álbum, não é? Eu gosto muito das cenas mais antigas.
***Cardoso*:** Deste novo ainda só tinha ouvido um tema, e nem era este.
***Daniel*:** E vou vê-los desta vez, já não os vejo há uns bons anos. São míticos, é para mim das bandas de hardcore mais importantes de toda a cena. Não desfazendo das outras, mas é das mais antigas, das mais firmes…
***Cardoso*:** E aqueles refrães a puxar para punk, também… É o tipo de hardcore que eu gosto mais.
***Daniel*:** Eu vim da cena do hardcore antiga, ouvíamos muito Agnostic Front, Cro-Mags, Warzone, mas começámos depois a "fugir" mais para a vertente melódica, os Gorilla Biscuits, os Youth Of Today, e mais tarde para a cena da California, os Ignite coisas do género.
***Cardoso*:** H2O, essas assim.

THE EXPLOITED

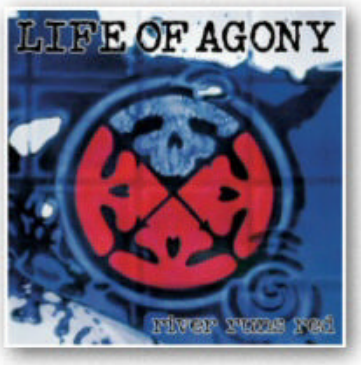
«Punks Not Dead»

Do álbum «Punks Not Dead» [1981]

Wattie Buchan e os seus The

Exploited assim o afirmaram no seu álbum de estreia, e realmente, quase 40 anos depois, o punk continua a estar vivíssimo. A ver se os Artigo 21 também concordam com isso (suspeitamos que sim).

Daniel: [imediatamente] Ah, esta é fácil! Mas eu esta vou deixar o Cardoso adivinhar. Ele não era nascido nesta altura! [risos] Ouvi isto tantas vezes…
Cardoso: Parece a voz do Biafra.
Daniel: Mas não é. 'Bora, chuta para a frente!
Cardoso: Acho que não sei. Mas é inglês!
É quase! [risos]
Daniel: É The Exploited, pá! «Punks Not Dead»!
Cardoso: [risos] Acho que não conheço mais que cinco músicas de The Exploited.
Daniel: Parecendo que não, nós ainda temos alguma diferença de idade…
Cardoso: Como assim não se nota? [risos] Eh pá, e lá vai agora a "polícia do punk" dizer, olha, aquele gajo não conhece The Exploited…
Daniel: "Mamei" este disco até à exaustão, era obrigatório. Este fazia parte da "cartilha".
Estavam lá quando o Wattie ia passando desta para melhor, no concerto de Lisboa?
Daniel: Estava lá mesmo à frente, foi muito complicado. Foi muito estranho, só o vi a enrolar a língua, e os olhos a abrirem-se todos… Percebemos logo que o homem não estava bem. E claro, toda a gente tem noção que ele já "esticou bem a corda". Parece que ele naquele dia até se tinha portado bem, mas pronto, estas coisas são assim.



LIFE OF AGONY
«Through And Through»
Do álbum «River Runs Red» [1993]
Um clássico entre clássicos, o álbum de estreia dos Life Of Agony, de tal forma que até decidiram agora, 26 anos depois, continuar a narrativa nele iniciada com o novo «The Sound Of Scars». Uma banda que também tem as suas origens no hardcore nova-iorquino, mas que rapidamente se transformou em algo muito diferente, e absolutamente único.

***Daniel*:** [ao fim de alguns segundos] Ah, Life Of Agony!
Muito bem!
***Daniel*:** Não estava a reconhecer aquele princípio, mas assim que ele começa a cantar, reconhece-se.
Muito Sabbath, aquele início.
***Cardoso*:** Isto parece muito bom!
Não os conheces?
***Cardoso*:** Só de nome, mas nunca tinha ouvido. Acho que vou ouvir este disco a seguir!
***Daniel*:** Eu tenho acompanhado alguns vídeos que eles têm posto no Instagram, da *tour* que andam a fazer com o Doyle, dos Misfits. Aliás, aproveito para partilhar convosco, o Doyle é dos meus guitarristas favoritos. Esqueçam lá os Satrianis e essa gente toda. O Doyle é o *boss* disto tudo! [risos]
Fica aqui estabelecido! E em relação aos Life Of Agony? Já se percebeu que és fã.
***Daniel*:** Eles têm uma história muito interessante, porque vindos daquela cena de Nova Iorque, conseguiram quebrar um bocado aquela tipologia da voz agressiva. Desmistificaram aquele underground da altura, os Biohazard e essas bandas assim. É uma banda que se aprende a amar, não é só gostar. Lembro-me que na altura custou um bocado a muita gente, havia pessoal que se queixava da voz, e que não tinha nada a ver, que soava mal… mas quando entra, isto entra mesmo a sério. É uma banda formidável. Nunca seguiram tendências da moda, sempre foram genuínos ao estilo deles. Eu sigo a Mina Caputo no Instagram, aprecio imenso o trabalho dela, e também dou imenso valor à mudança que fez na vida dela, a coragem que teve de assumir tudo sem problemas.

EARTH CRISIS
«Firestorm»
Do EP«Firestorm» [1993]
Continuamos em 1993, já agora, e com mais um lançamento que se tornou absolutamente marcante. O tema «Firestorm» acabou por ser o grande hino dos Earth Crisis, uma das bandas de hardcore mais explosivas e determinantes de sempre.

***Daniel*:** Ah, esta também é fácil. [risos] Ia partindo um dente num concerto deles! Esta música começava a tocar, e parava tudo. O Cardoso não conhece isto…
Só tocamos cenas de velhos, ó Cardoso!
***Daniel*:** Nem é tanto cenas de velhos, mas é de quem viveu o hardcore intensamente na altura.
***Cardoso*:** Não é Youth Of Today, pois não?
***Daniel*:** Não, é Earth Crisis, a «Firestorm». Uma das minhas bandas, os Liberation, tocava esta *cover*, e a casa ia sempre abaixo. Quando tocávamos isto no Ritz, ia tudo abaixo. Até fazíamos questão de tocar mais lentamente… Foi na altura dos X-Acto, New Winds, essas bandas todas. Havia os Human Beans, que entretanto terminaram, e antes de fazer os Renewal, estive nos Liberation. E os Earth Crisis faziam parte do "ritual" de baptismo do hardcore português. Foram das primeiras bandas a afirmar fortemente a questão do veganismo com esta força, à bruta. Esta malha é muito forte para mim, toca-me cá dentro. Vivi coisas muito boas com esta música.
Na altura eras *vegan* e *straight edge*?
***Daniel*:** Sim, éramos todos, nessa altura. As bandas todas que fizemos eram dentro desse formato. Foi New Winds, depois Mind Change, também… O "tuga" tinha um bocado a mania de que tudo o que se fazia lá fora, a gente tentava imitar. [risos] Na altura em que apareceu o hardcore melódico, os Gorilla Biscuits e assim, já havia X-Acto dentro dessa linha, nós fizemos os New Winds também, e depois quando apareceram estas bandas, Earth Crisis, Strife, Path Of Resistance, Snapcase e outras, fizemos os Liberation. Depois lá tive esse outro projecto os Mind Change, que eram mais numa onda *old school*, os Black Flag, Dag Nasty, coisas assim.

BAD RELIGION
«Punk Rock Song»
Do álbum «The Gray Race» [1996]
Correndo o risco de ser demasiado óbvios, mas *whatever*. Aqui vai o segundo tema com a palavra "punk" no título, uma das mais conhecidas dos lendários Bad Religion. Obrigatória para qualquer um, diríamos, até para vocalistas mais jovens!

***Cardoso*:** Ah, assim já estamos a falar a mesma língua! [risos] É Bad Religion, é a «Punk Rock Song», e o álbum… Espera…
***Daniel*:** É aquele que tem as caras.
***Cardoso*:** É o «The Gray Race», sim. Este álbum tem a «Cease», também, não tem?
Precisamente.
***Daniel*:** Deviam ter pregado uma rasteira, e tocado qualquer coisa dos discos mais antigos! Da época daquelas que estão no «All Ages».
***Cardoso*:** O «All Ages» foi a primeira coisa que ouvi deles! Com Bad Religion não me apanhas na curva.
***Daniel*:** Há muito a dizer sobre esta banda. Foi amor à primeira vista, logo quando os ouvi pela primeira vez. Tive agora a felicidade de os ver na Sala Tejo, que foi como ganhar o Euromilhões. Foi brutal. Só não chorei, porque pronto, isso é um bocado emo. [risos]
***Cardoso*:** Estava tudo certo nesse concerto. Eu foi a terceira vez que os vi, e não posso dizer que foi o meu concerto favorito, mas… foi o melhor que já vi. O concerto favorito foi Pennywise cá em 2006, porque são a minha banda favorita, mas o som estava uma merda, o gajo estava podre de bêbado, mas ouvia aquele acorde, e esquece, era o gajo mais feliz do mundo na altura.

IRON MAIDEN
«The Ides Of March / Wrathchild»
Do álbum «Killers» [1981]
Haja metal então, finalmente! Até fazemos uma concessão, e damos um tema da fase mais punk dos Iron Maiden, com o Paul Di'Anno na voz. Mas nem tudo é fácil, e têm que ouvir aquela introduçãozinha da «The Ides Of March» primeiro…

***Daniel*:** Assim de repente não estou a ver.
***Cardoso*:** Eh pá, parece Iron Maiden, mas não é.
Não é, de certeza? Pelos vistos o adivinhar-pela-negativa dos Archaic Tomb na edição passada fez escola! [risos]
***Cardoso*:** Mas eu não conheço esta!
***Daniel*:** Isto é do «Iron Maiden»?
É do «Killers».
***Cardoso*:** Foram logo tocar nos álbuns de Maiden dos quais não conheço quase nada! Eu não gosto do Di'Anno… [entretanto, entra a «Wratchchild»] Ah, esta está bem! Assim adivinhava logo.
***Daniel*:** Não ouço isto há séculos.
***Cardoso*:** Instrumentais, se fosse a «Transylvania», eu ainda ia lá, agora aquela…
***Daniel*:** Tem a ver com alturas da nossa vida, eu este ano estou mais no punk. O ano passado estava mais no metal, ouvi mais coisas destas, metal mais antigo. São fases, e não ouço este álbum há muito tempo.
***Cardoso*:** Nunca gostei muito desta fase. Prefiro o Blaze Bayley!

SENTIDOS MURMÚRIOS

Quatro anos após «AWE», um interessante e desafiante EP de estreia que virou atenções para algo de diferente que os WILDNORTHE traziam às sonoridades mais negras e sombrias, a banda lisboeta chega finalmente à edição da sua estreia em formato longa-duração. «Murmur» é um disco mais maduro, mais reflectido, fruto de um trabalho sério e honesto de um duo agora transformado em trio que importa seguir com atenção, até pela particularidade que a sua sonoridade e estética assumem, principalmente no contexto nacional. O guitarrista e vocalista Pedro Ferreira falou-nos destes e de outros assuntos

RICARDO AGOSTINHO

Passaram quatro anos após o EP «Awe». Tendo em conta a forma muito positiva como esse trabalho foi recebido, esperavam ter editado esta estreia em formato longa-duração há mais tempo?
Estes quatro anos também serviram para amadurecer ideias, para compor novos temas, para deixar tantos outros de lado. Quisemos fazer um *upgrade* geral. Ter tempo para melhorar vozes, experimentar sintetizadores e outros instrumentos novos. Estamos a voltar em força, com vontade de desbravar novos caminhos.

Agora que «Murmur» está finalmente editado, o que vos vai na alma?
Sem dúvida a certeza de um trabalho árduo, de persistência e experimentação que resultou nas nove canções que compõem «Murmur». Estamos completamente satisfeitos com o resultado final. Tivemos a sorte de ter trabalhado com o produtor Tiago Barbosa (James Dead) que, para além de ser um bom amigo, foi alguém que entendeu na perfeição a mensagem sonora que quisemos passar.

E que mensagem é essa? Quais as inspirações na base deste álbum, o seu conceito, o processo que conduziu ao produto final que temos em mãos?
Há um lado romântico e trágico nas nossas canções, os temas que abordamos acabam por surgir à medida que os vivemos e isso manifesta-se liricamente e inspira a matriz negra das nossas canções. Com este disco veio ao de cima a nossa vontade de explorar ritmos mais rápidos e densos, houve uma clara intenção em construir temas em que fossem exploradas diferentes abordagens dançáveis, em união com o peso das temáticas que nos inspiram e histórias que contamos. Todos os sons foram gravados com sintetizadores analógicos. Preocupamo-nos que cada tema tenha uma identidade muito própria, de forma a ser memorável. Podemos ouvir uma «Savage Eyes», com reminiscências 80s, e uma «Passage» que remete para um darkwave romântico.

Nomes como Drab Majesty, Boy Harsher, entre outros, vieram ajudar a voltar atenções para o synth/darkwave de fortes reminiscências aos anos 80, no qual os Wildnorthe também se movimentam. Achas que de alguma forma poderão beneficiar da visibilidade dessas bandas?
Sempre gostámos desse subgénero e o «AWE», confirma-o. Bandas como Chelsea Wolfe ou The Soft Moon têm vindo a abrir caminho para que mais pessoas se interessem por sonoridades *dark* e isso vai-se reflectindo num acréscimo de público. Curiosamente temos uma ligação directa a essas duas bandas que referes – tocámos com os Drab Majesty em Lisboa e quem masterizou o nosso álbum foi o produtor do último LP dos Boy Harsher, Gianni Peri.

«Murmur» é uma co-edição entre a Regulator Records e a Ragingplanet. Fala-nos dessa opção e de como as coisas irão funcionar na promoção da banda e do disco.
Decidimos editar em Portugal por estes dois selos: a Regulator Records, que tem no seu catálogo artistas tão interessantes como Ricardo Remédio e Nancy Knox, e a Ranging Planet, com quem já tínhamos trabalhado no EP e que desde o início nos apoiou e acompanhou. A promoção e agendamento de concertos está a cargo do *publisher* com quem trabalhamos, assim como das editoras e dos próprios elementos da banda. Acreditamos que tem de ser um trabalho de cooperação e de esforço contínuo, de forma a conseguirmos a atenção de promotores, salas de concertos, imprensa e editoras.

Incorporaram recentemente o baterista João Vairinhos no vosso *line up*. Podemos considerá-lo um elemento oficial da banda ou será apenas um reforço para as vossas prestações ao vivo?
O João já era fã dos Wildnorthe desde o EP e isso resultou numa colaboração feliz que esperamos que se prolongue. Ele não só é baterista, também compõe música electrónica, tornando-o numa peça criativa que vai acrescentar ainda mais aos Wildnorthe.

Sentiram a necessidade de trazer um som mais orgânico ao nível da percussão? Em que medida a inclusão de um baterista deverá influenciar/mudar a vossa sonoridade?
No início a Sara estava na bateria e eu na guitarra e, mesmo quando evoluímos para a sonoridade de «Murmur», não deixámos de ter em vista usar bateria analógica de forma a tornar mais dinâmica a nossa actuação. Nos últimos concertos tivemos a certeza de que foi uma boa escolha. As músicas adquiriram uma dimensão que até a nós nos surpreendeu.

Como estão a ser as reacções ao vosso trabalho além fronteiras? Algo em vista nesse sentido?
A promoção do álbum divide-se em duas fases: primeiro Portugal e, posteriormente, o mercado internacional. Estamos de momento a promover o disco lá fora e as críticas começam a ser muito positivas, com passagem em algumas rádios e *reviews* em algumas publicações, presença de *singles* em *playlists*, entre outras iniciativas. Pretendemos tocar o mais possível, também lá fora, e isso só é possível se as pessoas desses países tiverem ouvido falar de nós.

Vão andar na estrada com «Murmur»? O que está planeado para breve?
Estamos a agendar o máximo de concertos possíveis, em Portugal e no estrangeiro, em que existam as mínimas condições para dar um bom concerto. Estamos neste momento em preparação do próximo vídeo-clip do segundo *single* do disco, pois é uma peça importante na promoção. Vamos estar, por exemplo, no Under The Doom Festival, em que pela primeira vez subimos ao palco de um festival marcadamente "pesado" com a certeza que a nossa sonoridade vai agradar aos fãs de música underground em geral.

A nível nacional sente-se que os Wildnorthe ocupam um espaço muito próprio. Sentem-se precursores de alguma coisa e o peso de alguma responsabilidade acrescida no desbravar de um caminho pouco explorado por cá?
Gostamos de pensar que estamos a contribuir para a projecção de determinado movimento musical e encaramos isso como um desafio. Sempre soubemos que é mais aliciante não ter preocupações que não sejam a música que genuinamente gostamos de fazer. É importante não colocar as coisas numa perspectiva apenas nacional e acreditar que o que se faz pode ter qualidade em qualquer parte do mundo. Queremos continuar a surpreender na forma como construímos os nossos temas, sem nos prendermos a nenhuma "receita" e sem esquecermos a matriz que nos define.

"Há um lado romântico e trágico nas nossas canções."

WELLS VALLEY

ESPECIAL LUSOFONIA

EXTREMISMO CEREBRAL

Depois de terem surpreendido o underground com a estreia «Matter As Regent» e o EP que se seguiu, intitulado «The Orphic», em 2015 e 2017, respectivamente, 2019 trouxe os nacionais WELLS VALLEY de regresso às edições com mais um petardo de extremismo sonoro intrigante, que funde com mestria e muita esperteza vários subgéneros da música pesada underground, mas sempre com um cunho muitíssimo pessoal. Além de revelar um óbvio amadurecimento do som do trio lisboeta, «Reconcile The Antinomy», o primeiro álbum que fazem para o selo sueco Black Lion Records, marca também mais um passo definitivo no caminho para a internacionalização da banda, com a qual conversámos numa destas sextas-feiras de Outono.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES LUÍS PITA

Há uma particularidade em relação aos Wells Valley que as pessoas talvez não conheçam – não constam no Metal Archives, o agregador de dados da música extrema. Porquê?
Filipe Correia: Há cerca de sete anos, na altura em que formámos os Wells Valley, tentei fazer o nosso registo mas, como escrevi post metal no campo do género, acho que eles "atrofiaram" logo. Depois percebi que, na altura, não adicionavam bandas que não se identificassem assumidamente como metal. Portanto, nu-metal, post metal ou outra coisa qualquer associada com o hardcore, por exemplo, não eram aceites. Ultimamente tenho estado a falar com um moderador e, provavelmente, a situação vai alterar-se em breve.

Essas divisões todas de género e subgéneros não serão um bocado ridículas?
Pedro Lopes: Yeah, completamente.
Pedro Mau: Afinal, quem define o que é metal ou não? Se houver, de facto, regras, deviam ser disponibilizadas para sabermos se estamos a cumpri-las. Não faz muito sentido.
Filipe Correia: No fundo, estamos a falar de um género em que há tanta, tanta mutação, que já não pode ser definido por uma, duas ou três bandas. Pura e simplesmente, não dá.

Quando se juntaram, o objectivo era evitarem rótulos estanques?
Filipe Correia: Quando a banda começou, eu tinha letras feitas... De resto, musicalmente, saiu tudo nos ensaios. Compusemos em regime de *jam session*, escrevendo os temas à medida que as ideias iam fluindo; montávamos tudo à medida que as coisas iam surgindo e os temas tomaram forma assim. Não impusemos nada, nada tinha de ser isto ou aquilo – "vai ser doom", "vai ser rock"... Não pensámos nos Wells Valley assim.

Pedro Mau: Todos queremos, obviamente, fazer música pesada... O tal "metal". [risos] Mas é óbvio que há gostos diferentes entre nós, todos ouvimos coisas distintas, e acho que o que fizemos foi misturar todas as nossas preferências pessoais na mesma banda. Fizemos essa junção, cada um pôs lá o seu cunho e a sonoridade surgiu naturalmente. Não houve aquele pensamento de "vamos ser post metal" ou "vamos ser sludge". Nada disso.

E como olham para o rótulo post metal, a que são mais vezes associados?
Filipe Correia: Sendo sincero, posso dizer que o post metal, como estilo, nem sequer me diz muito musicalmente. E, já na altura em que fizemos a banda, era assim... É óbvio que há elementos porreiros; há coisas dos Cult Of Luna interessantes, por exemplo. Mas não é um estilo em que as bandas tenham uma estrutura de carreira sólida. Há coisas muito boas e outras que não valem nada, cada álbum é um álbum e, por isso, nunca foi algo que me sentisse confortável a assumir para nós. Acho que acabámos por ir na onda, foi isso.
Pedro Mau: É engraçado porque, durante uma série de tempo, estabeleceu-se que éramos parecidos com os Gojira e nunca percebemos bem de onde veio essa ideia. Provavelmente alguém disse que éramos parecidos com eles e a coisa acabou por pegar... Neste caso, com o post metal, acho que se passou o mesmo.

Independentemente de rótulos e comparações, como olham agora para o vosso primeiro disco? Foi um passo essencial para o que são hoje?
Pedro Mau: Eu digo já que sim! O disco saiu cinco anos depois de começarmos a banda, tivemos a fase da descoberta, aprendemos os gostos uns dos outros e afinámos tudo. Houve muitas coisas que foram para o lixo, porque não as queríamos gravar. Depois, nem vale a pena estar com rodeios, não temos dinheiro para ir para estúdios, por isso optámos por uma abordagem DIY. Eu estava a aprender algumas coisas, comecei a desenvolver um interesse pela gravação e decidimos enveredar por aí, assumimos nós esse trabalho. É óbvio que, olhando para trás, há coisas que, hoje, podiam soar melhor, mas acho que isso é natural. De resto, continuo a gostar das malhas.
Filipe Correia: Atenção que não estivemos cinco anos a fazer o disco. [risos] Foram cinco meses, por aí. E sim, concordo com o que o Mau disse, mas olho mais para esse álbum como um *kickstart*. A banda tinha de fazer um primeiro trabalho, o Pedro e o Mau estavam parados há muito tempo, não vinham de um regime de ensaios e desta vida de banda, por isso o «Matter As Regent» foi um bocado um desbravar de anos e anos de paragem. Nós próprios sentimos a dada altura que aquele registo era só o início do que íamos fazer a seguir. Depois, no «The Orphic», começámos a dar novas nuances ao nosso som e, agora, surge este novo trabalho que... é mais um passo para o que está para vir, espero eu.

"No metal, estamos a falar de um género em que há tanta, tanta mutação, que já não pode ser definido por uma, duas ou três bandas."
– Filipe Correia

Há um fio condutor entre os três títulos, correcto? Conseguem identificá-lo?
Filipe Correia: Em termos de composição, há elementos que já fazem parte da estrutura da banda, mas isso era estar como a revelar-te o segredo dos Pastéis de Belém. [risos] Há certos pontos que se repetem... Eu vejo cada um destes últimos discos como um *upgrade*, tanto a nível de escolha de ambiências como a nível das estruturas musicais.
Pedro Mau: Quando começámos a pensar este disco já tínhamos muitas malhas feitas e foi tudo para o lixo. Se calhar achámos que aquilo ainda estava muito parecido com o «Matter As Regent», e não queríamos estar a fazer a mesma coisa duas vezes.
Filipe Correia: Exactamente! Quisemos, não descaracterizando a linha de ambiências da banda, fazer, lá está!, um *upgrade*, explorando um lado que, tanto a nível de composição como lírico, mantivesse o tal fio de continuidade de que falavas.

Há, então, essa preocupação consciente?
Filipe Correia: Há, e a nível lírico é muito marcante. A banda tem vindo a desenvolver uma temática desde o primeiro disco e continuamos a falar sobre essa esfera que abarca muita coisa, e tem um mar de hipóteses acerca do que escrever. As hipóteses são infinitas, na verdade. Tem tudo a ver com simbolismo, com "n" coisas que estão associadas aos nossos dias, mas que transcendem o olhar.

No momento da criação, as letras influenciam a música, ou vice-versa?
Pedro Mau: Não, no momento da criação, não influenciam. As coisas têm, obviamente, de estar interligadas, não vamos fazer músicas em que depois vamos pôr uma voz que não tem nada a ver. Já sabemos como o Filipe vai cantar, conhecemos os assuntos que aborda, por isso sabemos que tipo de música temos de fazer. No final, encaixa tudo.
Filipe Correia: Também penso que não influenciam directamente, mas não descuro nada o trabalho em termos de voz e, acreditem, os temas iam perder mesmo muito se fossem só instrumentais. Nós, na banda, percebemos isso, porque as canções crescem sempre no momento em que se metem as linhas vocais. Desta vez explorei várias texturas e várias abordagens, mesmo a nível de métrica rítmica e tudo... e, claro, houve uma preocupação muito grande para fazer sentido que a voz esteja onde está.
Pedro Mau: Do lado do Filipe houve, inclusivamente, a preocupação de não repetir partes de voz. Não houve *copy/paste* nenhum – ele quis fazer todos os berros diferentes, mesmo quando as palavras eram iguais.

O resultado dessa atenção aos detalhes, patente no «Reconcile The Antinomy», soa ainda mais corpulento e opressivo, concordam?
Pedro Lopes: Este disco está mais intenso, sim.
Filipe Correia: O álbum tem uma particularidade, os temas respiram, mas têm sempre por trás uma espécie de drone, provocado pelos *reverbs* que usamos. Isso dá origem a uma ambiência contínua e cria uma situação de tensão que, sim, pode ser interpretada como mais sufocante. E atenção, isto foi obviamente pensado – não foi só algo que saiu. Depois, a voz, a bateria e o baixo adensam ainda mais o ambiente. E há um cunho mais afirmado de sons mais vanguardistas, até de algum black metal ortodoxo, nos temas também... Eu sempre foi um apreciador de black metal, é um estilo que está mais enraizado no que faço do que o doom ou o sludge, e há muito espaço neste contexto para criar esse tipo de ambiências. É música muito soturna, mística até, que anda muito à volta de dissonâncias que são pensadas para ter um cunho marcante e bem vincado.

Fica mais que estabelecido o quanto prezam a vossa evolução como músicos e criadores. Como seriam os Wells Valley se tivessem de pagar as contas da água com o dinheiro que fazem com a banda?
Em uníssono: Não existiriam! [risos]

TRIBUTO À RAIVA

Um dos nomes mais coerentes da história do punk nacional e a banda mais internacional do crust português, os SIMBIOSE viram agora mais uma página da sua longa carreira, com novo disco marcado pelo desaparecimento do ex-baixista Sérgio Curto *aka* Bifes. Trocámos algumas ideias com o vocalista Jonhie sobre o novo álbum «Banalization Of Evil», como foi ultrapassar o duro golpe da dolorosa perda, e a nova vida do quarteto.

LUÍS RATTUS

"Sentimos que hoje em dia as bandas deixaram de ter a atitude que deveriam ter. O punk, o metal, o hardcore e o crust sempre falaram do que nos rodeava, e isso está a perder-se."

Em termos sonoros, vocês já passaram por fases mais punk e fases mais metal. Parece-me que este disco segue mais a veia condutora e comum que é o crust. Talvez com umas *riffalhadas* mais Discharge. Foi um voltar às raízes?
Bem, não sei se foi um voltar às raízes, pois as raízes estiveram sempre presentes em todos os álbuns. Este disco, como todos sabem, foi feito numa altura menos boa da banda, a composição foi interrompida a meio por um acidente mortal com o nosso querido baixista Bifes e quando a poeira baixou fazia sentido a banda seguir em frente e acabá-lo. Foi feito com muita raiva e sentimento e nada melhor para representar esses sentimentos que fazer crust puro e duro.

Ao nível de *line up*, também simplificaram a fórmula e estão há algum tempo com apenas um vocalista e um guitarrista. Sentem-se mais confortáveis assim?
Sim, muito mais confortáveis há muito menos confusão. Logisticamente ficou mais fácil e a fórmula a quatro está a resultar.

É inequívoco que a morte do Bifes, no ano passado, foi um duro contratempo e uma marca difícil de ultrapassar. De que maneira isso se reflectiu na composição deste álbum?
Como disse anteriormente o disco estava a ser feito com o Bifes e a meio aconteceu o que aconteceu. Nas semanas seguintes não sabíamos bem o que fazer, mas não demorou muito para sentir que seguir em frente era aquilo que todos queríamos, inclusive o Bifes também era isso que queria. Acabar o disco e continuar a fazer o que fizemos até aqui. É óbvio que se reflecte em muitas músicas e letras o sentimento de raiva, falar da vida, da morte, da realidade actual e a inconformidade da grande perda.

E como tem sido a integração do novo recruta João?
Depois de tudo o que passámos, em semanas conseguirmos ter o João na banda foi algo em que ainda hoje não acreditamos. Além de ser a pessoa que é, o musico que é, o fã da banda que é... era um dos melhores amigos do Bifes. Ninguém melhor para vestir e sentir o luto como nós! Não poderia ter sido melhor, estamos muito contentes por o ter connosco, já lá vão uns quantos concertos juntos, *tour* europeia e muitos mais que já estão marcados.

Mais uma vez contam com uma participação exterior de alguém bem conhecido, desta vez Juan dos Soziedad Alkoholika no tema «Na Mão De Estranhos». Como se proporcionou essa colaboração?
Esta ideia já vem com dois discos de atraso. Quando fizemos vários concertos com os Soziedad Alkoholika na Catalunha e o convite da nossa parte surgiu nessa altura, era para ter acontecido no álbum «Economical Terrorism», mas não se proporcionou, pois eles estavam a gravar um disco também na mesma época. Fomos amadurecendo a ideia e finalmente conseguimos ter um tema com ele. Posso também anunciar em primeira mão à LOUD! que gravámos também um tema com a Lê, da banda brasileira Gritando HC, que vai sair em exclusivo na edição brasileira do disco, pela Your Poison Records. Ou seja, na realidade são duas participações.

Acabaram de fazer mais uma *tour* pela Europa para promover o lançamento. Correu dentro das expectativas?
Sim, correu. A receptividade é sempre muito boa lá fora, pois somos uma banda que faz poucas *tours* e acabamos por não passar por muitas cidades da Europa. Numa *tour* há concertos durante a semana menos bons, mas mesmo esses não foram abaixo das expectativas.

«Banalization Of Evil» mantém a componente politica e social na parte lírica dos Simbiose, temas como a dos refugiados são abordados e expostos. Sentem que o underground português continua a perder o seu conteúdo interventivo e a tornar-se cada vez mais obsoleto?
Sentimos que hoje em dia as bandas deixaram de ter a atitude que deveriam ter. O punk, o metal, o hardcore e o crust são estilos de música que sempre falaram do que nos rodeava, e isso está a perder-se. Hoje em dia vejo as bandas a dedicaram-se mais ao som que fazem e à sua imagem. Realmente nunca pertencemos a essa elite e custa-me cada vez mais ver o que vejo em concertos em algumas cidades. Mas cada um é cada um, por isso é que não entramos em modas e fizemos ao longo dos anos um trabalho sincero. Nunca fomos atrás de modas. Aliás, oiçam a música deste disco «Intolerante À Intolerância» e são capazes de entender do que estou a falar.

Depois de se aliarem à Amazing no que se refere a agenciamento, são agora editados por eles. Uma forma de fortalecer a parceria? Porque optaram pela Amazing Records que dá os primeiros passos neste campo?
Achámos que fazia todo o sentindo, pois já estávamos com eles com os concertos, identificamo-nos com eles e decidimos abraçar o projecto novo juntos.

Passados 28 anos e sete álbuns, o que ainda vos mantém por cá?
O que nos faz seguir é principalmente a amizade e cumplicidade entre os membros da banda e as pessoas e os locais que ao longo destes anos já conhecemos à pala dos Simbiose.

AVATARIUM

FOGO TRANSCENDENTE

Fundados por Leif Edling dos Candlemass, os AVATARIUM estão de regresso com um novo trabalho já com o lendário baixista num segundo plano, mas onde a dupla Marcus Jidell e Jennie-Ann Smith assume um papel preponderante. «The Fire I Long For» é o quarto disco dos suecos, e a LOUD! esteve à conversa com a vocalista Jennie-Ann. Ficámos a saber da importância da maternidade na composição deste novo trabalho e discutimos uma eterna questão existencial: o que há para além desta vida?

JORGE BOTAS ALEX HINCHCLIFFE

Como vês este novo disco dos Avatarium?
Estou entusiasmada com este novo trabalho. Trabalhámos nele durante tanto tempo e agora que estamos na fase de promoção, acho que o melhor ainda está para vir, que é a parte de ver como as pessoas vão receber este disco que nós sentimos muito orgulho em editar.

A primeira amostra foi o vídeo para o tema «Rubicon», que teve comentários bastante positivos. És o tipo de pessoa que lê os comentários?
Às vezes! Depende de onde estou e se tenho tempo. Desde que começámos com os Avatarium, a maioria das respostas tem sido muito positiva, por isso vou lendo algumas. Desde que tenha tempo, gosto sempre de ler alguns comentários.

E com as reacções a esta primeira amostra, sentes-te mais confortável com a opinião que os fãs poderão ter do novo disco?
O disco contém algumas surpresas... Por isso, não diria mais confortável, mas talvez um pouco curiosa para perceber a reacção das pessoas. Como disse, costumo ler alguns comentários, mas também recebo e-mails e mensagens através das redes sociais e fico assoberbada com a interacção e paixão que estes fãs têm pela música hard rock e metal. É uma comunidade muito especial, diria eu. Não consigo parar de ficar fascinada pela paixão e pela preocupação das pessoas por este tipo de música. Por isso, as pessoas podem pensar o que quiserem... Acho que é saudável que se preocupem e que gostem tanto de algo como a música.

Falaste há pouco de ter sido um longo processo, quanto tempo é que demorou a fase de composição até finalmente editarem o álbum?
Começámos a compor no Verão de 2018 e essa fase foi a parte musical. Por isso, a música já está escrita há algum tempo. Acabou por ser um processo especial, porque no início de 2018 fui mãe de um rapaz e isso acabou por ser o grande foco da nossa atenção. Nós somos músicos e vivemos da música, por isso a nossa vida está envolta na música. O Marcus [Jidell, guitarrista] começou a compor e desde logo decidimos que queríamos ser nós a escrever a grande maioria da música. Por isso tudo começou connosco a passear com um carrinho de bebé e a termos ideias. [risos] Fomo-nos revezando a tomar conta do bebé e a escrever música, e acabou por ser um processo um pouco diferente.

E o facto de teres sido mãe, mudou a forma como abordas a composição de canções e letras?
Claro que me mudou... Talvez tenha ficado com a percepção do quão preciosa a vida é, e de quão curto é o tempo. Na altura em que fomos pais, ambos perdemos pessoas da nossa família – eu perdi o meu pai e o Marcus perdeu a mãe – por isso houve estas enormes mudanças existenciais na nossa vida. E claro que acabámos por ficar afectados com isso.

E já pensaste alguma vez no que há para além desta vida?
Uma das coisas boas de estar nos Avatarium é que posso processar essas enormes questões através da música. Nos álbuns anteriores escrevemos poucas músicas e trabalhámos muito com o material do Leif [Edling]. Ele continua a ser uma parte importante da banda, mas desta vez, eu e o Marcus decidimos assumir a responsabilidade da composição do material para este disco. Acaba por ser uma boa forma de filtrar essas questões que eu tenho, enquanto letrista. Para além das minhas experiências pessoais, eu tenho outra profissão – sou psicóloga terapeuta e trabalhei com pacientes com cancro durante muito tempo. Por isso acabo por partilhar estas experiências com os doentes e com os familiares, sobre a vida e a morte e as diferentes perspectivas que têm sobre vida para além da morte, se é que há alguma coisa para além da morte. Isso acaba por te enriquecer, dá-te novas perspectivas e claro muita inspiração quando chega a altura de escrever música.

"Através desta banda tenho tido a fantástica oportunidade de expressar todos os meus estados de espírito. É como ter um pincel e poder pintar luz e sombra, vida, morte e vida depois da morte."

E com essa profissão, é possível desligares-te por completo dos problemas dos pacientes?
Depende... Depende do tipo de matéria com que temos que lidar. Cada pessoa é única, e algumas histórias pura e simplesmente acabam por colar-se um pouco ao teu lado emocional, seja por experiências que já tenhas passado ou pelo teu estado de espírito. Acho que, como em todos os trabalhos, nunca se fecha a porta completamente quando se sai do trabalho, nunca se esquece por completo tudo o que se passou. Eu continuo surpreendida pela força do ser humano, porque nas piores situações ou nas condições mais difíceis de imaginar para a grande maioria, há pessoas que conseguem superar-se. Há um poder incrível na humanidade e conseguimos sobreviver a tantas dificuldades, que é um privilégio ter um emprego desse género.

E hoje em dia, com as redes sociais em alta e a busca pelos *likes* e coisas do género, há muita gente que nem sabe a sorte que tem, e ao invés passa o tempo a queixar-se de coisas insignificantes...
É fascinante... Biologicamente temos estas defesas psicológicas para podermos sobreviver. Seria impossível para nós sobrevivermos se tivéssemos que pensar nos problemas e dificuldades que se passam um pouco por todo o mundo. Ninguém seria capaz de aguentar isso... Temos de ter estas perspectivas de pequenas preocupações ao oposto de coisas que nos podem ameaçar a vida. [risos] Ter música e podermos expressar-nos dessa maneira... Antes dos Avatarium trabalhei noutros géneros musicais, mas através desta banda tenho tido a fantástica oportunidade de expressar todos os meus estados de espírito. É como ter um pincel e poder pintar luz e sombra, vida, morte e vida depois da morte. É excitação e alegria, é a mais profunda ruína e mágoa, é tudo. Acabei por me aperceber que é algo que encaixa comigo, é um lugar onde posso expressar todos esses sentimentos.

Um dos temas que se destacam no álbum é o último, «Stars They Move», que de alguma forma faz lembrar a Diana Krall.
Wow! Gosto que tenhas feito essa associação ou que tenhas pensado nisso. Gosto disso. Claro que ela é uma pianista e cantora... Eu gosto muito da forma como essa música ficou feita. Esse tema foi escrito pelo Leif Edling e ele tinha-o escrito num estilo completamente diferente. Eu sugeri despi-lo de todas as camadas que tinha, e interpretá-lo só com piano e voz, num estilo parecido com *chanson* francesa, e dai talvez a tua associação. Pegámos nessa ideia e gosto da forma como se encaixa num disco de hard rock e metal. Acho que ficou muito porreira.

Achas que com o «The Fire I Long For», os Avatarium encontraram finalmente o seu som?
Acho que só o facto de ter dado um passo e assumir-me como compositora... Aprendi tanto com os trabalhos anteriores, dos quais estou muito orgulhosa. Tudo o que fizemos levou-nos ao ponto onde estamos hoje. Por isso, sim, acho que encontrámos o centro dos Avatarium e que está aberto a ser explorado ainda mais. Acho que este é o melhor disco que fizemos até agora e estou bastante orgulhosa.

ÉPICOS!

Estamos perante aquele que é, possivelmente, um dos projectos mais ambiciosos da história do metal. O novo trabalho dos Blind Guardian – neste caso, sob o desígnio BLIND GUARDIAN TWILIGHT ORCHESTRA – nasceu das mentes do guitarrista André Olbrich e do vocalista Hansi Kürsch ainda nos anos 90, quando a banda começou a usar elementos orquestrais nos seus discos. A ideia só ganhou, no entanto, forma nos anos mais recentes, e com a ajuda do escritor germânico Markus Heitz, a banda arranjou o conceito lírico que faltava. A LOUD! esteve à conversa com o lendário vocalista, que nos contou tudo sobre este projecto que levou "apenas" mais de vinte anos a ser concretizado.

JORGE BOTAS DIRK BEHLAU

Chega finalmente «Legacy Of The Dark Lands», e foram "só" mais de vinte anos à espera deste trabalho.
Sim... Como sabes, as coisas boas, às vezes, exigem um pouco mais de atenção, e foi certamente esse o caso com este disco. Pensei várias vezes durante os últimos dez anos que estaríamos mais perto de terminar este projecto do que o que realmente acabou por acontecer, mas depois de tudo feito, acho que agora, o resultado final fala por si.

Tendo em conta as expectativas que foram sendo criadas, e se calhar de pressão que vocês tinham em cima, as primeiras audições revelam que valeu bastante a pena a espera...
Fico contente por ouvir isso. Eu sinto o mesmo, e tens razão, claro que houve alguma pressão em certos momentos. Mas sempre estivemos muito confiantes no caminho que queríamos seguir e na forma como as coisas iriam resultar. A única insegurança foi mesmo saber quando isto iria realmente acontecer. Quando é que nós estaríamos realmente confiantes em deixar o bebé sair de casa… e agora já é um adulto! [risos]

Estiveram à espera da oportunidade certa, ou da história certa, para se poderem focar neste disco orquestral? O escritor Markus Heitz ter aparecido com a história foi uma questão de *timing* perfeito?
No final acabou por ser. Na verdade o que levou mais tempo foi encontrar a orquestra certa e encontrar as pessoas certas, musicalmente falando, com quem trabalhar. Isso aconteceu há dez anos, mas depois a gravação foi outro processo bastante exigente e que consumiu bastante tempo. Felizmente, com o Markus Heitz encontrámos uma pessoa (e um personagem!) que percebeu este projecto de música clássica. O que lhe pedimos foi apenas que fosse flexível e que se ajustasse às exigências de todo o projecto. Não nos podemos esquecer que a música, na altura em que ele entrou em cena, já estava toda composta. Já estava quase tudo feito. Tínhamos a banda-sonora perfeita, eu já tinha as melodias vocais, só não tínhamos ideia ainda de qual seria a direcção da história. Para uma missão impossível como esta, precisávamos de uma pessoa como o Markus, que tivesse ideia de quem nós somos enquanto banda, fosse um perito em fantasia, e soubesse combinar a forma de contar uma história com as minhas letras e todas as ideias estranhas que tive quando compunha estas canções. Não havia propriamente pressão do lado do Markus, mas de qualquer forma exigimos muito dele. Felizmente, ele nunca desistiu, e foi muito espontâneo sempre que eu aparecia com um volte-face na história, porque havia pequenas mudanças nas nuances musicais e pequenas coisas especiais que precisavam de ser envolvidas na narrativa. Sempre que isso aconteceu, ligava-lhe e ele aparecia sempre com ideias muito porreiras. A forma como tratámos da história, com uma prequela que o Markus tinha escrito, e a forma como produzimos o Nicolas [NR: o personagem principal da história] para ser o primeiro cavaleiro do apocalipse, foi tudo uma experiência bastante intensa para mim.

Tiveste que mudar as letras muitas vezes durante a própria gravação, chegou a esse ponto?
Muitas vezes... Há sempre uma pequena maldição quando temos demasiado tempo e nós gastámos muito tempo na pré-produção do disco. Eu criei algumas locuções porreiras, mas que exigiam também um tipo de frase e palavras. Basicamente, quando criava uma letra para uma canção, por exemplo, tentava fazê-lo tendo sempre em mente a arte de contar uma história da melhor maneira possível. E depois de cantar muitas destas frases, percebi que era impossível. Ou o *tempo* era um pouco lento, ou não se encaixavam no padrão rítmico... Por essa razão, era forçado a fazer ajustes, e para além disso tinha também que tentar encaixar o espirito da pré-produção e fazer com que as melodias vocais brilhassem. Para isso acontecer, fui obrigado a mudar muitas, muitas palavras. Revimos imensas frases e, de alguma forma, tentámos manter o lirismo e a forma de contar a história.

"Este projecto deu-me mais confiança. Estou orgulhoso da forma como terminei as gravações de voz neste disco, mas também estou contente por voltar às músicas de metal 'normais'."

Uma coisa é cantar com uma banda de metal, e outra muito diferente é cantar por cima de uma orquestra. Tiveste que mudar muito o teu estilo para te adaptares a um mundo musical completamente distinto?
Sim, e foi muito difícil. Quando compusemos estas canções, as partes orquestrais foram feitas com sons de teclados e de bibliotecas orquestrais, e todo esse som artificial acaba por se aproximar muito mais da forma como fazemos um disco de metal do que cantar com uma orquestra por detrás. Foi uma experiência muito dolorosa a que tive nos últimos dois ou três anos, depois de termos as partes gravadas pela orquestra. Foi como estar a viver num ambiente onde eu, enquanto cantor de metal, era um corpo completamente alienígena. A orquestra vive de uma forma lógica e orgânica, onde todos tocam música clássica em conjunto, e depois apareci eu, vocalista de heavy metal, com toda a distorção a que estou habituado. Por isso, tive de adaptar a minha forma de cantar, apesar de ter composto todas as linhas líricas e de ter uma ideia forte de todas as dinâmicas. A verdade é que a orquestra acaba por ditar a forma destas dinâmicas e foi preciso muita tentativa e erro até chegarmos a um ponto onde eu me sentisse confiante em cantar com eles. Cantar com uma banda de heavy metal tem muitas vantagens, principalmente para vocalistas como eu, que cantam sempre com guitarras com distorção. Eu considero-me um vocalista de heavy metal e não um vocalista clássico. É fácil para mim acompanhar uma guitarra rítmica, porque o que tenho nas minhas cordas vocais é distorção de certeza, mas numa orquestra não há distorção nenhuma. Tive de ir tentando até encontrar a textura perfeita que se encaixasse na orquestra. Com uma banda de metal as dinâmicas vão mudando, mas para mim é muito mais fácil adaptar-me e escolher qual o instrumento que quero seguir quando estou em estúdio, por exemplo. Com uma orquestra, isso torna-se impossível porque é tudo gravado à primeira. Ou seja, é impossível retirar a percussão, por exemplo, tinha de viver com o que havia na orquestra. Muitas vezes foi uma viagem, mas nem sempre a melhor viagem! [risos]

Achas que aprendeste algo de novo com esta experiência, que possas vir a utilizar num próximo disco de estúdio dos Blind Guardian?
Eu diria que sim. Aprendi imenso sobre afinação, dinâmicas orgânicas... Foram lições bastante úteis e acredita que ainda não me esqueci delas, ainda estão bem presentes e irão continuar. [risos] Agora consigo ajustar-me melhor em relação a alguns problemas com afinação, apesar de ter sido sempre bom nisso, mas acho que atingi uma nova dimensão com este projecto. Também aprendi a moldar-me a certas características que a minha voz é capaz de entregar, e sou capaz de trazê-las para um contexto de metal sem me magoar muito. Por isso, em relação a este assunto, acho que estou mais relaxado em actuar com uma banda de metal do que estava antes, porque aprendi a apreciar o ambiente um pouco artificial de estar com uma banda de metal em estúdio e talvez agora aprecie mais essa situação do que no passado. [risos] Agora posso voltar para a minha zona de conforto, e este projecto deu-me mais confiança. Estou muito contente e orgulhoso da forma como terminei as gravações de voz neste disco, mas também estou contente por voltar às músicas de metal "normais".

Outra curiosidade neste álbum é a inclusão dos actores que deram voz ao disco «Nightfall In Middle Earth». Foi bom o reencontro com essas mesmas pessoas passados tantos anos?
Foi uma experiência fantástica. Obviamente que estamos todos mais velhos – não nos víamos há vinte anos – e eu andei à procura do Douglas [Fielding] e do Norman [Eshley] durante muito tempo, até que consegui che-

gar a eles através do Facebook. [risos] Acredita que tentei por todos os outros meios que possas pensar para chegar à fala com eles, mas sem sucesso, e quando estava mesmo para desistir, o Charlie [Bauerfeind, produtor] perguntou-me se já tinha tentado pelo Facebook ou outras redes sociais. Eu disse-lhe que não, e lá fui experimentar. Depois de chegarmos à página deles, passadas duas horas já estávamos a marcar uma reunião para uma gravação em Londres. Finalmente, passados vinte anos, lá nos encontrámos outra vez e percebemos que a química era a mesma. Eu sabia exatamente aquilo que esperar deles, e eles entregaram exactamente aquilo que eu estava à espera que fosse o trabalho deles. Foi uma daquelas situações onde todos ficámos a ganhar. Foi a escolha certa de muitas maneiras, porque o Douglas – que tem uma parte essencial neste disco nas narrações – estava a lutar contra um cancro e infelizmente acabou por falecer seis semanas depois das gravações.

Então este disco acaba por tornar-se ainda mais especial para vocês, não só pelo reencontro, mas também pelas novas memórias que criaram...
Foi muito especial! Eu apercebi-me de como as gravações do «Nightfall In Middle Earth» foram para os dois, e como estavam ansiosos para estas sessões. Durante as gravações nunca nos apercebemos que o tempo do Douglas estava a chegar ao fim e que ele estava a sofrer tanto com essa doença. Ele dominou esse dia!

Quando começaram a carreira, mudaram o nome da banda de Lucifer's Heritage para Blind Guardian, porque não queriam que vos confundissem com o movimento black metal da altura. Agora que lançam um disco orquestral, onde achas que vamos poder encontrá-lo: na prateleira de heavy metal ou na prateleira de música clássica? [risos]
Ui... Tenho quase a certeza que é na prateleira do heavy metal! Se pudesse encaixar noutra prateleira, talvez fosse na de bandas-sonoras. Mas como não há nenhum filme associado, acho que não vai lá parar. Acredito que quem é fã de bandas-sonoras de filmes como o «Star Wars» ou outros do género vai encontrar aqui algo de apelativo, por isso acho que fazia sentido. Acho que as pessoas da música clássica vão ter alguns problemas com a minha voz, porque é demasiado pesada para o típico fã de disco de orquestra ou ópera. Claro que há pessoas mais tolerantes e que, certamente, iriam apreciar o nosso esforço, mas acho que mesmo assim continua a estar mais no lado do metal e das bandas sonoras.

"Talvez para o final de 2021 tenhamos um festival dos Blind Guardian numa grande sala na Alemanha."

Já que falaste nas bandas-sonoras, gostavas de ver este disco transformado num filme?
Adorava. Fomos à Sérvia gravar um vídeo-clip para o tema «War Feeds War», para mostrar às pessoas um pouco o imaginário deste disco e ajudá-las a criar uma imagem

deste universo, e foi magnífico. Seria muito bom fazer isto para todos os temas. O melhor disto tudo é que, quando as pessoas ouvirem a música, que mesmo sem voz teria uma narrativa forte, ela pinta uma imagem lírica que irá captar a atenção do ouvinte. Mesmo que não seja relacionado com o «Dark Lands», talvez esta música entre num outro filme deste estilo um dia.

Imaginas o álbum a ser tocado ao vivo com uma orquestra?
Absolutamente, mas isso exige tempo. Já falámos sobre essa possibilidade muitas, muitas vezes, e discutimos todas as opções que temos. A opção mais realística seria um grande festival dentro de dois anos... Talvez para o final de 2021 tenhamos um festival dos Blind Guardian numa grande sala na Alemanha onde poderia ser apresentado pela primeira vez. Esta parece ser a opção mais viável. Também falámos da possibilidade de actuar em salas para orquestras na Europa, estilo uma aparição por país, desde que houvesse interesse. Esta seria a opção mais simpática tendo em conta o tipo de música. Mas mais do que isto, será muito difícil de alcançar.

"Foi uma experiência muito dolorosa a que tive nos últimos dois ou três anos. Foi como estar a viver num ambiente onde eu, enquanto cantor de metal, era um corpo completamente alienígena."

Nesse último formato, se calhar teriam de contratar uma orquestra desse país para tocar convosco.
Sim, e como eles sabem ler partituras, nem seria o maior dos problemas. Se tivermos um maestro e pudermos alugar a sala dois dias antes para ensaios com a orquestra local ou nacional, acho que seria suficiente. Apesar de haver partes que são bastante exigentes, mesmo para o mais experiente dos músicos, com a partitura à frente fica tudo mais fácil e com o maestro certo não deve ser problemático. Mas ter uma sala disponível, eu e mais alguns músicos convidados, não é algo fácil de encaixar. Estamos a discutir todas as possibilidades e estamos a dar tempo para tentar concretizar.

E agora, quais são os vossos planos para o futuro, para além de terem algum descanso depois do trabalho árduo que foi este projecto? Talvez um novo disco dos Blind Guardian?
Estás a adivinhar tudo corrrectamente! Estamos exaustos e apesar de orgulhosos, foi algo que consumiu muito tempo. Estou ansioso pelos meus dias de descanso por alturas do Natal, mas até lá ainda temos que fazer muita promoção. Em relação aos Blind Guardian, já terminámos grande parte do processo de composição do novo disco. Este vai ser o nosso grande objetivo para 2020 e devemos começar a produção no início do ano – talvez Janeiro ou Fevereiro – e tenho a certeza que o terminamos até final do ano para ser editado em 2021. Também já estamos a apostar em voltar à estrada e estamos a planear uma digressão mundial para 2021, por isso é bom que tenhamos um disco de metal cá fora nessa altura. [risos] Estamos numa missão e o processo de composição está a correr muito bem, e temos tudo preparado para a produção, sendo que fazemos sempre muitos ajustes. A direcção do disco novo é muito progressiva, mais orquestral do que pensava que fosse... O meu objetivo era uma composição mais típica dos Blind Guardian, mas continua a ser típica no sentido de que podem esperar o inesperado! Dito isso, acho que vai ter a mesma linguagem que os dois últimos discos de estúdio dos Blind Guardian. Nós temos uma regra de ouro na banda, e é algo que eu gosto muito: nós trabalhamos numa canção o tempo que for preciso até acharmos que já podemos ir para estúdio, e até aos momentos finais da produção, temos que gostar daquilo que estamos a fazer. De outra forma, nunca editaríamos nada. No final, se as pessoas que gostam de nós apreciam o que fazemos, então só me posso sentir agradecido.

A Nuclear Blast recentemente reeditou o vosso catálogo que foi remasterizado e remisturado. Achas que estas novas versões soam tal e qual como vocês queriam que soassem originalmente?
Em alguns casos diria que soam mais modernas, mas não necessariamente melhores... O que as antigas versões têm, é o espirito do tempo, e isso é algo que não lhes pode ser tirado, por isso são mais autênticas. Mas com a evolução da tecnologia esses ajustes eram necessários para nós, para que esses discos possam brilhar na tecnologia que está actualmente disponível, seja lá qual for a forma como as pessoas ouvem música hoje em dia. O objectivo nunca foi confrontar o antigo com o novo, mas sim apresentar todo o catálogo da banda. Um fã mais novo de heavy metal se calhar vai conseguir ouvir melhor as novas misturas do disco «Battalions Of Fear», do que a versão original analógica que era o que era na altura. Foi um álbum produzido em quinze dias, com um orçamento pequeno, gravado todo em formato analógico. Hoje em dias todas as pessoas ouvem música num formato digital, por isso achámos que seria uma boa oportunidade de prestar tributo a esses trabalhos, fazer com que a experiência de os ouvir seja o mais agradável possível. Para além disso, fico contente por ter novamente esses discos em vinil, porque nós sempre fomos grandes fãs. Acho que a versão analógica tinha tudo para soar tão bem nos dias de hoje, mas infelizmente, a nossa editora da altura – a Virgin – perdeu as fitas *master* desses discos, desapareceu tudo. A única coisa que podíamos fazer, era usar a versão digital do «Battalions Of Fear» de 2007 e transferi-la para vinil, mas achámos que isso seria muito má ideia. Por isso preferimos as misturas mais recentes, que podiam ser transferidas de forma mais correcta para um formato analógico.

Última questão, como está a situação dos Demons & Wizards? Tocaram ao vivo, houve reedições… e há planos para um novo disco de estúdio no próximo ano?
Sim! Depois de terminarmos a digressão, finalizámos as gravações e misturas do próximo disco dos Demons & Wizards. Neste momento está em processo de masterização, por isso deve ser lançado ou no final de Fevereiro ou no início de Março de 2020. Como estamos prestes a entregar tudo à editora, acho que é seguro avançar este *timing*!

COUNTERPARTS

Dos canadianos COUNTERPARTS pouco se conhece por cá, pese embora os seus doze anos de carreira e seis álbuns editados. No entanto, quando em contacto com a novidade «Nothing Left To Love» questionamo-nos sobre o porquê de esta banda não se encontrar noutro patamar de reconhecimento num espectro metalcore prolífero em nomes desprovidos de qualquer interesse. Homem de convicções fortes e fiel aos seus princípios, o vocalista Brendan Murphy falou-nos do novo disco e do sentido desta coisa de viver, respirar e respeitar música.

RICARDO AGOSTINHO WYATT CLOUGH

«Nothing Left To Love» é o sexto álbum de uma carreira que já ultrapassa os doze anos de vida. Olhando para trás, como encaras o percurso feito até aqui? O que farias diferente?

Honestamente, não faria nada de forma diferente. Acho que soubemos afirmar uma personalidade e encontrar o nosso lugar no universo da música pesada, em vez de dispararmos em todas as direcções para ver o que cola. Mantemo-nos fiéis a nós próprios e à música que queremos ouvir e isso é uma parte importante da estabilidade de uma banda. A criação artística, seja ela qual for, é suposto fazer o seu criador sentir-se orgulhoso, satisfeito e realizado com aquilo que cria, portanto, enquanto eu continuar a sentir isso em relação ao que faço com Counterparts, faz todo o sentido continuar a trilhar este caminho. Ok, talvez pudéssemos ter outra dimensão se tivéssemos feito isto ou aquilo de forma diferente, mas estou a borrifar-me para isso. Fazemos o que nos vai na alma e o que nos orgulha e dá gozo e isso é o mais importante.

AMOR MAIOR

Jamais forçarias ou abdicarias de algo em prol de um maior sucesso comercial?
Jamais. É claro que por vezes sinto que mereceríamos outro tipo de reconhecimento e isso deixa-me algo frustrado, mas não vamos forçar nada para dar o salto para outro patamar. Isto não deve ser uma competição entre bandas. Acredito muito mais no lado genuíno da equação, no facto de nos sentirmos satisfeitos e realizados com o que fazemos. Se as pessoas preferem ouvir bandas de merda que estão nisto pelas motivações erradas, isso será problema delas. Gosto de dormir descansado com a consciência de que tudo o que fiz foi com um sentido e fiel aos meus princípios.

Depreendo que o processo que conduziu a «Nothing Left To Love» tenha sido uma continuidade do que têm vindo a fazer até aqui, certo?
Sim, simplesmente criámos outro disco dos Counterparts, com o mesmo produtor, no mesmo estúdio, a ir ao mesmo restaurante de sushi, as mesmas rotinas. Mas é óbvio que, apesar de mantermos as coisas mais ou menos estáveis, há sempre diferenças de álbum para álbum, quer devido ao que nos influencia no momento, quer porque simplesmente evoluímos como músicos e como pessoas. «Nothing Left To Love» segue a linha dos discos anteriores em termos de sonoridade, mas carrega consigo mais alguma experiência e refinamento em relação ao trabalho anterior, sendo parte de um normal processo de evolução.

E liricamente, as coisas mantêm-se também mais ou menos na mesma toada negra e emocional?
Sim, seguem a mesma linha. São letras inspiradas naquilo que tem vindo a acontecer na minha vida ao longo dos últimos anos, focadas em assuntos pessoais, em pessoas que entraram e saíram da minha vida, em questões relacionadas com a depressão com que me vi confrontado, resultando num disco mais negro e emocional, como dizes, mas sem sair do âmbito que temos vindo a explorar.

A música e as letras acabam por funcionar como um escape e uma terapia para ti?
Sem dúvida. Não pretendo passar mensagens especialmente elaboradas ou mudar a vida de alguém com as minhas letras, mas faço questão de que sejam tão honestas quanto possível e penso que isso faz toda a diferença na forma como chega às pessoas e como estas se identificam com o que tenho para lhes dizer.

Musicalmente, penso que estamos perante um disco mais poderoso e emocional, carregado de momentos que são simultaneamente mais pesados e memoráveis. Concordas?
Definitivamente. Penso que quando és mais novo sentes que tens algo a provar na hora de escrever, fazes as coisas de uma forma mais visceral e acabas por querer mostrar tanta coisa num só tema que acabas por complicar o que é simples. Á medida que vamos ganhando experiência, sentimos uma necessidade cada vez maior de escrever canções que não sejam tão complicadas, mas que sejam mais memoráveis, que marquem o ouvinte e lhes transmitam sensações. Obviamente que não abdicamos da técnica associada às nossas composições, pelo que o desafio reside precisamente aí, ou seja, em aliar a técnica e um lado mais complicado a melodias e riffs memoráveis.

"Se as pessoas preferem ouvir bandas de merda que estão nisto pelas motivações erradas, isso será problema delas."

Encontram-se neste momento na estrada, numa digressão norte-americana. Como estão a correr as coisas?
Depende muito de cidade para cidade, de público para público, mas, de uma forma geral, está a correr bem. Não somos propriamente a banda mais acessível do mundo à primeira audição e damos por nós a tocar em algumas noites perante plateias completamente apáticas e, na noite seguinte, perante uma plateia completamente doida e participativa. Mas é assim a vida na estrada e a vida numa banda, nunca sabes o que irá acontecer a seguir.

E podemos esperar-vos nos palcos europeus?
Sim, claro. Iremos à Europa no início de 2020 e já temos alguns festivais agendados para o Verão. Estamos muito entusiasmados quanto a isso, até porque o público europeu também é muito diversificado e diferente do público norte-americano.

INSPIRAÇÃO PROGRESSIVA

Desde 2009, aquando do lançamento do primeiro álbum, que os noruegueses LEPROUS têm tido uma regularidade impressionante na edição dos seus trabalhos. «Pitfalls» é o nome do novo disco e marca, possivelmente, a maior alteração de direcção da banda até hoje. Para nos falar sobre este novo trabalho e percebermos melhor o que mudou, estivemos à conversa com o vocalista e principal compositor Einar Solberg.

JORGE BOTAS WILL IRELAND

O «Pitfalls» é capaz de surpreender os fãs da banda porque é um disco diferente daquilo a que os habituaram. Talvez para os fãs mais hardcore não seja uma surpresa, mas para o fã casual é capaz de ser...
Como artista, a única coisa que podemos fazer é seguir a nossa visão criativa e seguir esse caminho. Não podemos pensar muito em como as pessoas vão reagir porque é algo que não podemos controlar. Temos de seguir a nossa visão, e se as pessoas adorarem, acaba por ser um bónus.

Quando iniciaste o processo de composição percebeste logo que iria ser um registo um pouco diferente daquilo que os Leprous tinham feito até então?
Foi um processo muito aberto, por assim dizer. Sou uma pessoa muito intuitiva, não crio um plano rígido de qual a direcção a seguir, porque sempre que tentei planear alguma coisa, acabei num sítio completamente diferente do planeado originalmente. O processo de composição é tão casual e aberto, por isso nunca sei para onde me vai levar. Eu comecei a notar que seria um pouco diferente, porque tinha uma instrumentação mais aberta e não tão orientada para guitarra como é habitual na música rock e metal hoje

18+

WHAT IS AVAXHOME?

AVAXHOME-

the biggest Internet portal, providing you various content: brand new books, trending movies, fresh magazines, hot games, recent software, latest music releases.

Unlimited satisfaction one low price
Cheap constant access to piping hot media
Protect your downloadings from Big brother
Safer, than torrent-trackers

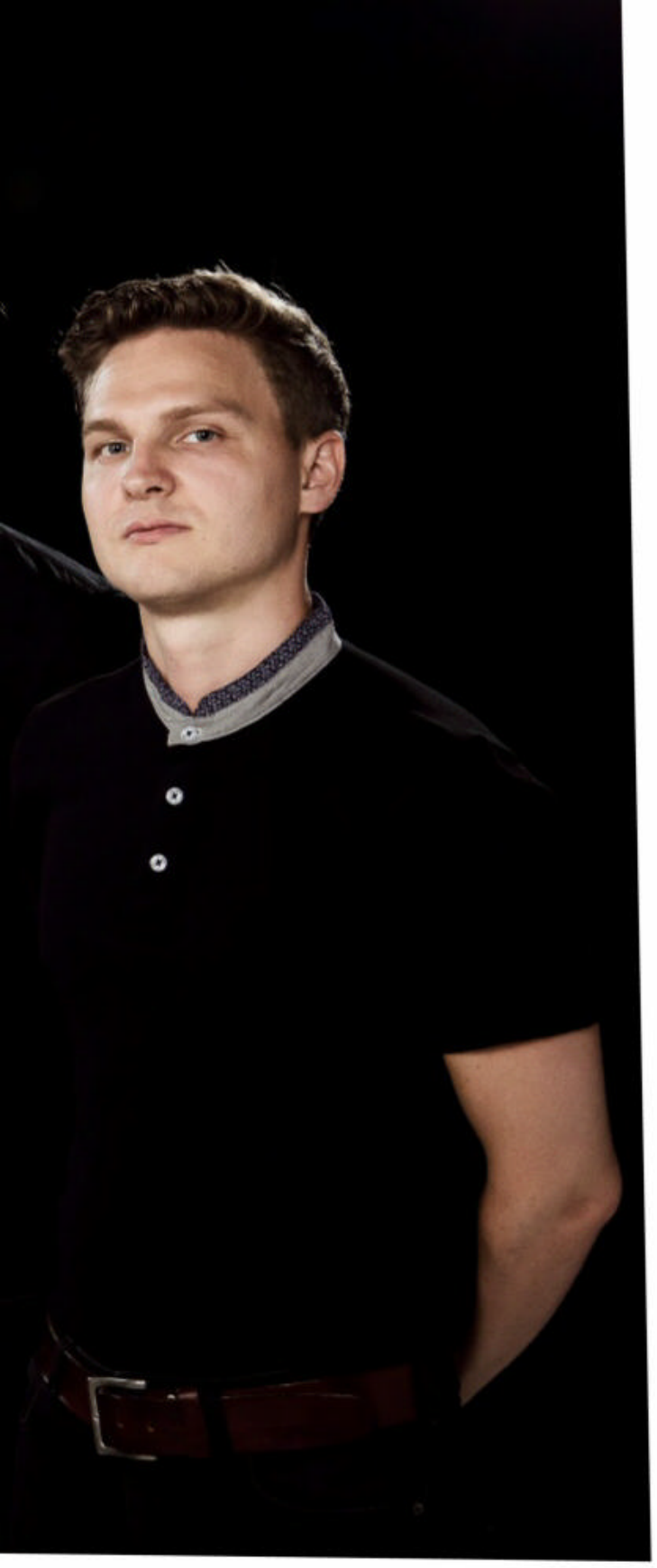
18 years of seamless operation and our users' satisfaction

All languages
Brand new content
One site

AVXLIVE.ICU

AvaxHome - Your End Place

We have everything for all of your needs. Just open https://avxlive.icu



"Há dias em que nos sentimos como os campeões do mundo e há outros em que nos sentimos completamente patéticos. Acho que é o que acontece quando se é artista."

em dia... e foi cedo no processo que comecei a sentir isso.

É já habitual que os discos dos Leprous demorem algum tempo a digerir, porque há sempre pequenos detalhes a descobrir a cada audição. Quando escreves tens noção de todos esses detalhes?
Nós arranjamos as canções apenas com os elementos que sentimos que servem essa canção. Ao longo dos anos fomos encontrando uma forma subtil de trabalhar nos temas e estas mudanças não são assim tão óbvias. Quando usamos menos ingredientes para fazer uma canção, acabamos por ficar dependentes desses pequenos detalhes, o que faz com que tudo avance ao mesmo tempo. É tudo colocado com muito cuidado e há músicas que precisam muito disso, principalmente se a estrutura for muito minimalista.

E quanto tempo demorou o processo de composição desta vez?
Foi um pouco difuso, porque comecei e depois parei, voltei a começar e parei novamente. Não foi um processo constante. Diria que comecei a fazer os primeiros *sketches* logo a seguir à digressão do disco «Malina», em 2017... talvez em Dezembro de 2017. Depois concentrei grande parte da composição na primeira metade de 2018. Depois fomos para estúdio, mas passei quase o ano todo de 2018 a escrever temas para este disco.

Para ti é fácil começar a escrever uma canção e só voltar a ela passados seis meses?
Essa é a questão... Nunca há um padrão de como as coisas vão funcionar. Se há algo que funcionou de certa forma, não quer dizer que vá voltar a funcionar novamente. Algo que não é casual, é quando já tens o ouvido treinado para perceber que há algo que sabes logo que vai funcionar e que tens de continuar a trabalhar nessa ideia porque sabes que vais conseguir algo com ela. Por exemplo, no caso do tema mais longo do disco, «The Sky Is Red», escrevi o *sketch* principal em hora e meia. E há canções bem mais simples que demorei um ano a completar. [risos] Não tenho uma forma *standard* de compor... A criatividade não é decidida quando te apetece, porque quando aparece, aparece. Outro exemplo foram as linhas vocais para o tema «At The Bottom», onde experimentei vezes sem conta várias formas e um dia quando estava a correr, a meio da corrida, como tinha a versão instrumental a tocar, parei e gravei as linhas vocais. E depois voltei a correr. [risos] Nunca se sabe quando a inspiração aparece, temos de ter abertura e estar preparados para quando aparece. Outra música do disco, a «Below», apareceu toda em qualquer coisa como 45 minutos. Foi super rápido.

Confias muito no teu instinto quando estás a escrever ou tens dúvidas?
Um pouco de ambos, diria eu. Tal como muitos artistas, há dias em que nos sentimos como os campeões do mundo e há outros em que nos sentimos completamente patéticos. Acho que é o que acontece quando se é artista. [risos] Felizmente, na maioria das vezes estou algures no meio, mas com a experiência, vou-me sentido cada vez mais confiante. Acho que os compositores sabem do que falo, há dias em que todas as coisas que fazemos nos soam terrivelmente, apesar de serem muito boas. Já outros dias, as ideias de merda podem soar maravilhosamente e só no dia seguinte é que nos apercebemos que, de facto, era uma má ideia.

Um dos melhores temas do disco é o «Foreigner», que é bastante imediato. Foi rápido de compor?
Bastante, sim. E há uma curiosidade em relação a esse tema – já na fase final, estávamos um pouco reticentes se o devíamos incluir no disco ou não, porque apesar de acharmos que era um bom tema, era algo que pensámos que já tínhamos feito. [risos] No final, decidimos que devia ser incluído no álbum. Surgiu depois de eu ter composto as canções «Observe The Train» e «Alleviate», e achei que devia ter um tema um pouco mais rápido seguindo a velha fórmula. O que há de novo nesse tema, é que é uma canção de rock pura e dura. É tocada em 4/4 e com muita energia. O que é imediato ou não também depende de onde vens, musicalmente. Por exemplo, o tema «At The Bottom» está a encaixar junto dos fãs de prog, porque há muita coisa a acontecer, com mudanças de tempo e por aí fora. Para quem é mais novo neste tipo de música, talvez as músicas «Below» e «Alleviate» sejam mais fáceis de digerir.

E em relação às letras, continuas numa abordagem muito pessoal, certo?
Sim, e tenho que confessar que neste disco as letras são mesmo muito pessoais. Nas outras ocasiões, eram mais sobre a vida em geral. Desta vez são mesmo muito pessoais, directamente da minha vida e das minhas experiências. No passado nunca quis fazer isso, porque não me sentia muito à vontade para mostrar os sentimentos mais internos para todo o mundo ver, principalmente para um gajo escandinavo, é algo que não fazemos muito. [risos] Tenho de admitir que me sinto mais emocional e aberto do que o norueguês normal.

Na Escandinávia é normal as pessoas evitarem o contacto directo olhos nos olhos, e isso é algo que se estranha muito quando se viaja para lá.
Tenho de admitir que me irrita quando alguém que não conheço me olha olhos nos olhos! [risos] Porque estás a olhar para mim? Preocupa-te com a tua vida! [risos] Os escandinavos podem ser muito abertos e é fácil comunicar no contexto certo, percebes? É preciso um terreno comum, se fores a um concerto, por exemplo, aí percebes que as pessoas são completamente diferentes. Já se fores no metro, isso não acontece e eu sou um pouco assim. Sou capaz de ir uma viagem inteira no metro onde encontro um espaço só para mim. Nós eramos um povo agricultor e vivíamos muito afastados uns dos outros, e acho que é um pouco dessa cultura que ainda prevalece. Mas só porque não somos muito abertos com as nossas emoções, não quer dizer que sejamos pessoas muito frias ou selectivas.

Vocês tocaram em Portugal em Junho passado, no Festival Comendatio, como correu o concerto?
Acho que o público português é fantástico e tenho pena que Portugal não esteja incluído nesta digressão, mas fica sempre um pouco longe geograficamente falando, e é sempre algo que tem de acontecer em conjunto com Espanha. Mas fica a promessa de que, ainda durante a promoção do disco «Pitfalls», vamos passar por aí.

STRIGOI

Findos os Vallenfyre, o famoso guitarrista dos Paradise Lost, Gregor Mackintosh, deu com ele ainda a ter vontade de fazer música sinistra e medonha. Vai daí, fundou os STRIGOI, que começam já a sua carreira em grande estilo, com o álbum de estreia «Abandon All Faith» a ser uma descarga de negritude que impõe muito respeito. Como seria de esperar, fomos logo falar com o simpático guitarrista britânico, o que é sempre um prazer.

JOSÉ CARLOS SANTOS JOEY MADDON

LONGE DO PARAÍSO

Quem diria, aqui há uns anos, que iríamos estar a conversar sobre a *terceira* banda da tua vida. Nem tu, provavelmente – imagino que não tenhas propriamente um plano de conquista mundial delineado.
Não há plano nenhum, realmente. Ando sempre meio às apalpadelas no escuro. [risos] Faço isto por divertimento, apenas. É o meu *hobby*. Tenho só a sorte de algumas pessoas o levarem a sério! Estou tão chocado como qualquer outra pessoa por a Nuclear Blast ter dito que queria editar este disco. Não é propriamente o tipo de musica com que uma editora como eles costuma trabalhar, o som do álbum está muito longe do tipo de coisa que eles lançam. [risos] Mas quiseram, e estão a dar todo o apoio, por isso não me posso queixar. Mas sim, tudo o que faço é normalmente por piada, para me divertir, e depois por engano há mais alguém que gosta!

Mesmo assim, e é natural que assim seja, a tua abordagem aos Paradise Lost é um bocadinho mais… "séria", mais institucional, digamos assim, não é?
Sim, porque os Paradise Lost têm uma longa história, e apesar de eu não deixar que isso afecte a nossa composição, quer se queira quer não, é um bocado inevitável que haja esse *feeling* na música e é algo que tenho que… respeitar, diria. Nem é tanto que haja regras estritas… Eu tenho tendência a pensar na escrita de música em termos de sentimentos, e nos Paradise Lost o sentimento prevalecente é de *bittersweetness*, de melancolia, tristeza. Nos Strigoi tem mais a ver com medo, com o que é sinistro e assustador. Sei que é um bocado estranho estar a definir as bandas em termos de sentimentos ao invés de o fazer musicalmente, mas é essa a forma como julgo e aprecio a música que ouço também.

Quais foram as principais razões que te levaram a terminar os Vallenfyre e "reiniciar" tudo com os Strigoi? Havendo diferenças claras, obviamente, creio que também não chocaria ninguém se o «Abandon All Faith» tivesse sido um disco dos Vallenfyre.
Há algumas razões. Principalmente, o facto de que sempre planeei terminar os Vallenfyre, nunca foi um projecto a longo prazo, e aliás, durou bem mais do que aquilo que eu esperava inicialmente. Acho que as pessoas sabem a história por trás da formação da banda, havia um sentimento a ela associado [NR: os Vallenfyre foram criados em homenagem ao falecido pai do Greg], e eu não queria de alguma forma desvalorizar isso. Ao continuar com a banda indefinidamente, havia cada vez mais o perigo de isso acontecer. Para além disso, já no final do percurso da banda, na verdade foi exactamente uma semana antes do último concerto, a minha mãe faleceu também. Foi quase… Eu não acredito nessas merdas, mas se acreditasse, diria que foi algo profético. Foi como se um círculo se fechasse. Portanto, estou muito satisfeito com a trilogia de álbuns que fizemos, dos quais podemos estar relativamente orgulhosos, pudemos dar vários concertos pelo mundo fora, mas estava sempre tudo destinado a acabar, mais cedo ou mais tarde.

Só que, quando acabou, deste contigo com vontade de fazer mais malhões feios, porcos e maus?
Pois, foi exactamente isso. [risos] Nem tinha passado um mês, e percebi que ainda tinha aquele "bichinho" de fazer qualquer coisa deste estilo. Diverti-me imenso nos últimos anos, ao recuperar aquela ligação mais próxima ao underground do metal, também. Não pensei especificamente em começar logo um projecto novo, escrevi só um tema, que acabou por ser o «Carved Into The Skin», que é o sexto tema do álbum. A ideia que tinha era só escrever três ou quatro temas de funeral doom, ou pelo menos à volta desse estilo, e logo se via o que lhes fazia. Mas acabei por achar esse tema demasiado opressivo, e então o seguinte que escrevi foi ligeiramente diferente, e foi só quando cheguei à terceira canção que achei que precisava de criar uma espécie de identidade, de perceber melhor o que estava a fazer. Foi quando envolvi o Chris [Casket, baixista], e começámos a falar melhor sobre um eventual projecto e a dar forma às coisas. Portanto, sim, há dois ou três temas no «Abandon All Faith» que poderiam perfeitamente ser temas dos Vallenfyre, mas só no sentido de que foram escritos sem saber efectivamente qual seria o conceito da banda.

Quando é que isso ficou estabelecido, então?
Foi quando escrevemos o tema «Phantoms», ou talvez a «Enemies Of God», que percebemos definitivamente onde queríamos levar esta banda, e foi aí que ganhou a sua própria identidade e o seu próprio som. Ainda fazendo a comparação, acho que Strigoi é algo mais cinemático, mais elegante do que os Vallenfyre eram. É menos "da rua", menos crust, e tem mais alguns elementos como alguns toques de black metal, outros de industrial… Lembrei-me muito dos meus tempos em que dávamos concertos na companhia dos Godflesh, por exemplo. Basicamente, vejo os Strigoi como um "pacote" completo. Com a arte, as fotos, o vídeo-clip, as letras, tentámos criar uma imagem, é bastante mais conceptual, nesse sentido.

Curiosamente, consta que foi o Chris que escreveu a maior parte das letras. É verdade?
A maior parte, sim, cerca de 80% ou 90%. Escrevi a «Carved Into The Skin», lá está, porque a banda propriamente dita ainda não existia, mas depois de envolver o Chris no projecto, sugeri-lhe logo que ele fizesse essa parte. A questão é que eu não gosto particularmente de escrever letras, que é algo que descobri durante três álbuns dos Vallenfyre. [risos] É um processo que acho demasiado opressivo, até um bocado pessoal demais… Não sei, deixa-me muito triste escrever letras, e não me apetece estar triste! Por isso pedi ao Chris, e fizemos a coisa de uma forma invulgar, para mim, em termos de composição. Discutimos cada canção de forma aprofundada previamente, estabelecemos aquilo que queríamos que fosse o tema principal, o Chris escrevia a letra, e eu depois interpretava-a. Portanto, as letras vieram antes da música. Eu lia as letras e decidia se cada uma delas se ligava melhor a um tema mais abrasivo, mais *in your face*, ou se era algo mais metafórico, e compunha com esse espírito. Correu muito bem, e muito mais rápido do que é costume, porque funcionou um bocado como inspiração instantânea. Não foi estar sentado a fazer um riff, e depois outro riff, foi mesmo andar à procura de uma interpretação concreta das palavras de alguém.

Ganhaste toda uma nova apreciação pelo que o Nick Holmes anda a fazer há 30 anos? [risos]
[risos] Sempre dei valor, mas sim, percebo o problema. Estranhamente, nos Paradise Lost fazemos exactamente ao contrário, o Nick precisa da música primeiro, para depois se inspirar para as letras. Portanto esta foi a primeira vez que trabalhei desta forma, nos Vallenfyre também não era assim, e gostei. É para manter.

No álbum, tocaste guitarra também – ao vivo, como é que vai ser? Vais ter a guitarra, ou só o microfone?
Ao vivo, só microfone, porque na verdade é em grande parte esse factor que separa os meus projectos dos Paradise Lost, na minha cabeça. Tenho dois papéis diferentes. É uma cena mental para mim, mudar de um para outro. Pode parecer estranho, mas sinto imenso a diferença.

Falando dos concertos, já têm uma banda montada para poderem levar os Strigoi para a estrada?
Já só nos falta um guitarrista. Sempre tivemos um baterista em mente para os Strigoi, que era o Guido Montarini, que tocava nos Implore, que fizeram uma *tour* europeia com os Vallenfyre. Gostei imenso do estilo dele, quando o vi tocar, e demo-nos muito bem como amigos, e a certa altura soube que ele ia sair dos Implore, mesmo na altura em que eu estava a começar os Strigoi, e como ele já era a minha primeira escolha, tudo fez sentido. Infelizmente o *timing* não foi o melhor para ele gravar já o álbum, e tive que pedir ao Waltteri [Väyrynen, baterista dos Paradise Lost e Vallenfyre], que fez um óptimo trabalho, mas a partir de agora vai ser o Guido o baterista definitivo. Ele também está nos The Secret agora, que eu adoro, e vai acumular essas duas funções. Depois temos o Sam Kelly-Wallace, que fez as últimas *tours* dos Vallenfyre, que vai tocar guitarra rítmica. Para guitarrista *lead*, temos várias hipóteses, ainda não tomámos uma decisão mas acho que estará para breve. E com isso, estamos prontos para levar isto para a estrada no próximo ano. Se alguém nos quiser ouvir, claro!

"Strigoi é algo mais cinemático, mais elegante do que os Vallenfyre eram. É menos 'da rua', menos crust."

MEDITATIVO DESPERTAR

Fruto do excelente death metal apresentado em «Starspawn» e de um sem fim de aclamadas actuações ao vivo, a popularidade dos BLOOD INCANTATION tem vindo a crescer de forma mais que acelerada. Três anos volvidos, o quarteto de Denver surge agora com um sucessor mais que à altura em «Hidden History Of The Human Race», o primeiro na Century Media e sobre o qual falámos com o baterista Isaac Faulk.

LUÍS PIRES RONALD DICK

O primeiro *single* do álbum, a «Inner Paths (To Outer Space)», é muito diferente do que já tinham gravado antes e consta ter sido improvisado sob influências psicadélicas. Que nos podes dizer sobre o tema?
O Morris [Kolontyrsky, guitarrista] tinha escrito aquele riff limpo do início da música já há algum tempo. Basicamente fomos improvisando do sucessivamente à volta dele até o resto se formar. Tocávamos, gravávamos a sessão, e ouvíamos depois para decidir o que manter. Eventualmente, alguém se lembrou daquele riff mais death metal no fim, que também já tínhamos há algum tempo, e ficámos muito contentes com a forma como fluiu. Ao longo de alturas diferentes do processo, estávamos num regime de microdosagem de psilocybe [N.R.: cogumelos], que estão descriminalizados aqui em Denver, pelo que [risos] alegadamente estávamos a usar uma substância descriminalizada e das poucas vezes em que tomámos uma dose maior, esta foi a única canção em que trabalhámos. Depois disto ela voltou a ganhar nova vida no estúdio, com a introdução toda, e os sintetizadores.

Nessa altura já tinham em mente a função específica que ia ter no álbum ao permitir uma acalmia antes dos vinte minutos da «Awakening…»?
Isso foi mais uma coincidência, a única coisa que tínhamos em mente era fazê-la maioritariamente instrumental e completamente diferente do que já tínhamos feito. Quando comecei a escrever a «Awakening…», tornou-se rapidamente claro para mim que seria uma canção para ocupar um lado inteiro do disco, como a «Echoes» dos Pink Floyd, essa parte foi mesmo intencional. Quando chegou a altura de definir o alinhamento, e sendo a «Slave Species…» e a «The Giza Power Plant» não só as canções mais antigas como as mais tradicionalmente Blood Incantation, fez todo o sentido tê-las a abrir e ter a «Inner Paths…» em terceiro.

Encontras paralelos entre a composição dos vossos dois épicos, a «Awakening…» e a «Vitrification Of Blood (Pt. 1)» do álbum anterior?
A «Vitrification Of Blood (Pt. 1)» foi escrita principalmente pelo Paul [Riedl, vocalista/guitarrista]. Durante esse ano, ele tinha já uma série de riffs alinhados que nós íamos tocando como banda enquanto surgiam ideias adicionais sobre o que fazer. Houve mais envolvimento da banda, mas foi essencialmente escrita pelo Paul, a secção de funeral doom por exemplo é 100% dele. A «Awakening…» foi escrita por mim ao longo de dois anos, primariamente comigo sentado sozinho no quarto com a guitarra a encontrar os riffs e o sequenciamento. Como também sou baterista, tive de me desdobrar para conciliar os instrumentos e isso foi mais difícil. Já tinha feito algo parecido com a «Chaoplasm», mas desta vez foi mais longo, até porque neste álbum estávamos à procura dum padrão de qualidade mais alto. Acabei por reescrever a segunda metade da «Awakening…» múltiplas vezes. Finalmente, no fim da canção há o *outro* acústico, «Mirror Of The Soul», que tinha sido escrita pelo Morris à parte e acabou por encaixar na perfeição para acabar aquela canção épica e gigante em que tinha estado a trabalhar.

Voltaram a gravar o disco em meio analógico. Continuam a gravar as canções inteiras ao vivo? Imagino que isso torne estas mais extensas num desafio engraçado.
Sim, no que diz respeito às facilidades na gravação, o analógico tem os seus defeitos. Como há um espaço no meio da «Awakening…», isso permitiu-nos ter duas secções para gravar separadamente. A questão é que o material é muito mais complicado, mas como tinha a paragem, acabou por ser um processo parecido. É engraçado que como este formato longo se está a tornar parte da imagem da banda, já tocámos a «Awakening…» ao vivo 43 vezes e acho que estou num ponto em que a toco melhor agora do que no álbum. Quando nos preparámos para o gravar, ensaiámos diariamente durante três semanas. Tínhamos tudo escrito e foi basicamente martelar tudo no cérebro e ficar com aquela memória muscular que só surge com prática. Claro que as guitarras podem voltar e corrigir uns *leads*, acrescentar uns *overdubs* ou mesmo uma parte ou outra, mas para a bateria é complicado com este método, portanto gravámos mesmo num só *take*, fora aquelas pausas que referi. O que acontecia frequentemente era no fim toda a gente achar que estava bom e eu dizer "não, não está bom o suficiente, há esta passagem de que não gosto," e gravávamos repetidamente até termos um *take* que podíamos lançar e eu estar bem com isso. Essa parte foi complicada.

Em termos de bateria, qual é a principal vantagem que encontras no som com este estilo de gravação?
Pessoalmente gosto sobretudo da forma como faz o álbum soar como um todo, mas é interessante pensar na questão da bateria. Há algo no calor da fita que permite à bateria respirar melhor do que em digital. Por exemplo, desta vez usámos um *trigger* no pedal – não o tínhamos feito no «Starspawn», mas desta vez fui mais aberto à ideia por discos clássicos dos Morbid Angel e dos Death terem sido gravados com eles, bem como em analógico. De facto, reduz o impacto do lado digital do *trigger*, acaba por soar mais quente e arredondado. É o problema que tenho com muitos discos de metal moderno, é tudo tão quantificado com o metrónomo e com *triggers* por cima que deixa de soar como uma pessoa a tocar bateria, que é algo que quero evitar. Particularmente com os Blood Incantation, acho que manter essa naturalidade do som, ter a bateria a soar como se estivesse na sala contigo é bastante importante para mim.

A imagem do Bruce Pennington na capa, os títulos das músicas, o vídeo promocional da «Inner Paths» e a vossa própria história deixam no ar a ideia de que o «Hidden History Of The Human Race» tem um tema transversal. Podes elaborar também sobre esta vertente?
Há definitivamente temas explorados desta vez que só foram sugeridos no passado. As letras e o imaginário são mais directas e menos subtis e isso foi intencional. Não lhe chamaria um álbum conceptual, mas há uma ligação. Os títulos vêm todos de livros ou capítulos de livros. A «Slave Species Of The Gods» e a «The Giza Power Plants» são semelhantes por olharem a histórias escondidas duma prespectiva de história alternativa ou antropologia alternativa. O próprio título do álbum vem de um livro nesta corrente. Já a «Inner Paths» é de um livro completamente diferente, tal como a «Awakening From The Dream Of Existence» e a «Awakening To The Multidimensional Nature Of Our Reality», que são capítulos do mesmo livro, e a «Mirror Of The Soul», que é o título dum livro do Kahlil Gibran. Todas estas se encaixam mais no que eu chamaria uma *new age consciousness* focada em formas de olhar para o eu e examinar a existência humana de forma metafísica, mais direcionado a espaços internos do que exteriores. Diria que esta será a direcção para onde seguimos. Usámos a ideia da história alternativa da espécie humana como uma forma de desconstrução, um passar de "certo, muito do que pensamos saber sobre a nossa espécie pode ser falso ou diferente do que pensávamos" para "certo, muito do que pensamos somos nós e acreditamos sobre a nossa consciência também pode ser falso" e muita ciência popular restringe a exploração do eu interno devido ao foco analítico. Ambos os conceitos do disco têm a intuito de invocar a quebra com percepções *mainstream*.

É neste lado que se encaixa a descrição do álbum como "inquérito meditativo"?
Acho que toda a nossa música (e conceitos explorados) está ligada às ideias de meditação e de observação interna. Como o Paul escreve as letras, não posso descrever o processo dele, mas falamos imenso sobre meditação, especificamente sobre tanques de isolamento. Há anos que os utilizo, mais ainda no último, em que me interessei a sério. Mesmo antes de irmos para estúdio, fomos juntos e cada um usou um tanque. Essa experiência leva-te a um nível meditativo que é muito difícil atingir simplesmente sentado num quarto escuro. Permite que a mente explore de formas que não o faria no dia a dia. É definitivamente uma influência em mim e no meu processo de escrita, e diria que influenciou a banda na forma como foi para estúdio.

"A experiência em tanques de isolamento leva-te a um nível meditativo que é muito difícil atingir simplesmente sentado num quarto escuro. Permite que a mente explore de formas que não o faria no dia a dia."

DISCO DO MÊS

BLOOD INCANTATION

«Hidden History Of The Human Race»

[CENTURY MEDIA / DARK DESCENT]

No LP de estreia «Starspawn», os Blood Incantation atingiram um patamar longe do alcance da maioria das bandas de death metal da história. Aquelas que lá chegaram, raramente o superaram, muito menos no sucesor directo. Foi isso que o quarteto do Colorado fez neste «Hidden History Of The Human Race», que conjuga um som marcadamente *old school*, fruto tanto da gravação inteiramente analógica como da mestria de Riedl e Kolontyrsky na frenética conjuração de monumentais riffs capazes de arrepiar o mais fiel crente no evangelho de Morbid Angel. Não são só os monólitos dos anos 80 e 90 que servem de inspiração para «Hidden History Of The Human Race», com os 60s e 70s retratados tanto nos temas conspiratórios, como na fantástica capa de Bruce Pennington, cujo trabalho aparecera na série «Dune» e em «Stranger In A Strange Land», entre muitos outros. Até a estrutura do disco, um «Starspawn» em reverso, é recalcada directamente do prog da altura. No lado A temos dois malhões à Blood Incantation seguidos de «Inner Paths (To Outer Space)», uma bem sucedida experiência a intercalar death bruto com um psicadelismo alucinante. Já o lado B consiste numa única monstruosidade intitulada «Awakening From The Dream Of Existence To The Multidimensional Nature Of Our Reality (Mirror Of The Soul)», quase vinte minutos que nunca o parecem ser e em que o quarteto erige o seu mais fascinante e (estruturalmente) progressivo monumento de death metal até hoje. Assusta pensar que o melhor dos Blood Incantation ainda está para vir, mas é mesmo essa a ideia que «Hidden History Of The Human Race» dá. Quem diria que os mais fiéis herdeiros de Trey Azagthoth no século XXI seriam uns *nerds* do colorado obcecados com pirâmides e alienígenas? **[9]** L.P.

L! RANKING

DEZEMBRO 2019

	C.N.	E.F.	J.B.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	L.P.	M.L.	P.C.S.	R.A.	
NICK CAVE AND THE BAD SEEDS «Ghosteen»	8,5	–	7	7	7	7,5	7	8	6,5	8	7,83
SWANS «leaving meaning.»	7	7,5	6	8,5	7,5	9	8	8	5	7,5	7,80
SIMBIOSE «Banalization Of Evil»	6,5	7	7	6	6	7	7	4	5	7	6,45
ABIGAIL WILLIAMS «Walk Beyond The Dark»	6,5	6	8	7	6	6,5	5	5	5	8	6,30
LEPROUS «Pitfalls»	5	8	9	4	5,5	7	4,5	5	8	7,5	6,10
JINJER «Macro»	5,5	7,5	6	3	5	5	3,5	3	7	6	4,90

ABIGAIL WILLIAMS

«Walk Beyond The Dark»
[Blood Music]
Com alterações constantes de formação ao longo dos anos, os norte-americanos Abigail Williams têm-se lenta e progressivamente transformado na visão musical do seu fundador, o guitarrista e vocalista Ken Sorceron, hoje o único membro restante da formação original. Olhando para este longo e atribulado percurso, com cinco álbuns nos ombros já a contar com este «Walk Beyond The Dark», percebe-se logo que essa instabilidade se reflecte nas mudanças de direcção mais ou menos pronunciadas que ocorrem de disco para disco. Formados originalmente com o propósito de forjarem um black metal genuinamente americano, o nome da banda alude precisamente ao julgamento das bruxas de Salém, que assim se tornariam num contraponto à ligação estabelecida entre o folcore escandinavo e uma parte importante do género, a verdade é que hoje são uma versão muito descaracterizada desse desígnio inicial. Quem percorre a discografia do grupo não assiste tanto ao fulgor de uma criatividade que atravessa as fronteiras do black metal, testemunha antes uma deriva lamacenta que vem desaguar neste «Walk Beyond The Dark», um álbum que prende sobretudo pela forma como cruza uma ambiência lúgubre com a agressividade mais crua e onde justamente se parecem sentir mais à vontade. Há espaço para algumas experiências, como a inclusão de um violoncelo num par de temas, com «Black Waves» em maior destaque, mas no fundo a impressão geral é a de uma abordagem ao black metal tépida e datada. Um dos pontos altos é mesmo a presença do baterista Mike Heller, conhecido sobretudo pela colaboração com os Fear Factory e com quem já haviam colaborado no «Beyond» de 2011, e que aqui dá mais uma vez provas de ser um músico excepcional. [6.5] J.R.

ADMIRAL SIR CLOUDESLEY SHOVELL

«Very Uncertain Times»
[Rise Above]
Certos temos os tempos que incorporavam o espírito de uma geração em que o rock, quase sem rótulos, longe do estapafúrdio leque de opções que actualmente faz extravasar o limite da paciência, era puro prazer orgânico, basicamente destinado a fornecer ao ouvinte uma certa dose de excitação provocada. Hoje o novo é o ternamente esquecido, ou bem relembrado velho. Tempos muito incertos, de facto. Poderá ter sido eventualmente nesta rede de pensamentos que o potente trio de Hastings se teceu para criar mais um artefacto seboso de rock, dentro de um dos mais celebrados selos do chamado estilo "doom" proto-metal, a Rise Above Records, que responde pelo nome de «Very Uncertain Times». Onze anos a fazer música e quase uma década volvida sobre o admirável EP «Return To Zero», estes Admiral Sir (homenagem a Sir Lord Baltimore) Cloudesley Shovell, irracionalmente, ainda nos parecem de certa forma recém-chegados à cena *retro*. Mesmo conhecendo as raízes musicais em que se baseiam e assimilando os arquétipos do hard rock mais elementar, sobrevivem com personalidade suficiente para alcançar uma variedade dinâmica, sem grandes repetições, resultando num disco com um sentimento antigo muito honesto e natural, pouco direccionado ao *vintage*, varrendo para debaixo do tapete a produção arenosa dos três anteriores longa-duração. «Mr. Freedom», «Blackworth Quarry» ou «Biscuits For Victor» cheiram formalmente a couro suado e cerveja, cujas vozes desgarradas e cavernosas de Johnny Gorilla, num timbre totalmente Kilmister, se estruturam em torno de um dominante baixo e da bateria oscilante entre a compulsão e *groove* a cargo de Serra Petal enquanto lidamos com um problema relacionado com a saciedade. [6.5] C.N.

ALTER BRIDGE

«Walk The Sky»
[Napalm]
Chegados ao sexto álbum de originais, já se percebeu que os Alter Bridge ainda estão longe de alcançar o sucesso de uns Creed, banda da qual dois dos seus elementos provêm, quer porque entretanto o contexto que fez dessa banda um fenómeno de popularidade mudou substancialmente, quer porque os Alter Bridge nunca chegaram a criar canções tão orelhudas quanto aquelas que colocaram os autores de «With Arms Wide Open» nas ondas radiofónicas. «Walk The Sky» não alterará esse panorama, apresentando-se como um disco de hard rock ultra melódico carregado de chavões e subtilmente injectado daquelas reminiscências grunge que lhe conferem alguma melancolia. Ao longo de 60 minutos somos brindados com doses generosas de hard rock de cariz moderno, desligado de alguma piroseira própria dos anos 80 e muito focado na negritude mais própria dos anos 90, oscilando entre o peso de sabor a metal musculado de «Clear Horizon» ou «Wouldn't You Rather», a xaropada de «Walking On The Sky» ou a eficácia e objectividade de «The Bitter End» ou «Godspeed». Feitas as contas, modas e tendências à parte, os Alter Bridge continuam a merecer o espaço que ocupam enquanto uma das bandas mais efectivas do seu espectro musical, naquela dose ideal para os que têm alergia a guitarras demasiado pesadas e vozes demasiado agressivas, mas que não suportam a plasticidade de grande parte do rock radiofónico moderno. [7.5] R.A.

ARKONA

«Age Of Capricorn»
[Debemur Morti]
Em concordância com o significado astrológico da "era do Capricórnio", este álbum dá mais um passo em direcção ao death metal em relação aos registos anteriores. Sem no entanto fugir muito ao que tinham feito já no disco imediatamente antes, musicalmente falando, acaba por ser a produção, cada vez mais limpa, que acaba os leva nessa direcção – um som mais moderno, mais polido, mais perceptível e, eventualmente, mais fácil de ouvir. Mesmo dentro de um "brutal" black metal a musicalidade deste álbum recai num género de "épico". Isto é, não estamos a falar de Dimmu Borgir (de todo!), mas de uma composição poderosa e avassaladora em que não se usam sinfonias desnecessárias e sensaboronas mas que, antes pelo contrário, complementam as melodias distorcidas e impiedosas da guitarra. É um álbum intenso, bem pensado e interessante: as várias secções na estrutura entrelaçam-se magnificamente, mantendo uma fluidez constante. A grande novidade que poderá ser motivo de contestação pelos fãs mais antigos irá ser realmente a tal produção cristalina, ainda que neste caso não soe tão despropositada e desnecessária. [6.5] M.L.

AVATARIUM

«The Fire I Long For»
[Nuclear Blast]
Agora sem Leif Edling na formação, os suecos Avatarium embarcam num quarto título, que claramente se afasta do doom mais tradicional, conforme bem afirmado por «Voices», por exemplo. O resultado final está algures entre o hard rock e o rock mais melódico, como demonstra o tema-título, e também algo próximo do heavy mais sensível protagonizado por vozes femininas. «Stars They Move» é mesmo uma balada *jazzy* que poderá surpreender aqueles que procuram um disco mais denso e a encontram a encerrá-lo. A voz de Jennie-Ann Smith destaca-se claramente, mas aqui e ali a guitarra de Marcus Jidell também resulta muito bem, por vezes com solos a recordar David Gilmour, como aos três minutos de «Rubicon». Sem comprometer, este trabalho revela-se interessante numa perspectiva de rock melódico, mas dificilmente interessante para um fã de doom ou de sonoridades mais pesadas. [6.5] E.F.

BLACKQUEEN

«The Destructive Cycle»
[Roman Numeral]
Se estão a ler o nome da banda e imediatamente a pensar nos The Black Queen, o projecto synthpop mais conhecido por ser encabeçado pelo vocalista dos já defuntos The Dillinger Escape Plan, Greg Puciato, desenganem-se. Na realidade, falando em termos estilísticos, não poderíamos estar mais longe. Estes BlackQueen – fica a nota que, por vezes, e para contribuir para a confusão, são também pesquisáveis como Black Queen, assim com espaço entre as palavras –, para começar, são essencialmente um colectivo formado por Pete Jay, primeiro baixista dos míticos *grinders* Assück, devidamente apoiado, nesta renovada formação, por Brandon Fitzsimons (ex-Wormwood, os norte-americanos, de Seattle), e tocam uma amálgama de black metal e death metal a que, dado o esoterismo do conteúdo lírico, lhe têm vindo a apelidar de "witch metal": Jay, mestre de kung fu e assumido fã de filmes de terror, pegou ainda nessas influências para criar um álbum temático baseado na teoria taoista dos cinco elementos. Parece-vos um pouco, digamos, exagerado? Descansem, pois vale a pena. Imaginem, dado o contexto, aquela estranheza inclassificável dos Acid Bath, juntem-lhe as participações de Paul Pavlovich (a voz dos Assück) e Wrest (mentor dos Leviathan) – ambos ainda contribuem para duas versões diferentes do *artwork* – e têm um serão que merece a (re)descoberta. [8] P.C.S.

BLOOD EAGLE

«To Ride In Blood & Bathe In Greed III»
[Nuclear Blast]
Uma banda que tem "panca" por EPs. Os Blood Eagle estrearam-se em 2013 com o EP «Kill Your Tyrants» e regressam agora com um "álbum"... dividido em três EPs. A primeira parte saiu em Setembro, a segunda em Outubro, e esta terceira parte, no final de Novembro. Os Blood Eagle tocam (sobretudo) death metal e compõem-se de ex-elementos de algumas das mais conhecidas bandas dinamarquesas como são os Mnemic, Volbeat, HateSphere, Illdisposed ou Raunchy. O projecto é para os cinco músicos de Copenhaga deixarem vir à tona o que mais lhes der na gana, seja punk, grind *à la* Napalm Death, uma afinação quase Entombed nas guitarras, ou aquele thrash/death dos The Haunted, bem comparável em termos sonoros, até porque a produção é de Tue Madsen. No caso destas três faixas em particular, nada de muito diferente das outras sete das mesmas sessões de gravação; «A Life That Rots Away», por exemplo, tanto vai agradar a saudosistas dos *nineties* como a *freaks* do *groove*. [7] N.S.

BURNING WITCHES

«Wings Of Steel»

[Nuclear Blast]

Avanço forjado a ferro e fogo do *single* que marca a entrada de uma nova vocalista, Laura, neste quinteto inteiramente no feminino que parece adorar *clichés* como se de uma piada de *marketing* com mau gosto se tratasse. «Wings Of Steel» é material de rádio dedicado ao peso, complementado por três temas gravados ao vivo cercados de uma generosa multidão de *headbangers* da mais recente edição do Wacken Open Air, cuspido para o mundo pela boca do dragão que é a Nuclear Blast. Se havia necessidade? Bem, a resposta é sim. E não. Mas principalmente não. Embora tenham tido um forte início com «Hexenhammer», álbum de estreia e o único de originais que cativou uma boa legião de pesos pesados da cena thrash, não querendo fazer desta uma caça às bruxas, não estamos perante a pior banda sonora para exercitar, pintar uma casa, ou limpar o Incrível Almadense depois de um concerto. No entanto, tanto «Wings Of Steel» como os temas ao vivo desse tal único álbum de originais, embora extremamente bem executados, marinam em falta de inspiração e originalidade com o qual provavelmente ficarão desapontados. Demasiado *cheesy*? Também. Afinal, a Suíça que é conhecida pelos seus relógios e contas bancárias obscuras, também é famosa pelos seus queijos e, salvo raras e honrosas excepções, não certamente pelo seu heavy metal. [4] C.N.

CAÏNA

«Gentle Illness»

[Apocalyptic Witchcraft]

Em 2016, os Caïna aparentavam ter chegado ao fim. Havia sido um período estranho, não só pela música, onde o génio de «Hands That Pluck» de 2011 dera lugar às tendências hardcore de «Setter Of Unseen Snares» e subsequentemente à barulheira infernal do «Christ Clad In White Phosphorus», mas também pelo que se passara à sua volta. Foram os anos em que uma entrevista ao criador da banda, Andrew Curtis-Brignell, dera lugar a uma derrocada de ódio reaccionário *online* que culminou com a mudança de vocalista dos Cobalt; os mesmos anos em que uma digressão de Myrkur e Deafheaven provocou uma bizarra histeria anti-apropriação cultural por essa Europa fora. Pois bem, em 2019 não só há novo Caïna para ouvir, como «Gentle Illness» é um regresso categórico de Curtis-Brignell às lides do black metal. É um álbum furioso e desconfortável, como o inglês tão bem sabe fazer, ainda que sofrendo de uma produção a espaços excessivamente disjunta, um problema que só ocasionalmente conseguiu superar ao longo dos anos. O desconforto inerente à audição vai muito para lá das dissonâncias de «Contactee Cult», do noise de «Wellness Policy» e «Canto IV», ou da avassaladora javardice que é o tema de encerramento de «Gentle Illness». Trata-se afinal de contas de um álbum sobre estar às portas da morte, sobre sentir o próprio cérebro a deteriorar e tentar desesperadamente transpor essas sensações em música. É um álbum que transparece a fragilidade do seu autor e, como o próprio afirmou e bem à Revolver recentemente, "*bravato is for cowards – only vulnerability is real.*" [7.5] L.P.

BLIND GUARDIAN TWILIGHT ORCHESTRA

«Legacy Of The Dark Lands»

[NUCLEAR BLAST]

Uma ideia ultra-ambiciosa germinada durante vinte anos, daquelas que qualquer banda menor nem teria, e se tivesse, instantaneamente desistiria por ser impossível de concretizar. Milhares de horas de trabalho, uma orquestra inteira (a Filarmónica de Praga), um escritor conceituado, vários actores – incluindo os que já tinham aparecido no «Nightfall In Middle-Earth», destacando-se o malogrado Douglas Fielding que viria a falecer pouco tempo depois destas gravações –, múltiplas gravações vocais à procura das entoações certas, dores de cabeça sem fim num processo de mistura dantesco… Foi tudo isto, e certamente muito mais, que esteve por trás da criação de uma obra maior como é este «Legacy Of The Dark Lands», uma utopia imaginada por Hansi Kürsch e André Olbrich ainda nos anos 90 que finalmente toma agora a sua forma final. A épica e monumental banda-sonora para uma história não menos épica ela própria, da autoria de Markus Heitz, narrativa sucessora da sua obra «Die Dunklen Lande». A concretização da ideia é, toda ela, de primeira água. Não há aqui amadorismos, nem sobreposições bacocas de metal com música clássica como algumas que tivemos que sofrer ao longo dos anos. Não, aqui, de metal, está presente (e muito) o espírito, a atitude, o ambiente, e de certa forma, a voz de Kürsch. O resto, é trabalho de orquestra sublime e estrondoso, que seria digno de qualquer *blockbuster* de fantasia de Hollywood, porque está lá tudo. Passagens evocativas, narrações entusiasmantes e envolventes, riqueza musical extraordinária, uma fluência perfeita a até uma malhinha para *single* («Dark Cloud's Rising» faz-nos doer o coração por os Blind Guardian nunca terem sido considerados para a banda sonora do próprio «The Lord Of The Rings»), cada audição de «Legacy Of The Dark Lands» é imersiva ao ponto de sentirmos que efectivamente "vemos" um filme que não existe. Ainda? Esse até é um dos melhores elogios que se pode fazer a estes extraordinários 75 minutos de música – dão-nos ampla vontade de ver uma concretização cinematográfica desta história. Esperemos que aconteça. E mesmo para quem não está para "cinemas", há que dizer que o álbum resulta perfeitamente como uma obra estritamente musical, fazendo uma *playlist* sem as faixas narrativas. Perfeito a todos os níveis, e um dos feitos mais notáveis de uma banda de metal neste século. **[9]** J.C.S.

DEEZ NUTS

«You Got Me Fucked Up»

[Century Media]

Para os mais distraídos no tempo, o primeiríssimo álbum de Deez Nuts, «Stay True», dista pouco mais de dez anos, e dessa formação original já só resta mesmo o seu fundador JJ Peters, que os criou depois do fim dos I Killed The Prom Queen. Que fique já aqui dito: quem ainda espera algo na veia do disco de estreia, é melhor procurar noutro lado. Depois do último «Binge & Purgatory» (2017) e com a saída este ano do baixista Sean Kennedy, o agora reduzido a trio australiano volta ao ataque e o resultado é... morno. Tudo o que sempre compôs a banda, daquele hardcore musculado às deixas praticamente em rap, continua presente, e verdade é que há momentos cheios de garra, como aquele riff bem à Pantera presente em «Axe To Grind». No entanto, a inclusão de momentos mais pop punk, algures entre uns Sum 41 e uns Blink-182 (e não é exagero dizê-lo), atiram a banda para uma direcção em que, por muito que se reconheça a influência, só relembra o que para muitos foi o desaire dos Your Demise com «The Golden Age». No que é bom, permanece algures entre uns Comeback Kid e uns Obey The Brave e faz bater o pé. No menos bom, dá vontade, com alguma reserva, de fazer *sing along* (como aborda o primeiro tema) e perguntar, dado o nome da banda, onde andam as bolas. [6.5] P.C.S.

ELUVEITIE

«Live At Masters Of Rock»

[Nuclear Blast]

Muito mais do que uma mera curiosidade dentro do algo efémero e descredibilizado espectro do folk metal, os suíços Eluveitie são hoje uma das suas principais referências, pela sobriedade com que têm gerido a sua carreira, sem entrar, perdoem a redundância, em demasiados "folclores" e mantendo um nível qualitativo muito elevado. Esse nível conduz a resultados como este que aqui

apresentam, um disco gravado ao vivo no festival Masters Of Rock, no qual, ao longo de mais de 75 minutos de música, a banda liderada por Chrigel Glanzmann revisita uma carreira plena de grandes momentos, desde o mais recente «Ategnatos», até a clássicos incontornáveis como «The Call Of The Mountains» ou «Inis Mona». Para que isto dos discos ao vivo se torne interessante é preciso algo mais do que uma simples reinterpretação demasiado próxima das versões de estúdio das canções e, nesse particular, este disco remete-nos desde o primeiro instante para uma envolvência na qual uma entusiasta plateia se faz ouvir nas misturas finais e nos faz sentir o efeito "ao vivo" de uma forma muito intensa, reforçada ainda pela própria interação da banda com o público e das muitas derivações ao longo das canções que trazem um *upgrade* considerável às versões de estúdio. Nada de novo em termos musicais, também não é isso que se pretende, mas um disco muito bem conseguido neste espectro dos *lives*. [8] R.A.

FEN

«The Dead Light»

[Prophecy]

O trio britânico que em 2017 nos deu o belíssimo «Winter», regressa agora «The Dead Light», o sexto disco e um dos pontos mais altos de uma carreira erguida sobre os despojos do post black metal e do post rock, e que tem desenhado uma janela incandescente com vista privilegiada para essa grande imensidão cósmica que não cessa de nos interpelar. Em «The Dead Light» tudo é glacial e arrastado por uma melancolia desconcertante, ainda que este seja um disco significativamente mais agressivo que o precedente. Mantem-se aquela que é a sua faceta mais virtuosa: um sentido de composição mais orientado para grandes blocos instrumentais que vão rebentando em momentos de explosão pulsante e turbulenta, e que oferecem alguma cor aos ambientes desalmados que atravessam praticamente todo o disco. «Nebula», aquele que foi o tema de avanço para o álbum, é isso mesmo: uma canção que tem como pano de fundo esse espanto estonteante perante as possibilidades do universo, e que exemplifica a inegável coesão e maturidade que o grupo atingiu, alternando entre texturas e paisagens melódicas e vozes limpas, e uma agressividade mais crua e gutural. E é um álbum que nos brinda com um daqueles riffs bem viciantes com uma progressão que dá vontade em pôr tudo no máximo, como aquele que ouvimos mais ou menos a meio do tema «Breath Of Void» e que só peca por não durar mais uns belos minutos. [7.5] J.R.

GOST

«Valediction»

[Century Media]

Perante o recente *boom* de popularidade do synthwave junto dos fãs de música extrema, a Century Media deu o passo lógico e reforçou o seu variadíssimo elenco com um dos maiores nomes contemporâneos do género, em particular na sua variante mais ligada ao metal. Para isso, foi pescar um dos dois nomes incontornáveis da Blood Music, tendo infelizmente escolhido o menos interessante dos dois. Azar dos azares, os GosT lançaram o disco mais fraco da carreira até agora. A baixa qualidade do álbum explicar-se-á principalmente por três factores. Primeiro, o synthwave propriamente dito que tanto dominam é apenas um ingrediente numa salada vasta mas (muito) pouco consistente. Em segundo, parecem ter desaprendido a incorporar black metal nas composições, e por muito que louvemos a sugerida aproximação aos Darkspace de «Relentless Passing» e «Timeless Turmoil», a desinspiração das mesmas encontra paralelo nas passagens mais metal dos Zeal & Ardor, o que nunca é uma comparação simpática para ninguém. Finalmente, há a segunda metade do disco, cuja mediocridade é tanta que não consegue ser disfarçada pela pontual aproximação à darkwave e aos Depeche Mode em particular, que tão bem resultam em «Dreadfully Pious» e «Bloody Roses». Tudo isto podem ser dores de crescimento associadas à passagem para o formato duo e à tentativa de expansão da abordagem, mas a verdade é que o melhor a fazer com «Valediction» é mesmo evitá-lo. [4.5] L.P.

HAVOHEJ

«Table Of Uncreation»

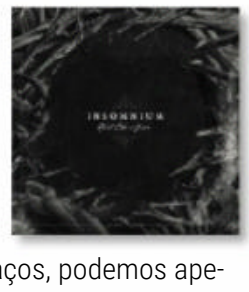
[Hells Headbangers]

Num cruzamento entre o noise/ambient com o primitivismo dos Profanatica, Paul Ledney trouxe ao mundo os Havohej que, mais uma vez, materializam a obscena mente criativa por detrás de alguns dos projetos mais interessantes dentro do USBM. Repetitivo, monótono e, no geral, obscuro – esta será a descrição mais transversal a todo o imaginário de Ledney, porém, não nos enganemos, a ideia por trás não será, de todo, fazer um riff *catchy*, um *beat* que nos prenda, não. A ideia está mais no tipo de ambiência criada que juntamente com a voz cria um certo efeito hipnotizante. O peso que se poderia talvez esperar de uns Profanatica manifesta-se não através de um instrumental massivo e esmagador mas sim de uma atmosfera sufocante. Se quisermos um exemplo concreto, «All Time Is Now» será a melhor ilustração do álbum e do efeito dessas melodias irrespiráveis. [6.5] M.L.

INSOMNIUM

«Heart Like A Grave»

[Century Media]



Actualmente, poucas bandas mantêm uma tão convincente produção de death metal melódico como os Insomnium. A espaços, podemos apelidá-los de versão doom dos Dark Tranquillity – influência que ainda faz sentido considerar a mais importante – mas faz tempo que o grupo já atingiu uma maturidade criativa autónoma, muito bem forjada nos soturnos moldes da melancolia finlandesa. Cada disco do quinteto é uma garantia de classe de execução e alma na composição. «Heart Like A Grave», já o oitavo álbum, não foge a essa (sempre) árdua regra para qualquer banda. Dez novos temas ao longo de mais uma hora de música inspirada; agressiva na forma como Niilo Sevänen a expressa e plena de nuances emitidas pelas três guitarras. Sim, Jani Liimatainen, conhecido pelos anos que esteve nos Sonata Arctica, passou de músico ao vivo para elemento integral e, hoje, os Insomnium oferecem-nos um festim de frias melodias, como se de *requiems* vivessem… para outra vez morrerem. «The Offering» e «Twilight Trails» prometem intrometer-se entre os temas memoráveis do já vasto repertório dos Insomnium. [8] N.S.

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
THY CATAFALQUE - NAIV
E-L-R - MAENAD (ED. LDA DIGI-CD)
SCHAMMASCH - HEARTS OF NO LIGHT (ED. LDA)
TOOL - FEAR INOCULUM / EXPANDED BOOK EDITION
ALCEST - SPIRITUAL INSTINCT (ED. LDA CD /EARBOOK)
CHELSEA WOLFE - BIRTH OF VIOLENCE (ED. LDA)
SWANS - LEAVING MEANING 2CD DIGIPACK
GENOCIDE - GENOCIDE (ED. LDA 2CD) - REEDIÇÃO 2019
STRIGOI (PARADISE LOST) - ABANDON ALL FAITH
CATTLE DECAPITATION - DEATH ATLAS
DEFILED - INFINITE REGRESS
HIDEOUS DIVINITY - SIMULACRUM (ED. LDA)
AVATARIUM - THE FIRE I LONG FOR (ED. LDA)
INSOMNIUM - HEART LIKE A GRAVE (CD/EARBOOK)
PROFETUS - THE SADNESS OF TIME PASSING
LEPROUS - PITFALLS (ED. LDA MEDIABOOK)
SUN OF THE SLEEPLESS / CAVERNOUS GATE
MAYHEM - DAEMON (ED. LDA MEDIABOOK/LP/CD)
CLOAK - THE BURNING DAWN
OFDRYKKJA - GRYNINGSVISOR | A5 DIGIBOOK
SUNN O))) - PYROCLASTS
CAÏNA - GENTLE ILLNESS
BLUT AUS NORD - HALLUCINOGEN
1349 - THE INFERNAL PATHWAY (ED. LDA BOX)
THE GREAT OLD ONES - COSMICISM (ED. LDA)
OLD DEAD TREE - THE END
NOVEMBERS DOOM - NEPHILIM GROVE (ED. LDA)
ESOTERIC - A PYRRHIC EXISTENCE 2CD BOOK
SLOW - VI / DANTALION (DIGIPACK)
IMPERIUM DEKADENZ - WHEN WE ARE FORGOTTEN
BLOOD INCANTATION - HIDDEN HISTORY OF THE HUMAN RACE
SLAYER - THE REPENTLESS KILLOGY BLURAY /2CD
TRIBULATION - ALIVE & DEAD AT SÖDRA TEATERN DVD+2CD
www.piranhacd.com
OCEANS - THE SUN AND THE COLD (ED. LDA 2CD)
BLIND GUARDIAN - TWILIGHT ORCHESTRA: LEGACY OF THE DARK LANDS
ANGEL WITCH - ANGEL OF LIGHT
IRONSWORD - SERVANTS OF STEEL CD/2LP
TOXIC HOLOCAUST - PRIMAL FUTURE: 2019
DESPISED ICON - PURGATORY
NILE - VILE NILOTIC RITES (ED. LDA)
SACRED REICH - AWAKENING (ED. LDA BOX)
DAWN OF DISEASE - PROCESSION OF GHOSTS
CULT OF LUNA - A DAWN TO FEAR (ED. LDA MEDIABOOK)
EXHUMED - HORROR
IN MOURNING - GARDEN OF STORMS
DARK ELEMENT - SONGS THE NIGHT SINGS
EDENBRIDGE - DYNAMIND ED. LDA 2CD
NIGHTWISH - DECADES: LIVE IN BUENOS AIRES 2CD/BLURAY
THE FERRYMEN - A NEW EVIL
VANDEN PLAS - THE GHOST XPERIMENT - AWAKENING
LACUNA COIL - BLACK ANIMA (ED. LDA BOOK 2CD)
HELLOWEEN - UNITED ALIVE IN MADRID (BOX, BOOK, DVD, CD)
RUNNING WILD - CROSSING THE BLADES
PRETTY MAIDS - UNDRESS YOUR MADNESS
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

KING

«Coldest Of Cold»

[Indie]

A maior surpresa que os KING reservam a quem não os conhece ainda – sendo que este já é o seu segundo álbum, depois do «Reclaim The Darkness» 2016 é mesmo a sua nacionalidade. São australianos, e até incluem na sua formação de *power trio* o vocalista Tony Forde, que alguns conhecerão melhor como Tony Lee Roth, vocalista dos amalucados e geniais Blood Duster, e David Haley, baterista actual de bandas bem conhecidas como os Consummation, Psycroptic ou The Amenta, entre muitas outras (e também com uma passagem pelos Blood Duster). A surpresa está em que tudo isto tresanda a Noruega, mais concretamente a uma qualquer imaginária miudagem norueguesa que tivesse crescido numa dieta sólida de Immortal (especialmente) e Satyricon, e não homens de barba rija (e quase branca) que fazem grind do outro lado do mundo. Na verdade, descrevê-los como uns Immortal mais cinzentões, tanto musicalmente como em termos de imagem (sem *corpsepaint* nem fotos na neve, vá), deixa-nos muito perto daquilo que podemos ouvir neste «Coldest Of Cold». Com menos malhas, claro, e infinitamente mais "esquecíveis" que os Immortal, mas ainda assim demonstrando qualidade e talento para lhes darmos atenção com uma escutadela ou duas, e esperarmos pelo que vai sair daqui nos próximos discos. [6.5] J.C.S.

KOBRA AND THE LOTUS

«Evolution»

[Napalm]

Gostar ou não deste disco é algo que poderá ser geracional. Para um recém-chegado ao metal melódico, o produto final resulta bem, e a voz de Kobra Paige tem melodia suficiente, estabelecendo a ponte correcta entre o metal melódico popular em certos círculos europeus e um rock musculado muito popular nos anos 70 e que foi pontualmente evoluindo ao longo das décadas. É aqui que reside o interesse deste colectivo a celebrar a década de existência. A questão que se levanta passa pelo interesse das gerações mais novas neste tipo de som e mesmo se os mais velhos terão vontade de escutar um sucedâneo de outros nomes. É no fundo o dilema que atravessamos ao ouvir um álbum como este «Evolution», em que se evolui muito pouco. Polido, bem executado e produzido, de «Evodem» a «In The End», desfilam onze temas medianos, sem grande rasgo. [6.5] E.F.

LEPROUS

«Pitfalls»

[InsideOut]

E eis que, após dezoito anos de carreira e seis álbuns de estúdio no currículo, os noruegueses Leprous editam aquele que será certamente um disco que extremará opiniões, e que se arrisca seriamente a ser rotulado como o momento menos bem conseguido da sua discografia. Não é de ânimo leve que tecemos esta consideração no início de uma análise, quando a mesma deveria ser a sua conclusão. A primeira audição causou estranheza, o que não deixa de ser normal vindo de Einar Solberg e seus pares. A segunda audição não melhorou o cenário e as repetidas audições que se lhe seguiram teimaram em não trazer à tona todo o brilhantismo melancólico e emocional que discos como «Malina», «Coal» ou «The Congregation» revelavam em todo o seu esplendor. Não, «Pitfalls» é um disco diferente, mostra uns Leprous mais introspectivos, virados para os demónios que o seu vocalista e principal compositor para aqui canaliza na sequência de uma depressão que enfrentou nos últimos anos. «Pitfalls» é, por isso, mais pessoal, mais centrado em Solberg do que propriamente no espaço que toda uma virtuosa banda merece, sendo capaz do melhor e do pior com que os Leprous já nos brindaram. Se «Below» e «I Lose Hope» fazem jus ao que seria expectável, sem colagens demasiado evidentes ao passado, mas mantendo um elevado interesse pelo permanente desafio que representam, já «Observe The Train», «Alleviate» ou «Distant Bells» encaminham as coisas para um lado mais desinspirado, resultando em canções nas quais o uso de cordas e coros lhes confere um lado mais orgânico, mas cuja composição nunca chega a causar aquele arrepio na espinha tão típico dos Leprous. No reverso da medalha, e quando lutávamos connosco mesmos tentando negar algo que já parecia demasiado evidente, estarmos perante o disco mais desinspirado da banda norueguesa, eis que sacam da cartola uma gigante «The Sky Is Red», dotada de uma complexidade e honestidade ao alcance de poucos, deixando escancaradas as portas para uns Leprous totalmente senhores do seu espaço e do seu tempo, numa clara, embora ainda algo difusa, reafirmação de identidade que procuraram operar em «Pitfalls» mas que ainda assim ficou aquém das expectativas. [7] R.A.

JINJER

«Macro»

[NAPALM]

A proveniência ou nacionalidade de uma banda não deveria contar para análise, mas quando temos um grupo de jovens de Donetsk, cidade mártir de conflitos da Ucrânia com a Rússia, a crença e perseverança dos Jinjer ainda se torna mais respeitável. A pulso, chegaram com o anterior álbum «King Of Everything» à Napalm Records e a novidade «Macro» é a confirmação desse potencial de nível internacional. Se é difícil para todos (no ocidente), mais difícil se torna para o quarteto ucraniano. A verdade é que o seu prog metal contemporâneo, afinado em tom Meshuggah e cheio de nuances frescas, é suficiente para que a música dos Jinjer se destaque entre os seus pares… e são muitos hoje, neste segmento *djenty*. Ora em registo rasgado de pôr em sentido o mais macho dos machos, ora numa voz limpa próxima de Cristina Scabbia, a vocalista Tatiana Shmailyuk é um destaque incontornável no quadro macro dos Jinjer que, na sua agressividade técnica, conseguem encaixar uma ponta de reggae em «Judgement (& Punishment), ou versos em ucraniano em «Retrospection». **[8.5]** N.S.

MISERY LOVES CO.

«Zero»

[Black Lodge]

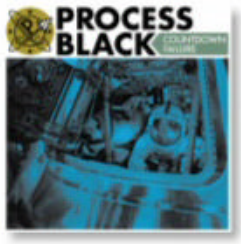
Um regresso que se saúda efusivamente, pelo menos por parte de quem conheceu estes suecos durante o seu percurso altamente valoroso nos anos 90. Arquétipo da "banda de culto", sem nunca terem sido delirantemente populares, deixaram mossa suficiente no imaginário colectivo do metal mais alternativo dos 90s para agora estarmos entusiasmados com o que possa sair daqui. Pois bem, e quase vinte anos depois do último «Your Vision Was Never Mine To Share», um Tesourinho Pertinente magnífico que combinava uma abordagem mais morosa e mais melódica com resquícios da brutidade industrial e monolítica que fez de «Kiss Your Boots», do álbum de estreia, um *hit*, a verdade é que não há aqui grandes surpresas. Se «Zero» tivesse saído em 2003, provavelmente não teria sido especialmente diferente, o que é difícil dizer se é bom ou mau, mas no final de contas o *aftertaste* deixado por este disco de regresso é só assim-assim. Mantendo aquela toada a meio-tempo e melódico-industrial que o «Your Vision…» tinha, com a voz característica de Patrik Wirén quase sempre a destacar-se em relação à electrónica omnipresente e aos riffs, «Zero» perde nitidamente na comparação do rácio de malhões com esse disco, e chegamos a ter mesmo algum enfado durante os demasiados 52 minutos de duração. Apesar de nem tudo ser perfeito, a magia está lá quando atingem o equilíbrio

certo, como em «Dead Streets», no excelente tema de fecho «Way Back Home», ou na surpreendente *cover* de «Only Happy When It Rains». O desafio principal agora para o trio é não esmorecer e continuar a avançar nesta segunda fase da sua carreira, porque o talento nota-se que continua lá todo. Sem sequer ser preciso sair da Suécia, basta pensar que o disco de regresso dos At The Gates também foi um bocado chato. Bola para a frente. [6.5] J.C.S.

NECROPHAGIA
«Here Lies Necrophagia – 35 Years Of Death Metal»
[Season Of Mist]
Um título que resume tudo, ou quase tudo, numa recolha que homenageia um dos grupos seminais do death/gore. Tão importantes para a cena como Obituary ou Cannibal Corpse, dos quais foram contemporâneos, os Necrophagia sofreram da instabilidade e de um término precoce. Seis *demos* e um álbum, em quatro anos, foi tudo o que restou da primeira fase terminada em 1987. Seria Phil Anselmo, em 1998, que convenceria Killjoy a regressar, numa aventura que terminou só em 2018, com a morte do próprio. Como colectânea, o resultado é menor, pois se por um lado retrata todo o percurso do grupo, por outro não o faz cronologicamente, e leva a que muitos temas soem dissonantes entre si, sofrendo na qualidade por comparação com os que lhes sucedem, como é o caso de «It Lives In The Woods» que perde claramente para «Blood Freak». Por outro lado, os temas relativos ao disco de estreia surgem já na segunda metade da compilação. Caso para dizer que o cadáver é um bom cadáver, apenas não tem os membros ordenados e em posição! [7] E.F.

NICK CAVE AND THE BAD SEEDS
«Ghosteen»
[Ghosteen]
Mergulhemos no abismo de complacência perante a dor que é «Ghosteen». A aura que irrompe sala adentro é de um tipo de quase familiar intimidade com Nick Cave que estreita a relação com o ouvinte, em paralelismo com a que tem vindo a manter com os seus fãs depois de ter sofrido um dos golpes mais arrebatadores do destino. Discutindo a efemeridade da vida e a nossa relação com a morte seguimos de mãos dadas explorando na profundidade da alma as nossas experiências. A força e complexidade do instrumentalismo dos Bad Seeds cede lugar a uma arquitectura sonora cuidada, economizada em guitarras de uma bateria totalmente silenciosa, substituindo-as por sintetizadores modulares e pianos que acentuam o ambiente dramático de uma produção etérea, ao serviço do protagonismo da voz grave de Cave, cujas inflexões próprias, sofrimento e força realçam o ensaio atroz que é a audição deste disco. «Spinning Song» incorpora o seu trauma pessoal em feição de consolo e esperança. «Bright Horses» introduz o piano e violinos que elevam a carga mística para «Waiting For You», uma canção tratada como um mantra doloroso na magnificência da poesia cíclica do transcendental compositor. O diário segue entre coros celestiais, melodiosas melancolias e *spoken word* num tremendo clímax de uma viagem espiritual sem retorno. «Hollywood» é o grandioso final com mais de catorze minutos de duração, e provavelmente o tema mais pungente alguma vez escrito por Cave, enredado numa ambiência drone reconfortante, o epílogo perfeito nesta narrativa lúgubre. Um disco difícil, extremamente avassalador, introspectivo, assombroso e desesperante. Ingrata tarefa esta a de escriba. Todas as adjectivações serão sempre insuficientes e insignificantes quando se está perante uma obra poética profundamente bela como esta. [8.5] C.N.

NIGHTWISH
«Decades: Live In Buenos Aires»
[Nuclear Blast]
Há bandas que lançam muitos álbuns ao vivo (neste caso, já vamos em cinco oficiais), há bandas que lançam muitas compilações (já perdemos a conta) e depois há bandas que lançam álbuns ao vivo sobre… compilações. «Decades: Live In Buenos Aires» assinala o fim da *tour* mundial *Decades*, que versou sobre o *best of* com o mesmo nome do ano passado, marcando duas décadas (e um pouco mais) de Nightwish. Ou seja, há aqui temas que já surgem na discografia dos finlandeses uma boa dezena de vezes. E outros que são raros ao vivo e até mesmo inéditos nos registos com a vocalista Floor Jansen e com o multi-instrumentista Troy Donockley. É sabido que o público argentino é dos mais vibrantes e isso escuta-se bem neste registo de Setembro de 2018 no Estádio Malvinas. Já o som da guitarra deixa um pouco a desejar, ofuscado por tanta orquestração, teclados e gaitas. Por muito que se esforce, Floor não é soprano e há temas que têm o fantasma de Tarja Turunen lá atrás a pedir para ser ouvido. Vale pela recaptura dos dois primeiros álbuns. [6] N.S.



PROCESS BLACK
«Countdown Failure»
[Deathwish Inc.]
Com a quantidade de edições que há actualmente é, como sabemos, impossível estar em cima de tudo, pelo que são cada vez mais necessárias referências, ou a proverbial "dica", para chegarmos às bandas mais underground. Sendo que estão associados à Deathwish, os Process Black já tinham meio caminho andado para rodarem aqui por estes lados, mas o facto de serem formados por gente que já fez coisas bastante interessantes no espectro da música extrema ajuda. Pois, nós bem nos esforçamos para estarmos sempre de mente aberta, mas é mais ou menos inevitável darmos atenção a músicos que já conhecemos; ainda mais quando têm créditos firmados em bandas como os Deadguy, Kiss It Goodbye ou Lumbar – que, apesar de nunca terem gozado de grande atenção, foram todas cruciais no desenvolvimento da fusão de metal e hardcore no século XXI. Este «Countdown Failure» é, como está bom de ver, o primeiro registo "a sério" de uma nova constelação e, como se costuma dizer, esta gente não deixa créditos em mãos alheias. Apesar de muito breve, são só três temas em dez minutos, há aqui um "gravalhão" demolidor, paixão pelo basqueiro do noise rock, arranjos certeiros e uma atitude punk (leia-se: desgarrada), elementos que fazem o que basta para os mantermos debaixo de olho daqui para a frente. [7] J.M.R.

PRONG
«Age Of Defiance»
[Steamhammer/SPV]
Com uma actividade discográfica bastante profícua desde que voltaram ao activo em 2002, e após um ciclo de digressões particularmente extenso, os norte-americanos decidiram encurtar a espera por um novo longa-duração com um EP que reúne dois temas novos e três temas de diferentes períodos do trio, gravados ao vivo durante uma digressão em 2015, e que os levou ao clube Huxleys Neue Welt, em Berlim. Da atmosfera que se espera do documento que é uma actuação ao vivo, pode-se dizer que pouco ou nada resta – a impressão com que se fica é, aliás, quase de surpresa perante um registo tão limpo e esterilizado. Os dois temas originais «Age Of Defiance» e «End Of Sanity» são Prong a serem Prong em 2019, que é como quem diz uma versão mumificada e sem metade da pedalada que lhes valeu estatuto e respeito na Nova Iorque dos anos 90. Podia ser muito melhor, digamos. [5] J.R.

RAGNAROK
«Non Debellicata»
[Agonia]
Pese embora a longevidade e a consistência que nove discos e 25 anos de carreira lhes confere, os noruegueses Ragnarok mantiveram-se sempre numa espécie de segunda liga do black metal escandinavo, mantendo um nível qualitativo nas suas composições capaz de os manter na mira dos apreciadores do género, mas insuficiente para os colocar no primeiro plano do mesmo. Fiéis à sua sonoridade e aos seus princípios, de «Non Debellicata» não se espera outra coisa que não seja uma dose massiva e odiosa de black metal, que tem tanto de rápido e intrincado, como de linear e aborrecido, passando-se os 48 minutos e as dez faixas que compõem este regresso de uma forma tão supérflua quanto inconsequente. Os ingredientes da fação mais conservadora e diabólica do black metal na veia de uns

Mediterranean Skins é um novo colectivo de Barcelona e serve de mote também para uma nova editora, que se lança às feras com dois 7" de uma assentada. O primeiro lançamento é «Mundo Gris» dos **GUERRA SUCIA**, banda também ela de Barcelona e que se estreia nestas lides das edições. Quatro temas de oi! simples, directo e ainda um pouco verde. Nota-se muita vontade e entusiasmo, por vezes travada com as limitações expectáveis de uma banda que dá agora os primeiros passos. Um disco interessante apesar de tudo e com alguma negritude *back to the 80s*.

O segundo número no catálogo da Mediterranean Skins é o novo *single* dos **REBEL MINDS** «Nostrat». O lado A conta com «Contes De Glòria», uma versão do tema «Back In History» dos Badlands, sendo que na cara B temos o original «La Teua Terra». Vindos de Castelló, os Rebel Minds tocam um streetpunk melódico, por vezes até demasiado meloso, com guitarras bem estruturadas e uma secção rítmica muito segura. Mantemo-nos na Catalunha mas passamos para outro selo e registo. Editado pela La Kinki Records, o 7" EP dos **Ömbra** estilhaça o prato de vinil com quatro balas de crust punk. Se a editora é catalã, a banda essa emerge de Amesterdão, com uma pujança digna de registo. Uma máquina punk bem oleada, com riffs metaleiros a rasgarem os tímpanos de quem se cruza com eles.

De Odemira para o Mundo. Os **SUSPEITOS DO COSTUME** chegam ao segundo álbum «Salve-se Quem Puder» através da Amazing Records, por quem passam também a ser agenciados. Dez temas de punk hardcore melódico, com riffs rápidos à boleia de uma bateria bastante precisa, a lembrarem bandas como Ten Foot Pole ou Satanic Surfers. Refrães melosos mas também muita seriedade nas letras, cantadas em português, com uma forte componente social como é o caso do *single* «Ninguém Os Quer Ouvir» sobre as vítimas das guerras provocadas pelos interesses económicos, tema esse com a participação nas vozes de Lucas Guerra dos brasileiros Pense. Nove músicas originais e a fechar o disco uma versão do clássico «Lisboa Menina E Moça» de Paulo De Carvalho, que conta com a participação de Capitão Solidão dos Boca Doce. Uma nota final para mais uma fantástica ilustração de Gatuno, que assume o *artwork* do disco.

Em estreias discográficas estão **O PREÇO**, banda brasileira liderada por Christian Targa *aka* Gordo, ex-Blind Pigs onde foi guitarrista e compositor durante mais de vinte anos. Aliás a sonoridade da banda ainda nos remete muito para o praticado pelos Blind Pigs (posteriormente Porcos Cegos), um punk rock bem clássico influenciado pela escola britânica com algum streetpunk americano à mistura. Excelente álbum editado pela Detona Records, Comandante Records e Otitis Media, catorze temas bastante homogéneos, com excelente produção. Punk rock até ao osso!

Marduk ou Dark Funeral estão todos lá, fruto de mentes criativas que provêm das mesmas castas, embora sem nunca conseguirem dar o salto além da mediania que tem caracterizado a carreira dos Ragnarok e que os remete, e continuará a remeter com «Non Debellicata», para aquele espectro de bandas que ouvimos com agrado enquanto bálsamo para expurgar qualquer réstia de compaixão e exacerbar demónios, mas que esquecemos à primeira coisa mais interessante que nos apareça pelo caminho. [5] R.A.

ROB HALFORD WITH FAMILY & FRIENDS

«Celestial»

[Legacy]

Uma infortunada realidade na cena do rock e do metal é que a maioria dos nossos heróis de adolescência já não são mais flores de Primavera. Quando colocados debaixo do microscópio e olhando para eles objectivamente, por vezes superam-se e surpreendem-nos, por outras ficam uns quantos graus abaixo das expectativas. Abaixo de zero são também as temperaturas que embrulham «Celestial», mais um daqueles discos que não é para ser levado demasiado a sério, cuja temática de festividade natalícia porventura se tornou para Halford num assunto de alguma circunspecção. Rob Halford dispensa apresentações e introduções, o *frontman* dos Judas Priest é indiscutivelmente um dos melhores vocalistas e personagem elevadamente icónica da cena metal de todos os tempos. A sua imagem cultivada dos pés à cabeça em torno de um *look bondage* de durão, cujo feitiço do cabedal (*pun intended*) e *spikes* são sinónimo de heavy metal por si só. Substituindo o motão no qual vinha triunfalmente montado, a cada vez que nos brindava com a sua presença em palco, por renas vestidas com blusões de cabedal e arneses, ao longo de doze simples temas de arranjos tradicionais de mensagens apropriadas à celebração, de amor, esperança e união, serve-nos um único propósito, o de nos divertir. Comunidade metaleira podeis respirar de alívio. É o fim do "o que é que a Mariah Carey quer pelo Natal" e a prenda ideal para deixar no sapatinho dos vossos mais queridos. Juntamente com os pares de *trousses* e as meias brancas. [4.5] C.N.

RUACH RAAH

«Submission In Absolute»

[War Arts]

Com o novo EP, «Submission In Absolute», o colectivo português anónimo Ruach Raah chega aos oito registos, depois de uma *demo*, quatro *splits*, e dois longa-duração. Após terem limpo a produção e resolvido adicionar uns toques de black/death *à la* Profanatica em «Under The Insignia Of Baphometh», que elogiámos nestas páginas o ano passado, encetam desta feita uma reaproximação parcial à fluidez punk de «Hate Fanaticism», mantendo a sonoridade clara. Convenhamos que estas considerações sobre limpeza e claridade das gravações só fazem sentido no contexto do black metal cru e directo que saiu dos anos 90 e que ostensivamente influencia a banda. No fundo é imaginar um espectro em que o disco homónimo dos Ildjarn representa a sujeira completa, enquanto o «Ravishing Grimness» de Darkthrone personifica o lado mais cristalino. «Submission In Absolute» estará portanto mais próximo do segundo, ainda que marcadamente mais moderno e com uma prestação vocal assertivamente agressiva que nos faz lembrar mais uns Corpus Christii *circa* «The Fire God» do que qualquer um dos outros nomes referidos. É nesse equilíbrio que jaz a maior qualidade de «Submission In Absolute», na forma como é capaz de remeter o ouvinte para marcos do género com mais de duas décadas, sem no entanto se cingir à emulação completa. São vinte minutos directos, competentes, e raivosos de black metal à antiga e sem qualquer pretensão de inovação tonal ou estrutural. [6.5] L.P.

SILVERTOMB

«Edge Of Existence»

[Long Branch]

Silvertomb é um novo projecto que marca o regresso de Kenny Hickey após a morte de Peter Steele e consequente final dos Type O Negative. A ele junta-se Johnny Kelly, curiosamente também parte dos A Pale Horse Named Death, que conta com outro ex-Type O, Sal Abruscato. Com Kenny a tomar conta das vozes, desenganem-se os que procuram uma natural sequência dos Type O, pois se o doom está presente, soa menos grave, o que não é de estranhar, face ao timbre natural de Kenny e ao uso de três guitarristas no grupo. Apesar disso, «Right Of Passage/Crossing Over» será o tema que mais se aproxima dessas expectativas. Com uma entrada marcadamente *sabbathiana*, encontram-se aqui temas variados, como a rápida «One Of You» que na verdade deve mais a Trouble que a Sabbath. Há também referências ao psicadelismo de uns Floyd e até a um rock mais clássico. Se por um lado se verifica a diversidade que torna o disco fresco, por outro certamente desapontará aqueles que procuram um trabalho mais linear ao nível dos saudosos Type O Negative. [7.5] E.F.

SIMBIOSE

«Banalization Of Evil»

[Amazing]

Foi há pouco mais de um ano que os Simbiose (e, por arrasto, todo o underground nacional) se viram de luto, assolados pela trágica notícia do falecimento do seu baixista Sérgio Curto, por todos conhecido como Bifes. E que melhor forma para lhe fazer a devida e merecida homenagem senão ao se editar-se o já sétimo disco da carreira, com a energia que sempre lhes tem sido característica? Catalisados por essa mágoa e alicerçados na já conhecida crítica de cariz de intervenção social, «Banalization Of Evil» aponta o dedo com veemência a comportamentos de que, de uma maneira ou outra, todos podemos ser vítimas, mas, por inércia colectiva ou por inexistente pressão dos pares, pouco nos cometemos para a sua resolução – fica, pelo nome e pela temática, o paralelo feito ao termo "banalidade do mal" criado por Hannah Arendt, uma linha de pensamento que atravessa a política e a filosofia e surgiu primeiramente para trazer à luz a ética (ou falta dela) implícita na estrutura do nazismo. Musicalmente, do crust e d-beat ao grindcore, resvalando uns Bolt Thrower aqui e uns Tragedy ali, temos material para nos deixar empolgados escuta após escuta, ora em português ora em inglês, mas sempre com as rotações bem altas. Fica a fé para que, seja de que forma for, o Bifes se sinta satisfeito por ainda fazer parte desta simbiose. [8] P.C.S.

TEITANBLOOD

«The Baneful Choir»

[NoEvDia]

Já sabemos que "o mal" sempre foi um conceito muito sedutor para o heavy metal e não é preciso ser propriamente versado nas *black arts* para perceber a atracção por algo que, neste campo tão batido, vá além da irreverência e imaturidade adolescente. Algo que pode bem ser inerente ao ser humano, manifestando-se artisticamente em vários estilos e formas, fruto de uma curiosidade incessante pelo ocultismo. Os Teitanblood estão entre os estudiosos mais brilhantes do assunto na actualidade extrema e, apesar de um repertório curto, os três EPs e dois álbuns chegaram para ganharem notoriedade. Este «The Baneful Choir», que sucede ao EP «Accursed Skin», de há três anos, é mais um registo frenético e visceral, implacável na descarga (atente-se ao caos num tema como «Leprous Fire»), mas cheio de atmosferas nefastas (ouçam-se a «Rapture Below» na abertura ou a «Insight», mais a meio do disco). E é também um registo que eleva os, já de si bem elevados, níveis da densidade sonora debitada, transformando os espanhóis numa besta super musculada, à solta num buraco negro e cavernoso. Eternamente associado ao war metal, e apesar de realmente estarem aqui todos aqueles elementos capazes de agradar a fãs dos Death Worship ou Blasphamagoatachrist, o trio foge ao óbvio com ganchos de *groove* inegáveis, a ocasional melodia e uma atmosfera muito convincente. Depois, há a textura auditiva propriamente dita, a proverbial descarga de caos controlado que combina a estética do black metal com a densidade do death de forma muito eficaz. [8] J.M.R.

THY CATAFALQUE

«Naiv»

[Season Of Mist]

Ao fim de vinte anos de carreira, os Thy Catafalque do Tamás Kátai tornaram-se previsivelmente imprevisíveis. Apostar que o profícuo compositor não se vai repetir nem sacar repentinamente de um disco que se encaixe facilmente numa caixa estilística é mais que seguro, tal como é prever que vão sair desafiantes canções repletas de convidados (onze, desta feita) e onde coexistem géneros como prog, metal (do heavy ao black), folk, jazz, trip-hop, e electrónica. Recentemente, tem emergido ainda um padrão de alternância entre álbuns mais leves e exploratórios, «Sgùrr» e «Geometria», e os mais pesados e directos, como «Meta» e, até certo ponto, este novo «Naiv». O disco surge como uma exploração sobre arte naïf, tema manifesto não só na belíssima capa como na quantidade absurda de momentos *catchy*, quase que remetendo a complexidade para o sequenciamento e estratificação de arranjos. Em comparação com os antecessores mais recentes, «Naiv» é a oferta menos imediatamente coerente, como exemplificado na sequência de abertura do álbum, que vai do prog metal na primeira canção ao folk eslavo da «Embersólyom» passado por uma hilariante mescla de jazz e prog *sci-fi* na «Tsitsushka». Já na segunda metade (da «A Valóság Kazamatái» para a frente), «Naiv» é essencialmente uma sequência de *bangers* (termo que jamais esperámos usar neste espaço, mas que se torna inevitável desta vez). Eis enfim o fio condutor que acaba sempre por emergir após audições repetidas de álbuns de Thy Catafalque: arte *naïf* traduzida em música através de complexas sequências de passagens simples, mas muito, muito viciantes. [8] L.P.

TORPOR

«Rethoric Of The Image»

[Sludgelord/Moment Of Collapse/Medusa Crush]

Lembram-se da altura em que a ideia de mais uma banda nova a fazer post metal ainda era entusiasmante? Foi há uns tempos, é verdade. Depois de uns quantos anos de valente saturação, começa a sentir-se um ressurgimento da tendência, com propostas recentes e muito interessantes, seja de nomes estabelecidos, como é o caso do recente regresso aos lançamentos em nome próprio dos Cult Of Luna com «A Dawn To Fear», ou de projectos de criação relativamente mais recente, como é o caso dos Opium Lord, dos Wallowing, dos Cranial e destes Torpor. No activo há sete anos, este trio londrino já conta com um EP, um álbum e *split* no currículo, três registos que deixaram uma impressão favorável em relação à besta que andavam a criar. Pois bem, ela (re)nasce em toda a sua glória em «Rethoric Of The Image», um daqueles segundos discos capazes de revelar uma banda plenamente formada, com as ideias todas no sítio para conseguir concretizar aquilo a que se propõe. Neste caso, uma pintura sonora em tons escuros e muito carregados, que nos oprime com o peso colossal das guitarras e de uns graves que quase se sentem a brotar das colunas, mas que também é capaz de embalar com uma toada mais melancólica, numa dicotomia tensão/libertação que tanto sufoca como nos solta em atmosferas mais ligeiras, pontuadas até, no caso de «Two Heads On Gold», por uma narrativa no feminino, que contrasta na perfeição com a rudeza habitual do guitarrista Jon Taylor, que acumula pela primeira vez a função de vocalista. Entre o sludge, o doom, o post metal e, claro, os riffs maquinais que tanto podem apelar a apreciadores dos Godflesh, como dos Swans ou dos Neurosis, os Torpor mostram saber qual é a fórmula vencedora neste quadrante. [7] J.M.R.

VILLAIN OUTBREAK

«Unseen»

[Ragingplanet]

Segundo título para o colectivo de Faro que tem aqui uma excelente obra, dentro do estilo,

SLAYER

«The Repentless Killogy, Live At The Forum In Inglewood, CA»

[NUCLEAR BLAST]

Está cada vez mais próximo o dia em que as digressões de Slayer deixam de ser um acontecimento, para passarem a ser um documento importante de um período da música (extrema, popular, urbana, o que quiserem) em que a actuação ao vivo era um momento privilegiado na relação entre uma banda e a legião de fãs que os acompanham. No caso da banda de Los Angeles essa ligação roça a aura de um mito, uma espécie de revivalismo necrótico de um culto muito arcaico e que vem bem lá de trás, de um tempo sem história e sem rosto, mas do qual ouvimos eco na singularíssima presença em palco do quarteto. Se há quem tenha a sensação que a saída de cena dos Slayer coincide com um fim de um capítulo da história do heavy metal, isso deve-se também ao vazio que vão deixar: é difícil pensar que uma banda como Slayer se possa voltar a infiltrar no imaginário popular numa escala tão global, em particular quando olhamos à nossa volta e damos de caras com um policiamento – de gosto, de língua, de politica, ….e por aí fora – cada vez mais rente. «The Repentless Killogy…» é o terceiro registo ao vivo do grupo e deixa registado para a posteridade a actuação em 2017 no The Forum, em Ingelwood, Califórnia, por alturas da digressão dedicada àquele que acabou por ser o último álbum de estúdio, «Repentless». O alinhamento do concerto não andará aliás muito distante daquele que têm tocado ao vivo na *tour* de despedida que passou recentemente pelo nosso país, e a presente edição capta com a fidelidade possível a atmosfera de uma actuação ao vivo com uma produção desta magnitude. **[8]** J.R.

naturalmente. Vozes quase sempre fortes, por vezes melódicas, coros a preencher. Guitarras poderosas e sem medo de solar, e uma bateria que sabe ir para lá do óbvio. É pegar em «The Streets Speak» e está lá tudo. Isto para quem gostar de hardcore em versão metal, ou melhor, metalcore mas sem guturais. A vontade de variar está lá, como prova «Taciturno», instrumental que está mais no post metal, ou no *melting pot* sonoro de «Burning Like A Phoenix», que tem até lugar para um solo à Satriani. Naturalmente que o disco se inscreve em terrenos bem definidos, mas sente-se a musicalidade de outras correntes, revelando que os músicos não estão presos às mesmas soluções como outros nomes do estilo. No resto, um primeiro longa-duração equilibrado. [7.5] E.F.

VIOLATION WOUND

«Dying To Live, Living To Die»

[Peaceville]

Nome lendário no underground extremo graças ao seu trabalho com os Death e Autopsy, ao longo dos anos o multi-instrumentista Chris Reifert também foi criando uma infinidade de outras bandas nas quais explora as suas referências que não têm lugar nos autores do imortal «Mental Funeral». Do death/punk javardo dos Abscess, projecto principal nos 90s, ao mais recente rock psicadélico dos Painted Doll, passando pelo death/thrash dos Siege Of Power, já se percebeu que vale um pouco de tudo para este homem dos sete ofícios. Uma coisa é certa, nada do que Reifert toque vai ser bonito e, com o seu punk metal bem sujo, os Violation Wound são mais uma boa prova disso. Criado em 2013, o trio – que junta o músico veterano a Joe Orterry no baixo e Matt O'Connell na bateria, com Chris a assumir a guitarra e as vozes – lançou uma estreia auto-intitulada logo nesse ano, mas só cinco anos depois cuspiu um sucessor. Foi, no entanto, com esse «Man In Charge» que começaram a dar que falar e, aproveitando o embalo, pouco mais de um ano depois, estão de volta com um novo longa-duração. O próprio Chris Reifert descreve o álbum como "*o equivalente a sentires um tijolo na nuca repetidamente até desmaiares ou aprenderes a gostar*" e, de facto, é difícil encontrar uma forma mais certeira de descrever o espancamento com que fustigam o ouvinte. No total são dezoito micro-petardos de crossover punk/metal pontuado por solos desvairados, ritmos acelerados e refrães que ficam na memória, mas cuspidos com a dose de rudeza a que já estamos habituados. Portanto, se gostas dos Zeke, dos D.R.I., do G.G. Allin, dos Misfits e Motörhead, então deves dar oportunidade aos Violation Wound. [7.5] J.M.R.

SWANS

«leaving meaning.»

[YOUNG GOD]

Conforme fomos reportando ao longo dos últimos anos, era já nítido que a última iteração dos Swans precisava de um abanão, e se há músico que já mostrou capacidade de auto-análise e reinvenção ao longo das várias décadas da sua carreira, é o Michael Gira. Assim, quando foi anunciado que «The Glowing Man» seria o último sob aquele formato, foi quase como um respirar colectivo de alívio por parte dos muitos fãs. Sim, a última década artística de Gira deu-nos alguns dos melhores álbuns de sempre – só assim, mesmo –, como o ainda hoje arrepiante «The Seer», mas havia já muitas saudades, por exemplo, de uma abordagem mais "cancioneira", digamos assim, fosse ela montada da forma que fosse. Em puro estilo Giraesco, «leaving meaning.» não é nada disso, e poderá ser essa a primeira desilusão de quem esperava por algo mais próximo da fase dos "coelhinhos", ou até de «My Father Will Guide Me Up A Rope To The Sky». Na verdade, este disco não está assim tão longe como se poderia antever dos últimos três, apesar de muita coisa ter mudado. À cabeça, a metodologia de escrita, que deixou de se basear naquele tempestuoso ciclo orgânico em que os discos futuros praticamente iam sendo "inventados" durante os concertos numa explosão de catarse surreal – aqui, Gira recupera o seu papel de compositor e produtor, estabelecendo estruturas base dos temas para a sua banda. Banda essa que acaba por recuperar a maior parte da formação dos últimos anos, mas que tem algumas adições cruciais, mostrando que Gira anda bem atento ao que se passa: Ben Frost, Anna Von Hausswolff (e a sua irmã Maria), Baby Dee ou os australianos The Necks são todos parte integrante deste álbum, juntamente com mais gente importante, como são Dana Schechter, Cassis Staudt ou Larry Mullins, todos dos The Angels Of Light. Tudo apontava realmente para os Swans a fazerem canções outra vez, mas o resultado final de «leaving meaning.» acaba por ser uma versão mais ligeira, de certa forma, mais audível (mais The Angels Of Light, lá está) e um bocadinho mais musical daquela colecção de monumentos de som e de repetição que «To Be Kind», mais que qualquer outro, levou ao seu limite lógico. É como se Gira tivesse permitido que alguns dos seus alter-egos menos negros e niilistas (ainda que não haja aqui qualquer momento *feel good*, e a letra de «Sunfucker», entre muitas outras, ainda será capaz de provocar variados pesadelos) tomassem conta do *blueprint* sonoro estabelecido e brincassem um bocado com ele. Como experiência, é brilhante, atingindo mesmo pontos de genialidade absoluta («The Hanging Man», «Sunfucker» ou o incrível tema-título à cabeça), sendo o único ponto de contenção o facto de que não houve, pelo menos para já, a verdadeira revolução/reinvenção que se poderia esperar. Mas conhecendo o Gira, não há-de demorar muito. **[8.5]** J.C.S.

VIRCATOR

«Arcano»

[Ragingplanet]

Novo trabalho dos Vircator em que os vianenses consolidam o seu post rock através de meia-dúzia de faixas instrumentais, como é já seu hábito. Da dinâmica de «Burdock», à hipnótica e ritualista «Mandrake», passando pela "brincalhona" «Lady Fern», faixa já conhecida do vídeo. Interessante, como sempre são os discos dos Vircator, «Arcano» sofre apenas por não adiantar muito ao que o colectivo já ofereceu anteriormente. Claro exemplo daqueles discos em que a estabilidade fala mais alto que a progressão artística, daqueles casos de copo meio cheio ou meio vazio, ficando a avaliação final à subjectividade do ouvinte. Em termos musicais, está cá tudo aquilo que tem ajudado os Vircator a afirmarem-se, e pode ser que seja a rampa para acentuarem a sua presença fora de portas, pois esta banda é mais um exemplo desta geração de músicos que continua sem reconhecimento interno que muito mais facilmente singra fora de portas. Quem sabe este «Arcano» possa também servir para esse mais que merecido consumo interno. [7.5] E.F.

WITCH TRAIL

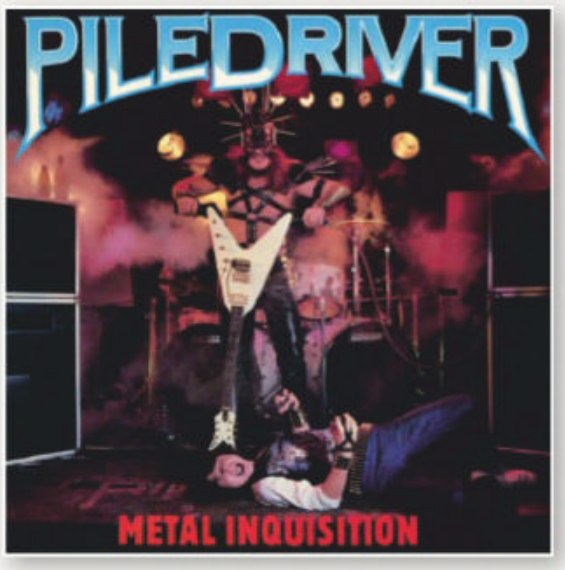
«The Sun Has Left The Hill»

[Consouling Sounds]

Parece que a cena de Gante, na Bélgica, anda realmente promissora: depois de não há muito tempo termos falado nestas mesmas páginas dos jovens Vonnis e a sua ambivalência crust (e tudo o resto que fica nas entrelinhas), surge agora o segundo longa-duração (meia horinha, vá) deste trio que, à falta de melhor maneira para o descrever, vai do black metal ao noise (rock), passando do shoegaze até ao post tudo (sim, vai do post punk ao post rock ao post metal, se calhar até ao post post), sem que tudo isto misturado soe assim tão confuso ou sequer tão mal-amanhado como as palavras o poderão estar a ditar. Imaginem que os Deafheaven se tornam bem mais viscerais, porque andaram a ouvir aquele hardcore punk imundo, ou que os Bosse-De-Nage experimentam ser mais etéreos, porque se aperceberam que o psicadelismo de Hawkwind é que é. Se isto não fizer sentido, vão ouvir pelas vossas próprias orelhas e agradeçam depois. Se até conseguiu fazer, mesmo assim provavelmente vai soar ainda melhor do que imaginam. [8] P.C.S.

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ CARLOS SANTOS STEBBA ÓSK



PILEDRIVER

«Metal Inquisition»

[COBRA RECORDS, 1984]

Toda a mensagem dos canadianos Piledriver se resume bem com uma linha do refrão do tema-título deste seu disco de estreia – "*if you're not a metal head you might as well be dead!*" Pois é, este é daqueles que, apesar de já terem passado 35 anos desde a sua edição, não dá mesmo para recomendar, ou sequer explicar, a quem não é um de "nós", um daqueles que tem isto no sangue. A barrasquice toda contida nestes sete malhões de speed/thrash cru e despretensioso, as letras de temas como «Sex With Satan», «Alien Rape» ou «Sodomize The Dead», tão rudes como hilariantes, a capa do álbum, as fotos e o próprio nome da banda, e a figurinha que era (e ainda é, já lá vamos) o culpado disto tudo, o senhor Piledriver, de seu nome verdadeiro Gordon Kirchin, tudo isto se junta num todo absolutamente *over the top*, tão parvo quanto infinitamente fascinante para qualquer metálico – para usar o termo "antigo" – que se preze. Talvez tenham aparecido cedo demais para terem deixado uma marca mais universal, porque num mundo em que os Gwar ainda não existiam, ou que os Twisted Sister tinham acabado de aparecer, toda esta bandalheira não era para toda a gente. Hoje em dia é fácil de perceber o *tongue in cheek* da coisa, a forma como os Piledriver gozavam à grande com os *clichés* do metal que se estavam ainda praticamente a estabelecer, e achar-lhe um piadão, mas nesta era da génese da música mais extrema e ainda por cima sem a exposição da internet, o *ensemble* geral deve ter afastado muita gente. O que é pena, porque em termos musicais, «Metal Inquisition» está lá em cima com o melhor do speed mais agressivo desta altura. "Barrasquice", conforme já o aplicámos, é exactamente o termo certo para descrever este álbum sonoramente, mas também não é menos verdade que cada um destes sete temas tem a sua própria identidade, criatividade a rodos, uma *catchiness* infecciosa totalmente inesperada, zero medo/noção do que poderia ser considerado ridículo/*camp* – o som da guilhotina no tal refrão do tema-título é francamente delicioso –, e como tal retém todo o seu poder cativante intacto ao fim de tanto tempo. Ao contrário de outros clássicos e/ou Tesourinhos da época, pode-se dizer, com algum grau de surpresa, que «Metal Inquisition» envelheceu muito bem, e ainda se recomenda vivamente em 2019, mesmo para quem eventualmente ainda nem fosse nascido na altura da sua edição e que cresceu com outros parâmetros sonoros.

Apesar de nunca terem chegado ao estatuto de *household name*, os Piledriver lá continuaram o seu caminho depois deste álbum de estreia, e o sucessor «Stay Ugly», de 1986, até é geralmente mais celebrado pelos fãs do que aqui o adoravelmente agreste «Metal Inquisition», pelo que sugerimos que adquiram esta dupla discográfica dinâmica e a ouçam de rajada para tomarem a vossa decisão. Até ouve uma compilação editada o ano passado (em cassete, que parece ser um formato apropriado para a coisa) apropriadamente chamada «Ugly Metal» que reuniu os dois. Depois desse segundo álbum, os Piledriver enquanto banda deixaram de existir, mas o bom do Gordon continuou a dar voltinhas no carrossel com vários *reboots*. Os Dogs With Jobs foram o projecto seguinte, e editaram dois discos, dos quais o primeiro, «Shock», consta que foi feito com o intuito de ser o terceiro álbum dos Piledriver. Já neste século, mais uma reactivação, sob o nome de The Exalted Piledriver, e um álbum em 2008, «Metal Manifesto». Tudo trabalhos interessantes, dentro do *output* que será de esperar do espalhafatoso músico canadiano, mas ainda assim sem aquela faísca mágica que os Piledriver originais do «Metal Inquisition» e do «Stay Ugly» tinham. Dito isto, apesar de o último lançamento já datar de 2011 (um álbum ao vivo), a banda continua activa e a tocar por aí, e basta ir ver as fotos dos concertos para perceber que, apesar de tudo, uma vez Piledriver, para sempre Piledriver. "*We're the metal inquisition / We sentence you to death / By guillotine!*"

OESTE UNDERGROUND IV

19.11.02 – Pavilhão Multiusos, Malveira

CORPUS CHRISTII
FOTOS: SÓNIA FERREIRA

BASEMENT TORTURE KILLINGS

Quarta edição do Oeste Underground Fest, evento que visa apoiar os Bombeiros Voluntários da Malveira. Com um cartaz bem apelativo, onde convergiram propostas nacionais (e duas britânicas) de vários géneros mas com algo em comum, a elevada qualidade. A tarde/noite começou com os **Phreneticis**, que se estrearam nos palcos com um death progressivo de extremo bom gosto e um à vontade que nos faz ter enormes esperanças para o futuro da jovem banda de Odivelas. Outra banda com muito para dar são os **Dharma**, na área do hardcore/metalcore. Infelizmente tiveram um som com volume demasiado alto, mas isso não apagou a sua boa prestação nem o excelente EP que lançaram recentemente, «Obsolete». O som foi ligeiramente corrigido para os **Wicked**, que soltaram o seu thrash metal tradicional, fazendo-nos antecipar com expectativa o lançamento do EP que está na forja. A partir daqui, foi um desfilar de metal extremo com o qual ninguém terá ficado insatisfeito. Os **Congruity** soaram melhores que nunca, com um som capaz de deitar abaixo uma montanha e com o seu black/death metal a ser tremendamente eficaz. Algo que também podemos dizer dos **Basalto**, no campo do doom metal. Não deixa de ser impressionante a forma como a banda de Viseu consegue dinamizar um público ávido por acção com temas longos de doom, prova cabal da capacidade dinâmica que a sua música tem. O terceiro *power trio* a apresentar-se foram os **Skinning**, mostrando que precisamos, mais que nunca, de ouvir «Homicidal Experimentations», o terceiro trabalho que a banda vai lançar em breve, e no qual se basearam nesta sua actuação. Ainda dentro do death metal, mas com inclinação para o thrash, vieram os **Biolence**, a gozar também eles de um som que ainda elevou mais o seu enorme poder de destruição sónica. Solos, riffs, *cover* de Asphyx, não há muito mais que um ser humano precise para ser feliz. A primeira banda britânica a subir ao palco foram os **Valafar**. Poderá até pensar-se que o seu death metal era um pouco banal mas a energia que imprimiram e a forma como conseguiram cativar o público já diz muito das suas capacidades. Boas dinâmicas e melodia sem cair em exagero. Quem já não precisa de apresentações são os **Corpus Christii**. A banda de Nocturnus Horrendus escolhe a dedo as actuações que dá, e esta seria muito especial, já que seria a primeira vez que o *frontman* iria actuar na sua terra natal. A atenção do alinhamento espalhou-se pelos mais recentes álbuns, com algumas incursões fugazes aos primórdios, sendo o tema-título de «The Fire God» o maior recuo no tempo. Nota também para o regresso de Angel-O para a formação ao vivo, ficando a mesma assim mais letal com um duplo ataque de guitarras. Letal também é uma forma de descrever os **Destroyers Of All**, algo que já não é surpresa para ninguém. A viver um bom momento após o lançamento do segundo álbum, «The Vile Manifesto», a banda de Coimbra é cada vez mais forte em cima dos palcos, algo que se vai notando a cada actuação. Animais de palco também são os **Gwydion**, mas infelizmente não se teve o que se esperava. O *linecheck* demorou mais que o previsto – depois obrigando a que o alinhamento fosse cortado – e o som estava, além de demasiado alto, confuso e sem qualquer definição, isto para além de terem tocado sem o baixista Bruno Ezz. Ainda assim, com o seu público fiel, a festa foi feita e muito bailaricos se fizeram ao som de «793» e «Mead Of Poetry». Para finalizar a noite em grande, subiram ao palco do Oeste Underground os **Basement Torture Killings**. Todos sabemos como o género death/grind por vezes se encerra em cantos nos quais é difícil distinguirem-se umas bandas das outras. Nesse sentido, os britânicos conseguiram ser uma lufada de ar fresco, seja graças à presença de palco e teatral de Beryl, sua *frontwoman*, seja pelos muitos solos de guitarra, trazendo dinâmicas onde elas não abundam, nesta segunda data em Portugal – no dia anterior tinham tocado no Coronado Extremo. Apesar de não ter gerado consensos entre o público, foi uma boa forma de encerrar o festival, nesta edição que foi, na nossa opinião, uma das melhores de sempre. O espírito familiar de sempre aliado ao carácter de beneficência já são peças incontornáveis, assim como o melhor do underground. Uma peça já de referência na nossa cena que estará certamente de volta para o ano. E a LOUD! estará lá. **[F.F.]**

NECROWRETCH + SKELETHAL + NIHILITY + VECTIS

19.11.09 – Metalpoint, Porto

Uma noite que começou muito bem, com dois nomes nacionais a actuarem para uma sala quase cheia, que também estava lá por eles. Logo no arranque, uns novatos chamados Vectis, que ainda dão os primeiros passos, sem pretenderem reinventar a roda, mas que fazem bem aquilo a que se propõem, um blackthrash muito interessante. Para lá dos temas da maqueta «The Executioner», ainda espaço para uma versão dos Omega, «Evil Rock'N'Roll», e dois inéditos. Também muito bem recebidos foram os Nihility, que apresentavam «Thus Spoke The Antichrist» no Porto. Mais técnicos, foram crescendo ao longo da sua prestação, terminando em grande com «Abeyance Of Own» e «Prophecy Of Denial». Certamente que mais rodagem só os fará melhorar. Se a primeira parte da noite foi portuguesa, o resto era francês, a começar com uns muito interessantes Skelethal que basearam a actuação no trabalho de 2017, «Of The Depths...». Não foram também esquecidos temas da maqueta de 2019, incluindo a *cover* dos Terrorizer, «Fear Of Napalm». Um quarteto que se espera que regresse a Portugal para algum festival. Cabeças-de-cartaz, os Necrowretch acabaram no entanto por ser a proposta menos entusiasmante da noite, soando um pouco desinspirados, apesar do bom baterista, Ilmar Uibo. Com um alinhamento semelhante ao de «Welcome To Your Funeral», reforçado por mais quatro temas, ficou sempre a sensação de que poderia ter sido bem melhor. **[E.F.]**

MARK LANEGAN BAND
+ SIMON BONNEY

19.11.30 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

MARK LANEGAN BAND
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

Figura já habitual nos palcos nacionais pelas suas várias visitas nos últimos anos, ligação reforçada pela colaboração com os Dead Combo, mas nem por isso estamos sequer a começar a estar fartos de ver o Mark Lanegan ao vivo. Primeiro porque, apesar da sua discrição e presença *low profile* em palco – a sua comunicação com o público resume-se essencialmente a um "*thank you*" aqui e um "*much appreciated*" ali, roucos e meio escondidos enquanto decorrem aplausos, excepção feita à dedicação de um tema aos "amigos" Dead Combo –, o carisma natural do cavalheiro e da sua voz inconfundível fazem com que cada concerto seja efectivamente um universo único com as suas próprias particularidades; e depois porque, a cada uma das visitas, há sempre pelo menos um lançamento novo para explorar. Desta vez foi o recente «Somebody's Knocking», que registou forte presença no alinhamento. Sem medo de atirar malhas novas aos seus fãs, talvez por ter a noção de que, com a sua interpretação sublime, qualquer coisa é capaz de nos aquecer o coração, seja mais ou menos familiar, Lanegan escolheu oito temas do álbum novo, por entre uma selecção equilibrada de temas de todos os discos pós-«Bubblegum» (inclusive). Mesmo com um pequeno torcer de nariz para os "velhos" que gostavam de ouvir uma malhinha que fosse do «Scraps At Midnight» ou do «Field Songs», o destaque vai todinho para os quatro retirados do sublime «Blues Funeral», que parece que só melhoram com a idade. Um bocado como o Mark *himself*, que aos 54 anos parece estar numa forma física e vocal extraordinária, solto e descontraído, e totalmente em sincronia com a sua banda, seja na cumplicidade óbvia com o excelente guitarrista Jeff Fielder, ou na forma arrebatadora como interpretou os duetos com a sua teclista («Hit The City», originalmente interpretado com a PJ Harvey, e a belíssima «Come To Me» já no *encore*). Enfim, mais uma noite magnífica proporcionada por Lanegan e companhia, que teve um início algo surpreendente com Simon Bonney e a sua esposa Bronwyn Adams, que é como quem diz o que resta dos Crime & The City Solution, numa actuação um pouco desconexa, a dar ares de ter sido preparada um bocado "em cima do joelho", mas recheada de sentimento ainda assim. [J.C.S.]

INVICTA REQUIEM MASS V

19.10.31-11.02 – Metalpoint, Porto

Um festival como o Invicta Requiem Mass só poderia acontecer num espaço como o Metalpoint, porventura a sala nacional mais dedicada ao black metal. Mais que um festival, é uma mostra de variantes do estilo, uma celebração de um ecletismo e de globalização, já que 90% da assistência não era nacional. O arranque fez-se em grande com os **Hexitium**. Já os **Tormentü**, com um black mais cru, não se revelaram tão apelativos, embora cumprindo dentro do exigido pelo estilo. Os **Mons Veneris**, em colaboração com **Pedra do Altar**, foram ainda menos interessantes, percebendo-se aí que o festival iria recorrer a vários nomes nacionais que partilhariam elementos. Os **Degredo** cumpriram as expectativas, confirmando ser uma proposta muito válida no campo do black mais experimental e etéreo. A noite concluiu-se com os austríacos **Alruna**, que não fizeram grande mossa. Ao segundo dia, o cartaz tinha menos nomes nacionais, mas arrancou muito bem com os **Voëmmr**, potentes, aparecendo depois os **Occelensbrigg** que lutaram para estar à altura da fasquia imposta. Os **Hagzissa** foram um dos nomes mais em destaque do festival, pelo factor surpresa, pela atitude e pela esquizofrenia trazida à cena. O tipo de grupo que merecerá ser visto noutro espaço, com outra dimensão. Já os **Void Prayer** trouxeram algum psicadelismo ao cartaz, criando um ambiente solene e hipnótico. Curiosamente com um vocalista português, foram outro dos nomes que gostaríamos de ver mais vezes em Portugal. Em seguida vieram os **Irae**, eventualmente o nome nacional mais desejado, e cumpriram essa expectativa. Os **Watch** também satisfizeram quem por eles esperou, sendo que depois disso o álcool proporcionou um evento menos agradável que impediu a actuação dos **Sulphuric Night**. O fim do Invicta Requiem Mass veio com os sempre excelentes **Balmog**, já habituais na casa e provavelmente o nome mais forte do black galego e espanhol. Os **Hail Conjurer** foram um *one man show*, que perdeu exactamente por isso, pois o trabalho de composição necessitava de mais "humanos" a acompanhar aquela guitarra. Depois de uns menos interessantes **Kringa**, seguidos dos **Sanguine Relic**, numa daquelas presenças provavelmente irrepetíveis, os **Mons Veneris** terminaram o festival em português. No balanço final, uma mostra que não se espera que cresça, apenas que tenha mais atenção por parte do público nacional, pois é mais que merecido. [E.F.]

IRAE
FOTOS: MARTA LOURO

HAIL
CONJURER

MOONSPELL
FOTO: JORGE BOTAS

MOONSPELL + ROTTING CHRIST + SILVER DUST

19.11.05 – Capitólio, Lisboa

Ao fim de uma mão cheia de temas, Fernando Ribeiro revelou ter sido questionado sobre a importância deste concerto, ao que respondeu: "*de importância máxima!*" E de facto, a sala completamente cheia que recebeu o quinteto foi prova disso mesmo. Tinha sido ao som de «Em Nome Do Medo» que a banda tinha entrado em palco – sem medo, diga-se! Foi o princípio de uma noite como muitas outras a que os Moonspell já nos habituaram: profissional e sem falhas. Com o foco no mais recente «1755», não faltaram os temas «In Tremor Dei» e «Todos Os Santos». Viajaram ainda até «Sin/Pecado» com a canção «Abysmo» e a «The Antidote» com «Everything Invaded». A terminar, «Ataegina», que não estava no alinhamento original, e ainda a habitual «Full Moon Madness». Antes, estiveram em palco os Rotting Christ, que conseguiram uma prestação notável, intensa, com direito a *circle pit*, e onde não faltaram temas como «King Of A Stellar War», «Grandis Spiritus Diavolos» ou a clássica «Non Serviam». Boa surpresa foi a prestação dos suíços Silver Dust, que apresentaram todo um conceito em palco que captou a atenção dos presentes do primeiro ao último minuto. Liderados por Lord Campbell, a banda navega entre o gótico, com electrónica e sons orquestrais, e toda uma teatralidade que deixaria Alice Cooper orgulhoso. **[J.B.]**

HECATE ENTHRONED + GRIEVANCE + INVOKE

19.10.25 – RCA Club, Lisboa

Noite de celebração negra no RCA, que curiosamente coincidiu com as celebrações religiosas nas várias congregações situadas na mesma rua. Regresso dos britânicos Hecate Enthroned, uma das bandas míticas do black metal melódico britânico da década de 90, que se fizeram acompanhar por duas bandas nacionais. Comecemos por aí, com os Invoke, que iniciaram a noite da melhor forma. Este foi o primeiro concerto da banda com a nova formação com Sérgio Páscoa no baixo e Duarte Cera na bateria. Evidenciaram-se coesos e orgânicos, com o foco da actuação a ser «Deo Ignoto», álbum já registado mas ainda por lançar. Seguiram-se os Grievance, que também têm «Em Lucefécit» fresco, e estiveram irreprensíveis. Com um som a rebentar a escala da brutalidade, Koraxid, eterno *frontman* e alma da banda, viu-se apoiado por músicos de sessão que fizeram com que temas como «Náusea» soassem especialmente pujantes. Nota ainda para a apresentação de «Presságio», tema inédito. Com um aquecimento destes, por momentos teve-se dúvidas em relação ao impacto dos britânicos, afinal estamos a falar de uma banda que andou "perdida" durante anos. Para muitos, o interesse residia nos primeiros trabalhos, mas os Hecate Enthroned demonstraram que a actual fase está mais próxima que nunca dos anos áureos, intercalando a escolha do alinhamento entre esses dois pontos. Claro que os fãs mais *old school* receberam de forma entusiasmada temas como «The Spell Of The Winter Forest». Joe Stamps, a voz da banda desde 2015, demonstra estar à altura da representação dos clássicos, fazendo a ponte com a actual fase. O público, esse, esteve ao rubro, "obrigando" até a banda a fazer um *encore* inesperado quando muitos já se preparavam para abandonar a sala. Noite triunfal com várias facetas de black metal a convergirem em algo memorável. **[F.F.]**

HECATE ENTHRONED
FOTO: SÓNIA FERREIRA

INDIGENTE LIVE

19.10.19 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Celebrando os 22 anos do seu programa na Antena 3, Nuno Calado juntou pelo segundo ano consecutivo uma série de amigos e convidados, representando um pouco do que se vai fazendo por cá na música alternativa. A noite começou com as doces melodias de **Nancy Knox**, que inaugurou o palco trazendo um pop alternativo onde o rock se cruza com o electrónico. De seguida os **Dead Club** com o seu indie electrónico explosivo carregado de negritude, quase a fazer concorrência a um qualquer combo de post punk. Tempo para os **Knot3**, projecto de Selma Uamusse e Toni Fortuna especialmente concebido para o festival, aqui acompanhados por João Cabrita no saxofone, que encheram a sala de blues e soul. Entram em acção os **Algumacena**, duo dinâmico que contou com a ajuda de dois convidados, João Descalço e Adam das Anarchicks, para debitar um rock bastante sónico e abrasivo. Roda o palco e muda o registo, com os **Pista** e com a sua música festiva, muito abanar de anca e boa disposição. Se o rock tivesse sido inventado nas Caraíbas, devia soar assim. Os **Plastica** regressaram aos palcos para introduzir um pouco de psicadelismo na noite, e aproveitaram na perfeição o seu indie rock hipnotizante para incluir na prestação um espectáculo burlesco da convidada Manu De La Roche durante uma prestação irrepreensível. Seguiu-se **Cabrita**, o projecto de João Cabrita com alguns convidados que nos ofereceu bons *grooves* num som muito funk onde não faltou a guitarra mais r´n´b do convidado Paulo Furtado. Num dos momentos altos da noite estiveram os **Vaia Praia**. *"A festa começa quando a bixa disser!"* E assim foi… Punk com tomates, muita provocação e acima de tudo muita energia. O punk rock continuou no palco do LAV com os **The Parkinsons**, explosão de punk *à la* 77 e uma entrega total a que já estamos habituados da parte destes senhores. Menção especial para a invulgar colaboração de Rui Sidónio, dos **Bizarra Locomotiva**, que foram o grupo que se seguiu para a habitual devastação sonora com o seu metal industrial, pondo definitivamente a sala em alvoroço. As **Anarchicks** subiram ao palco para espalhar o seu rock *apunkalhado* com o espírito *riot grrrl*, e contaram com a ajuda de Afonso dos The Parkinsons num tema. Tempo para os **The Dirty Coal Train** que num registo muito descontraído espalharam o seu charme com o seu garage punk, começando o *set* com os Algumacena como convidados. Continuaram com Tó Trips a fazer barulho e chamaram à recepção os **Act-Ups** que ficaram entretanto para encerrar a noite que já ia longa. E foi com o rock'n'roll no seu estado mais puro que se deu por terminada a festa. Uma noite de celebração, de colaborações e da cumplicidade que só o rock nos oferece. **[L.R.]**

GODSPEED YOU! BLACK EMPEROR + LIGHT CONDUCTOR

19.11.09 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

19.11.10 – Hard Club, Porto

GODSPEED YOU! BLACK EMPEROR
FOTO: PEDRO ROQUE

Mais do que um mero concerto, presenciar aquilo que os canadianos Godspeed You! Black Emperor apresentam em cima de um palco eleva a experiência a um patamar de verdadeiro ritual que desconhece fronteiras. Cinco anos após a sua última aparição por palcos portugueses, aquando da sua actuação no NOS Primavera Sound, no Porto, os GY!BE voltaram para uma data dupla, em Lisboa e Porto, e ao seu *habitat* mais natural, ou seja, em espaços fechados e intimistas. A sul, o LAV, e a norte, o Hard Club, foram os palcos que acolheram dois concertos semelhantes de uma banda que contou em ambas as datas com oito músicos em palco e um projeccionista na rectaguarda, todos com uma função específica que é parte fundamental de um todo grandioso. A orquestra perfeita para os sons do apocalipse. Três guitarras, dois baixos, duas baterias, violoncelo e violino (mais as projecções analógicas), parece um exagero, mas não é. «Hope Drone», uma faixa nunca editada em disco, ergue-se camada a camada, ao ritmo da entrada progressiva de cada músico, desenvolvendo-se num crescendo arrebatador que culmina numa explosão sónica que faz a ponte perfeita para «Glacier» e «Mladic». Nas quase duas horas de concerto, de avalanche sonora, só conseguimos ouvir, para além dos já mencionados, mais três momentos de doce e desconcertante embalo, nomeadamente «Cliff», mais uma nunca editada em disco, «Anthem For No State, Part I», sacada do mais recente «Luciferian Towers» e, a encerrar, «The Sad Mafioso», recuperada do mítico álbum de estreia da banda, «F#A#∞», de 1997. No final de um concerto sempre em crescendo, da mesma forma como entraram, de forma progressiva, cada elemento da banda vai abandonando paulatinamente o seu posto, a distopia sonora reduz-se de forma ténue, conduzindo uma plateia para um final carregado de solenidade, desabando num estrondoso e merecido aplauso. Mais convencionais na sua abordagem, os também canadianos Light Conductor prepararam o terreno para os cabeças de cartaz em ambas as datas, num interessante exercício no qual a electrónica se funde com o psicadelismo e o vanguardismo de um post rock galáctico, deixando no ar a vontade de explorar «Sequence One», o disco de estreia do duo aqui apresentado como trio, de forma mais atenta. **[R.A. + P.R.]**

ENTOMBED AD + ABORTED + BAEST

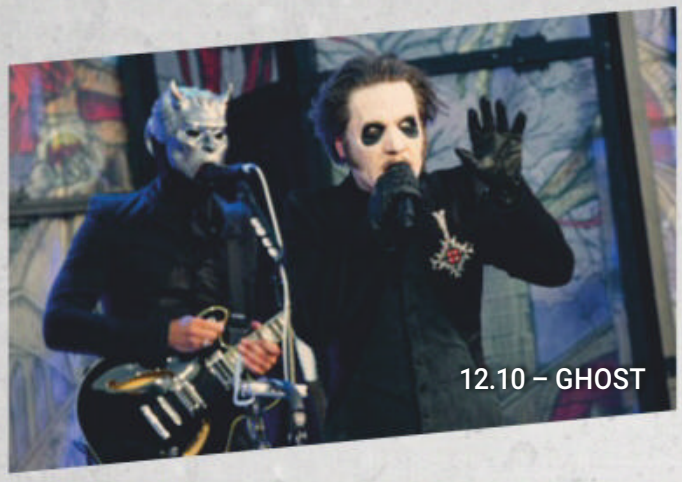
19.11.08 – RCA Club, Lisboa

Lendas do underground dos 90s, pioneiros de toda uma tendência e incontornáveis para quem gosta de música extrema, no século XXI os Entombed são uma verdadeira dor de cabeça para os seus fãs. É certo que o fundo de catálogo, mesmo com os seus altos e baixos, continua a ser celebrado como deve ser, mas... em 2019 temos, e em 2020 vamos continuar a ter, duas versões dos Entombed. Os originais, que voltaram a reunir o *core* da banda para celebrar um aniversário do «Clandestine» (até ver, nada mais fizeram), e a versão AD, esta que nos visitou agora já pela terceira vez, comandada estoicamente (e em estado ébrio permanente) pelo vocalista L-G Petrov, secundado por alguns dos músicos dos Entombed antes da reunião do Alex Hellid, que foi o único que se manteve sempre no grupo, com o Nicke Andersson e o Uffe Cederlund. E é óbvio que esses três continuam a fazer muita falta. Era óptimo saber que íamos poder vê-los mais uma vez, mas – pelo que nos é dado a crer – isso não irá acontecer nos tempos mais próximos. Entretanto, vamo-nos contentado com os Entombed AD. Ou melhor, entretanto vamos celebrando um legado de respeito na companhia do bom do L-G Petrov, com o RCA Club a registar lotação esgotada para este cartaz dividido com os belgas Aborted. Antes ainda, para aquecer os ânimos, subiram ao palco da sala lisboeta os dinamarqueses Baest, herdeiros da tradição do death/thrash musculado vindo daquelas paragens e que, com a presença de Sven De Caluwé no tema «Crosswhore», fizeram a passagem perfeita para a actuação seguinte. Depois de uma pequena espera, subiam então ao palco os muito aguardados Aborted, após uma fulgurante passagem pela última edição do VMF e, agora, já com «Terrorvision» na bagagem. Convém referir aqui que, hoje, os Aborted estão muito longe do death/gore inspirado nos Carcass que os caracterizou no início, soando como um mostro de deathcore injectado de esteróides. Resultado, armados com temas como «Deep Red» e «The Saw And The Carnage Done», trataram de fustigar a plateia com uma descarga de peso bruto quadradão e, claro, *breakdowns* a rodos, com direito à ocasional "descarga" de subgraves e tudo. As reacções não se fizeram esperar, com um *circle pit* em constante movimento. Os ânimos estavam, portanto, quentes, e L-G e companhia provaram ser os senhores da noite, recebidos de forma ultra efusiva pelos presentes desde a primeira nota. Por esta altura já estava tudo mais que pronto para levar com uns petardos de death'n'roll. E foi precisamente o que aconteceu, com a banda a começar por intercalar um clássico («Chaos Breed») e uma excelente repescagem do passado (a «Eye For An I» foi um mimo) com temas da nova vida, dos quais se destacam sobretudo os do novo «Bowels Of The Earth». No entanto, o melhor estava guardado para a segunda metade do concerto. Com uma energia contagiante de tão incansável e enérgica, a partir do momento em que se atiraram à «Stranger Aeons» deram início a uma sequência de clássicos a que ninguém poderia apontar defeito, composta por «Revel In Flesh», «Wolverine Blues», «Left Hand Path», «Serpent Speech» e «Supposed To Rot». Pese a incidência mais notória em material desta casta AD, o quinteto protagonizou uma actuação potente, alicerçada nos riffs alimentados a HM-2 e na boa disposição de L-G, a quem foi passada para a mão uma *pint* assim que irrompeu pelo palco. No final, quase uma hora de boa disposição abrutalhada, imprópria para cardíacos. **[J.M.R.]**

ENTOMBED AD
FOTO: SÓNIA FERREIRA

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER DENIM LABORATORY — RESEARCH & DEVELOPMENT —



12.10 – GHOST

DEZEMBRO

04 – **Vulcano** (Bra) / **Filii Nigrantium Infernalium** / **Scum Liquor** – RCA Club, Lisboa
05 – **Vulcano** (Bra) / **Alcoholocaust** – Metalpoint, Porto
06 – **Alter Bridge** [E.U.A.] / **Shinedown** [E.U.A.] / **The Raven Age** [Ing] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
06-08 – **Paradise Lost** [Ing] / **Alcest** [Fra] / **Solstice** [Ing] / **Disillusion** [Ale] / **Daylight Dies** [E.U.A.] / **Heavenwood** / **Outshine** [Sué] / **Total Death** [Ecu] / **Consecration** [Ing] / **Darkher** [Ing] / **Petrichor** / **Ardours** / **Pântano** / **Wells Valley** / **Dogma** / **Nighttime Birds** / **Wildnorthe** – RCA Club / Lisboa Ao Vivo, Lisboa – ***Under The Doom Festival***
07 – **Prayers Of Sanity** / **Vortex Core** / **Hourswill** / **Speedemon** / **Beyond Carnage** / **Dogma** / **RataXXX** – Sede UDCA, À-dos-Loucos, Vila Franca de Xira ***Massacre Metal Fest***
08 – **Bruce Dickinson** [Ing] – Aula Magna, Lisboa ***One-Man Speaking Show***
08 – **In Obscurity Revealed** [Mex] / (…) – Metalpoint, Porto
10 – **Ghost** [Sue] / **All Them Witches** [E.U.A.] / **Tribulation** [Sue] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
11 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Hard Club, Porto
13 – **Sunflowers** / **Killimanjaro** / **Scúru Fitchádu** – Sabotage, Lisboa ***Super Sónica***
13 – **Wrath Sins** / **Stubborn** / **Arson Tides** / **Buzzocracy** – Metalpoint, Porto ***A Very SINful X-Mas Fest***
13/14 – **Avulsed** [Esp] / **Theriomorphic** / **Serrabulho** / **Alcoholocaust** / **Grindead** / **Divine Ruin** / **Homicidio** [Esp] / **Simbiose** / **Capela Mortuária** / **Fostioner** [Esp] – Centro Cívico da Vila do Carvalho, Covilhã ***Butchery At Christmas Time XX***
14 – **Trinta & Um** / (…) – RCA Club, Lisboa ***20 anos de «O Cavalo Mata»***
14 – **New Mecanica** / **Empty V** / **All Against** – ADAO, Barreiro
14 – **Simbiose** / **Albert Fish** / **Manferior** – Stereogun, Leiria ***Hardcore 4 A Cause***
14 – **Altarage** [Esp] / **N.K.R.T** [Fra] / **NU** / **Talea Jacta** – Auditório CCOP, Porto ***Amplifier Worship II***
15 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – Hard Club, Porto
16 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – RCA Club, Lisboa
18 – **The Black Wizards** – Café-Concerto, Teatro de Vila Real, Vila Real
21 – **Dokuga** / **Grindead** / **Holocausto Canibal** / **Maxila** – Hard Club, Porto
28 – **Decayed** / **Atlas Pain** [Ita] / **Cavemaster** / **Dawn Of Ruin** / **EnChanTya** / **Nematomorphos** / **Synlakross** [Esp] – Milagre Metaleiro – Associação Cultural, Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Assembleia do Metal***

JANEIRO

08 – **Anti-Flag** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
11 – **Praying Mantis** [Ing] / **Ancient** [Nor] / **Xentrix** [Ing] / **Blitzkrieg** [Ing] / **Blood** [Ale] / **Sacred Sin** / **Iron Void** [Ing] / **Dark Embrace** [Esp] / **Infraktor** / **Karbonsoul** / **Godark** – Associação Cultural de Santo André, Mangualde ***Mangualde HardMetalFest***
11 – **R.A.I.V.A.** / **Hourswill** / **Uivo Bastardo** / (…) – RCA Club, Lisboa ***Seventeen – aniversário Ethereal Sound Works***
17 – **Malevolent Creation** [E.U.A.] / **Spasm** [R.Che] / **Unfathomable Ruination** [Ing] / **Holocausto Canibal** / **Cytotoxin** [Ale] / **Rectal Smegma** [Hol] / **Nashgul** [Esp] / **Serrabulho** / **Acranius** [Ale] / **Analepsy** / **R.D.B.** / **Kadaverficker** [Ale] / **Twitch Of The Dead Nerve** [Ing] / **Party Cannon** [Ing] / **Bleeding Display** / **MDMA** [Esp] / **ByoNoiseGenerator** [Rus] / **Disturbance Project** [Esp] / **Diaroe** [Ale] / **Cronaxia** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba Festival 2020***

FEVEREIRO

01 – **Explosions In The Sky** [E.U.A.] – Aula Magna, Lisboa
01 – **Dream Theater** [E.U.A.] – Pavilhão Multiusos de Gondomar, Gondomar
02 – **Dream Theater** [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa
07 – **The Aristocrats** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
08 – **Gaerea** / **CineMuerte** / **Soul Of Anubis** / **Juseph** / **Sollust** – Asdreq Quintela, Viseu ***II Doomed Fest***
15 – **Pyogenesis** [Ale] / **Basalto** – Metalpoint, Porto

MARÇO

07 – **Tarja** [Fin] – Sala Tejo, Lisboa
07 – **Akercocke** [Ing] / **Nader Sadek** [Egi/E.U.A.] / **Necronautical** [Ing] / **Aklash** [Ing] / **Congruity** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada Morbid Sessions – Chapter II***
11 – **Anathema** [Ing] – Capitólio, Lisboa

01.08 ANTI-FLAG

01.11 – MANGUALDE HARDMETALFEST

18 – **Russian Circles** [E.U.A.] / **Torche** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
28 – **Myrath** [Tun] / **Eleine** [Sue] – RCA Club, Lisboa
28 – **Myrath** [Tun] / **Eleine** [Sue] – Hard Club, Porto

ABRIL

03/04 – **Ratos De Porão** [Bra] / **Rotten Sound** [Fin] / **GBH** [Ing] / **Peste & Sida** / **Switchtense** / **Devil In Me** / **Serrabulho** / **For The Glory** / **WAKO** / **Besta** / **Midnight Priest** / **Destroyers Of All** / **Martelo Negro** / **Toxikull** / **Patrulha Do Purgatório** / **Pestifer** / **Soul Of Anubis** / **All Against** / **Dallian** – Largo do Pavilhão Municipal de Exposições, Moita ***Moita Metal Fest***
09 – **Semblant** [Bra] / (…) – RCA Club, Lisboa
23 – **Machine Head** [E.U.A.] – Coliseu, Porto
24 – **Machine Head** [E.U.A.] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
24/25 – **Okkultist** / **Attick Demons** / **Dollar Llama** / **Invoke** / **Beyond Strength** / **Durrhast** / **Blackallica** / **Abaixo Cu Sistema** – RCA Club, Lisboa ***Power Stage Fest***
29-02/05 – **Autopsy** [E.U.A.] / **Mgła** [Pol] / **Morbid Saint** [E.U.A.] / **Gutalax** [R.Che] / **GOROD** [Fra] / **Horna** [Fin] / **Birdflesh** [Sue] / **Putrid Pile** [E.U.A.] / **Vulture** [Ale] / **Deranged** [Sue] / **Grave Desecrator** [Bra] / **Midnight Priest** / **Gaerea** / **Equaleft** / **Extirpation** [Ita] / (…) – Barroselas, ***SWR – Barroselas Metalfest***

MAIO

09 – **Conception** [Nor] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
10 – **Swans** [E.U.A.] – Hard Club, Porto

JULHO

02/03 – **System Of A Down** [E.U.A.] / **Korn** [E.U.A.] / **Bring Me The Horizon** [E.U.A.] / **Meshuggah** [Sué] / **Bizarra Locomotiva** / **Of Mice & Men** [E.U.A.] – Estádio Nacional, Lisboa ***VOA 2020***
23 – **Iron Maiden** [Ing] / **Within Temptation** [Hol] / **Airbourne** [Aus] – Estádio Nacional, Lisboa
23-25 – **Lacuna Coil** [Ita] / **Venom Inc.** [Ing] / **Decapitated** [Pol] / **Orphaned Land** [Isr] / **Arkona** [Rus] / **The Agonist** [Can] / **Hate** [Pol] / **Gaerea** / **Sacred Sin** / **DarkTribe** [Fra] / **Moonshade** / **Prayers Of Sanity** / **Wisdom** [Esp] / **Basalto** / **Pântano** – Vila Nova de Famalicão ***Laurus Nobilis 2020***
30-01/08 – **Behemoth** [Pol] / **Testament** [E.U.A.] / **Asphyx** [Hol] / **Harakiri For The Sky** [Aus] / **Trollfest** [Nor] / (…) – Quinta do Ega, Vagos

PRÓXIMA LOUD! **#226**

SEPULTURA MIDNIGHT

LOMA PRIETA RAGE

RORCAL SUICIDE SILENCE

AMAZING events APRESENTA

30 31 JULHO 01 AGOSTO 2020 QUINTA DO EGA VAGOS PORTUGAL

VAGOS METAL FEST

behemoth

TESTAMENT

+ HARAKIRI + FOR THE SKY

Asphyx

Trollfest

APENAS 1000 BILHETES

ATÉ 25/12/2019 80€

MAIS BANDAS A ANUNCIAR BREVEMENTE

TICKETS AND INFO AT: WWW.VAGOSMETALFEST.COM

HAMMER 3 AMAZING vagos festicket

SIGHTS + SOUNDS

APRESENTAÇÃO DO NOVO ÁLBUM *No Virtue*

COM ANDREW NEUFELD, A VOZ DOS COMEBACK KID!

12.12.19 PLANO B (PORTO)
13.12.19 POPULAR ALVALADE (LISBOA)

BILHETES EM BOL.PT E PONTOS DE VENDA HABITUAIS

SEGUE-NOS NO FACEBOOK E INSTAGRAM @AMAZINGEVENTS.PT